



RB169,565



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

Almeida Garrett

ALMEIDA GARRETT

FREI LUÍS DE SOUSA

UM AUTO DE GIL-VICENTE

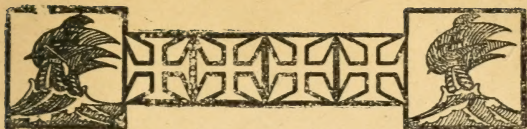
Edição segundo as primeiras edições revistas pelo Autor
e com um prefácio de

TEÓFILO BRAGA



LIVRARIA CHARDRON, de Léo & Irmão,
L.^{da}, edit. Rua das Carmeitas, 144 — Pôrto

Pôrto — Artes Gráficas



DOIS MONUMENTOS

Para compreender como foram escritos êsses dois monumentos literários *Um Auto de Gil-Vicente* e *Frei Luís de Sousa*, com que Garrett fundou o Teatro português e coroou a sua carreira dramática, importa esboçar a convulsão social, que determinou uma Revolução, que êle nobremente serviu e altamente inspirou. Poucos dias antes de rebentar a Revolução de Setembro de 1836, visitara o Conde de Lavradio, em Sintra, D. Maria II e o consorte que veraneavam, e « ao chamar-lhes a atenção sôbre o estado das cousas públicas, chegou a notícia da Rainha Regente haver jurado a Constituição de 1812. Estava eu com a Rainha e disse a S. M. que se preparasse para uma semelhante cousa em Portugal. Disse-me que nunca juraria uma tal Constituição ; — mas para poder tomar uma tal resolução, (respondi eu) é necessário tomar medidas prévias : entre outras medidas lembrei que bom seria mandar preparar a Nau D. João VI para Sua Maj. nela se embarcar e dar dali as suas ordens com segurança, ajudando-se das fôrças britânicas, que tinham ordem de

defender S. M. » Isto passava-se por fins de Agosto, e em 19 de Setembro de 1836, notara o Conde de Lavradio o estado dos espíritos, que impeliam fatalmente para uma Revolução : « Continuam intrigas de toda a espécie ; não há meia dúzia de homens que se entendam ; as paixões dominam completamente a razão, e ninguém sabe o que quer. Todas as classes da Nação chegaram ao último estado de desmoralização e degradação ; parece-me inevitável uma dissolução completa da sociedade, e longa e trabalhosa a sua reorganização. »

O momento para essa trabalhosa reorganização da vida nacional chegou ; escreve ainda o mesmo influente palatino, em 9 de Setembro : « perto da noite saí para Lisboa, aonde cheguei tarde. Depois de estar em casa ouvi o som de tambores e cuidei que era tropa que marchava para o Campo Grande, para a revista que ali devia passar o Príncipe, de madrugada. — Pela manhã soube que os vapores que tinham ido esperar os Deputados que chegavam do Porto, davam excitado um

tumulto dando vivas à Constituição de 1820, e que a este tumulto se haviam reunido parte dos batalhões da Guarda Nacional e finalmente as tropas de linha, e que depois de uma deliberação haviam mandado uma Deputação à Rainha, pedindo-lhe que mandasse publicar a Constituição de 1820. »

O que parecera um tumulto, era a Revolução reorganizadora, que proclamando a Soberania nacional mostrava que os sacrifícios sofridos nas emigrações, nas campanhas da liberdade de 1832 e 1834 não tiveram por objectivo a restauração da Carta de alforria outorgada em 1826. Foi a Revolução de Setembro que iniciou todas as reformas do moderno Portugal, no meio das reacções cartistas, com todas as deturpações que lhes fizeram. O chefe temporal dessa Revolução fecunda foi Passos Manuel, que encontrou em Garrett, *o homem da pena de ouro*, como elle lhe chamava, o inspirador genial e o que dava forma ao seu pensamento.

Entre essa série de reformas, foi criada a *Inspecção geral dos Teatros*, e em 22 de Novembro nomeado

Garrett para o cargo de Inspector. O teatro resumia-se no barracão do Salitre e na mesquinha casa da Rua dos Condes ; os actores, em parte curiosos, e profissionais sem escola, declamavam dramalhões e comédias de cordel ; a literatura dramática consistia em traduções irresponsáveis de charros dramas ultra-românticos franceses. Garrett teve a alta compreensão de que a obra dramática é a que mais directamente actua no espirito e domina a multidão. Pela idealização dramática podia dar a este divórcio das almas a convergencia de um sentimento, avivado pela tradição, que tanto esmalta as épocas históricas da Nacionalidade. A situação de Inspector-geral dos Teatros, facilitou-lhe a execução do seu pensamento, e olhou — « para a restauração ou antes fundação do novo Teatro como para um objecto sublime, uma questão de independência nacional. » Era um homem com fé ; daqui o seu poder criador e a acção fecunda, que exerceu ; êle mesmo começou por orientar o seu génio : abandonando a poética dos trágicos franceses do século xviii ; e tendo na juventude se-

guido essa pauta nas tragédias clássicas *Méropé* e *Catóo*, compreendeu as doutrinas estéticas do Romantismo, neste momento de renovação política, em que com as novas leis se harmonizavam as novas fórmulas de arte. Por um rasgo genial achou um tema sobre que entreteceu o seu primeiro drama, tendo em si implícita a emoção que revelava o pensamento nitido da restauração do Teatro nacional. Esse drama tinha por cenário a Corte de D. Manuel, onde Gil-Vicente iniciara os espectáculos cómicos, como na corte de Fernando e Isabel Juan de la Encina, até na corte de Luís x, Tórres de Naharro, e na de Ferrara o poeta Ariosto. No seu entusiasmo contagioso, porque chegou a aquecer a alma de Herculano e de Castilho, compôs *Um Auto de Gil-Vicente*, de 11 de Junho de 1838 a 10 de Julho seguinte. Parece uma improvisação: e era-o na redacção gráfica, porque a idealização fez-se sobre todos os impulsos da sua mocidade, nas récitas de Coimbra, nas leituras das grandes obras primas, na paixão em que então se concentrava toda a sua delicada sen-

sibilidade. De 1837 a 1841 decorreu esse idillo amoroso, de Adelaide Deville, que aos dezoito anos se apaixonou pelo excelso poeta e se lhe entrega deslumbrada por aquele fulgurante espirito, succumbindo aos vinte e dois, deixando-lhe uma filha de meses. Não é indifferente este episodio da vida de Garrett, junto de Adelaide, em Bemfica, nas suas prolongadas doencas da maternidade; o poeta encontrava o terno recolhimento, em que as tempestades politicas contra o partido setembrista o envolviam. Pode-se crer, que neste mar parceloso, foi essa ingenua crianca o fanal que o salvara de perder-se. Já depois do seu falecimento em 1841, a permanencia de Garrett em Bemfica, nessas dolorosas recordações, facultou-lhe os momentos de concentração para criar essa maravilha do Teatro universal o *Frei Luis de Sousa*, em 1843.

“ Não se limitou Garrett em firmar a fundação do Teatro portuguez dotando-o com belos dramas; pensou também em formar o Repertório da scena nacional, estabelecendo prémios para os nóveis talentos, e o

Conservatório da Arte dramática para julgar e apurar tôda essa nova efflorescência. Como espirito complexo via os factos no seu conjunto, e assim no mesmo intuito obteve subsídios do govêrno para os teatros do Salitre e Rua dos Condes, e para glória suprema da sua missão, conseguiu que se realizasse a edificação do belo Teatro nacional, denominado oficialmente de D. Maria II, e hoje blasonado com o seu prestigioso nome.

O *Auto de Gil-Vicente*, que o próprio autor teve de ensaiar no teatro do Salitre, vencendo a rudeza dos actores, foi representado em 15 de Agosto de 1838, quando estava mais acesa a luta da reacção cartista contra os setembristas; a impressão no público foi de deslumbramento pela sentida evocação de um passado glorioso, emoção que erguia as almas acima das intrigas dominantes: aquelles que foram ajustados para desacatar a obra de Garrett não tiveram coragem para afrontar os aplausos calorosos. Críticos como Herculano, reconheceram que êsse drama era o alicerce do Teatro português. Postas de parte as circunstâncias

morais e históricas da época em que o drama foi concebido e que tanto o valorizam, *Um Auto de Gil-Vicente* tem um merecimento artístico, que para de logo se reconheceu — a *invenção*. Garrett estava em relações em Lisboa com o seu antigo companheiro da primeira emigração em Paris, o erudito José Vitorino Barreto Feio, uma das mais salientes individualidades da Revolução de Setembro. Esse contacto o aproximou do conhecimento das Obras de Gil-Vicente, que Barreto Feio publicara em Hamburgo em 1834. Da leitura desses Autos, Farças e Tragicomédias, Garrett hauriu a atmosfera tradicional das origens do Teatro português e a veneração pelo vulto do seu fundador Gil-Vicente. A simpatia o inspirava para a iniciativa de uma restauração, evocando o assombroso poeta que *fazia os Autos a El-rei*; daí a visão da Córte esplêndida de Dom Manuel, como fundo de um surpreendente quadro. O tema do drama saltou-lhe aos olhos ao lêr a rubrica da Tragicomédia das *Córtes de Júpiter*: « feita ao muito alto e poderoso rei Don Manuel — á partida da illus-

trissimã Senhora Infanta D. Beatriz Duqueza de Saboia. Foi representado nos Paços da Ribeira da cidade de Lisboa, era de 1519. » O nome da Infanta sugeriu a lembrança da lenda dos amores do poeta Bernardim-Ribeiro por quem fôra *levada para longes terras*. Não era então possível apurar o fundo histórico da lenda hoje restituída à sua realidade. Ou com a Infanta D. Beatriz ou com Joana Zagalo, a *Aónia*, prima do poeta, a lenda era um belo elemento dramático, e o modo como Garrett o tornou a alma da Tragicomédia das *Córtes de Júpiter* é uma luminosa *invenção*. A peça termina com a vinda da moura Taes para entregar à Infanta os talismans da felicidade, um anel e um terçado ; é sob essa figura secundária que Bernardim-Ribeiro arteiramente se introduz para despedir-se da Infanta e restituir-lhe o anel que recebera em horas de ventura. Herculano sentiu a beleza da *invenção*, escrevendo no *Panorama* : « O génio a restituiu à memória dos homens dando-lhe nova vida e novas galas e formosura. » No séquito da Infanta D. Beatriz ia também

a sua antiga ama D. Inês Dias Zagalo, mãe de *Aônia*; esta circunstância basta com leve retoque para dar realidade à intervenção de Bernardim-Ribeiro no Auto, porque a esse tempo ignorava que sua prima fôra recolhida no convento das Clarissas de Estremoz.

Continuava a tempestade política, fomentada pelo Coburgo da Bélgica, e pelo Coburgo de Inglaterra, actuando sobre o sobrinho consorte da rainha D. Maria II, que dirigido pelo seu intrigante pedagogo, sr. Diez, pelos ministros belga Voyer e inglês Howard, coadjuvada pela audácia de Costa Cabral, envolveram o desgraçado Portugal em um vórtice de golpes de estado e de traições da rainha. Garrett tinha redigido a Constituição de 1838; os restauradores da Carta outorgada odiavam-no mortalmente e espalhavam contra êle as maiores calúnias, a ponto de Ferdinand Denis, em um volume das *Memoires* do Cavalheiro de Oliveira pôr ao nome de Garrett em fôlha manuscrita, que *était sans aucune espèce de moralité*. A camarilha do paço, principalmente as damas, marquesa de Ponta Delgada

e outras incutiram no ânimo da rainha um rancor que aparece em uma de suas cartas, para o — *Garrett* deixar a embaixada de Bruxelas, e nomear-se um sobrinho da marquesa. Foi nesta embaixada da Bélgica, que *Garrett* tomou conhecimento da *lingua* e literatura alemã, e compreendeu como a verdadeira obra de arte continha sôbre o seu fundo tradicional o espirito filosófico, essencialmente humano e universalista. Na sua Autobiografia, tam interessante pela consciência que tem *Garrett* da sua missão literária e politica, confessa esta elevação de critério, que se reflectiu na criação do maravilhoso drama *Frei Luis de Sousa*. No meio dos golpes de estado da fúria cartista dominante sob o estandarte *Cabralista* é que o *Frei Luis de Sousa* foi concebido, achando-se esta obra sagrada do génio exposta às repugnantes perpetrações partidaristas.

No drama *Frei Luis de Sousa*, pungente, em que a pátria se encarna no verbo do mais poderoso génio depois de Camões, há, acima da obra estética, o ambiente social e politico em que o concebeu *Garrett*. É

isto o que o coloca a par de Camões, irmanando as duas almas que tiveram o mais profundo sentimento da raça, e que mais sofreram as catástrofes da nacionalidade portuguesa. Camões era odiado pelos que serviam o partido *Castelhanista*, e que estavam preparando (comprando) a entrega de Portugal a Filipe II; pelo seu lado Garrett, sustentando o princípio da soberania nacional reivindicado pela Revolução de Setembro de 1836, era caluniado e perseguido pelos usufrutuários da Carta outorgada, pelos que tramavam as *intervenções armadas estrangeiras* contra as liberdades constituídas. O comentário dos *Lusiadas* está em tóda a história de Portugal, tendo o calamitoso remate de 1580: a obra de Garrett fulge em tóda a sua luz nesse caos de traição e crimes que desde 1823 a 1831 complicaram tóda a laboriosa implantação do regimen liberal falsificado até provocar a expulsão da dinastia bragançina, e proclamação da soberania da nação. Pouco tempo depois de ter escrito *Frei Luis de Sousa*, formulava Garrett na edição do *Romanceiro*, de 1843: «pe-

los tempos em que vamos, tam baralhado anda tudo, que até a história literária e poética se confunde com a dos sucessos e relações politicas. • Nesta confusão é que se encontra o impulso que levou Garrett a fortalecer-se na idealização literária.

Depois da Constituição de 1838 não se pensou senão em substituí-la retrogradando pela violência à Carta outorgada de 1826, em desfazer ou deturpar tôdas as fundações da Revolução de Setembro que firmára a Soberania na vontade nacional. Como Garrett fôra a alma da Revolução de 1836, impediram-lhe a entrada no parlamento, fizeram-no odiado no Pôrto, terra da sua naturalidade, e trataram de demolir a sua criação vital — o *Conservatório da Arte dramática*. Nesta angústia, ao ver triunfante a reacção palaciana, pela revolta de Costa Cabral, que sendo ministro da justiça fôra ao Pôrto restabelecer com o auxílio da soldadesca a Carta outorgada, Garrett, ante a torpeza do facinoroso caudilho das intrigas palatinas, compôs o drama *O Alfageme de Santarém*, sintetizando a vida da na-

cionalidade na resistência popular. *O Alfageme de Santarém* depois de ensaiado, sofreu delongas embaraçando-lhe a entrada na scena, porque a facção palatina e cabralista temia-se das situações empolgantes e das frases cáusticas com que o poeta aludia à miséria a que estava assistindo. O drama sempre conseguiu ser exposto a um conluio de pateantes assalariados, mas dominou pela majestade do sentimento, que fez Garrett vibrar em unanimidade. Neste ano de 1842 é que os rancores políticos mais o assaltaram, sobretudo quando conseguiu entrar no parlamento e fulminar olímpicamente todos êsses lances da pedantocracia, simbolizada na imagem do Pôrto Piréo. As réplicas foram bestiais: por decreto de 26 de Julho de 1841 foi demittido dos logares *gratuitos* de Cronista-mór do Reino e de Inspector geral dos Teatros; e por decreto de 7 de Outubro de 1842 demittido de Conservador das Escolas de Declamação no Conservatório dramático. Garrett planeava um julgamento de todos êsses personagens na obra que tracejava *Vinte Anos da História de*

Portugal, que anunciou em 1843 ; seria um quadro valioso desde a Revolução de 1820, reacção dos Apostólicos, emigrações, forças miguelinas, cercos da Terceira e do Pôrto, Devorismo após o triunfo, até ao triunvirato do Coburgo, Diez e Costa Cabral. Que páginas fulminantes traçaria a mão que escreveu a *Carta de Mécio Scévola* ! Mas a paixão artística levou-o para emoções mais puras e edificantes. O drama *Frei Luis de Sousa* foi começado em 27 de Maio de 1843, como se vê de um primeiro rascunho. No isolamento temporário de um traumatismo, Garrett evocou as reminiscências da mocidade, onde achou o primeiro esbôço do *Frei Luis de Sousa*, na representação em um teatro de lona em Vila do Conde, que lhe sugeriu o lance dramático do incêndio do palácio de Manuel de Sousa Coutinho, com que finaliza o primeiro acto. Na sua passagem como soldado da Expedição liberal na Ilha Terceira, teve ocasião de ver o retrato autêntico do rei D. Sebastião no Colégio dos Jesuítas de Angra ao qual fôra oferecido, e essa impressão deu-lhe a ressurreição

de uma época: O tipo de Telmo-Pais viu-o êle nas antigas famílias portuguesas, em que o escudeiro se tornava pela idade e convivência simpática, um quasi parente. E Maria, a débil criança, que morre de vergonha vendo que se separam os seus progenitores, porque ainda está vivo o marido de sua mãe, surgia-lhe na mente, diante de sua filhinha Maria Adelaide de pouco mais de dois anos, que lhe ficara dêsse atormentados amores de Adelaide Deville, extinta aos vinte e dois anos. Êsse presentimento realizou-se ; porque D. Maria Adelaide na adolescência veiu a saber que D. Luísa Midosi, espôsa de seu pai, estava viva em Paris, vindo a confinar-se na vida doméstica com a vergonha do seu nascimento. A pátria, abafada na sua autonomia pelas violências palatino-cabralistas, ainda reviverá, sentia-o. Era uma *esperança*, uma ansiedade messiânica, que na sua fórmula popular tomava o aspecto de *Sebastianismo*. Como Garrett soube sentir pela instabilidade da sua época o ideal que alentou a fase histórica, que constituiu o quadro social de *Frei Luís de Sousa* ! Êsse

Sebastianismo, que era o carácter étnico do povo português, ramo da raça ligúrica, sempre animado da eterna esperança, e que irmana D. Sebastião com o Rei Artur, o das *esperanças britónicas*, não podia ser comprehendido por quem julgava a nação portugueza produto da vontade dos seus governantes; por isso Oliveira Martins considerava o *Sebastianismo* como uma passividade dolente e apática do povo português.

Garrett tinha sido demitido do *Conservatório da Arte dramática*, e por nobre impulso aí foi ler o *Frei Luís de Sousa* em 7 de Maio de 1843. O assombro tornou-se enorme, e a necessidade de admirar essa maravilha instante. Fez então a segunda leitura em casa da familia Krus, e como refere o poeta, pela emoção intensa que produziu, começou a acreditar na sua obra. Como o grande orador leria a obra que sentira! Resolveu-se immediatamente dar-lhe a vida objectiva da scena; nesse grupo de pessoas que ouviram ler o drama, escolheram para actores, alguns eminentes embora não profissionais, como D. Emília Krus, como Duarte de

Sá, pai e filho. No teatro da Quinta do Pinheiro, junto a Sete Rios, pertencente a Duarte de Sá, fez-se em 4 de Julho de 1843 a memorável primeira representação de *Frei Luís de Sousa*; aí brilhou com o seu extraordinário talento D. Emilia Krus, desempenhando o papel de D. Madalena de Vilhena; o próprio Garrett sujeitou-se a representar o personagem do escudeiro velho Telmo-Pais. A esta representação assistiu Alexandre Herculano e chorou.

Quem conhece a estrutura d'este drama, que com os meios mais simples das situações naturais produz as mais profundas emoções, que se não pode ler ou ver representar sem soltar lágrimas, cuidará que obteve uma consagração indiscutível, tal como a que encontrou nas literaturas modernas, que por traduções o tornaram uma obra europeia.

Não; o *Frei Luís de Sousa* foi logo desvirtuado pela má fé de uma crítica sôrna ao serviço do cartismo ou cabralismo sanguinário. Lembraram-se de acoimar Garrett de imitar e ficar abaixo de Ferdinand Denis, que

em 1837 publicára um romance em dois volumes com o título *Luis de Sousa*, em que supria por situações romanescas e aventuras de imaginação o que lhe faltava em evocação histórica e emoção poética da lenda. Garrett ressentiu-se desta perfidia na *Memória* lida ao Conservatório, acentuando as diferenças entre as duas obras que só teem de comum o título: « Um estrangeiro fez há pouco um romance da aventureosa vida de Frei Luis de Sousa. Há muito enfeite de maravilhoso nesse livro, que não sei se agrada aos estranhos; a mim, que sou natural, pareceu-me empanar a singela beleza de tam interessante história. — Quiseram depois fazer crêr que o drama portuguez era tirado ou principalmente imitado dêsse romance francês de que já vos falei e que eu não tinha lido então. Fui lê-lo imediatamente; e achei falsa de todo a acusação, mas achei mais falsa ainda a preferênciã de ingenuidade que a êsse romance ouvia dar, e assentei fazer êste drama. »

Como o *Frei Luis de Sousa* era para Garrett um triunfo pela sua suprema beleza, trataram os da cá-

fila de embaraçar a sua representação nos teatros públicos. Custa a crêr : mas lê-se na *Revista universal lisbonense*, em artigo de 11 de Agosto de 1847 :

« O belo drama *Frei Luís de Sousa*, elogiado pela douta Alemanha, cercado de sinceros louvores pela mais escolhida sociedade portuguesa, intimou-se *verbalmente* o teatro do Salitre para o não pôr em scena ; e se depois se concedeu subir êle ao palco foi mutilado com ineptas tezouradas ! »

A Censura dramática exercida sob o nome do Marquês de Fronteira por um fulano Andrade, seu secretário, atreveu-se a fazer supressões ao *Frei Luís de Sousa* de Garrett. Na mesma Revista mais se lê :

« Para suspender e depois mutilar *Frei Luís de Sousa* argumentou-se com Espanha ! O rasgo nobre de um português não pode nunca ofender um castelhano. Eliminar o belo feito de Manuel de Sousa no final do 1.º acto para evitar complicações diplomáticas, e sobretudo apear uma Senhora do Amparo que ali aparece em imagem como *desacato religioso* ! Convertido **assim**

o mais regular e admirável dos nossos dramas num monstro informe, a Censura licenceia-o. — Êstes increíveis atentados da Censura, que eram dignos da punição da comédia se não ferissem interêsses e direitos, provocam a indignação da imprensa, que é sócia do teatro pela liberdade de pensamento.

• *Frei Luís de Sousa* acha-se impresso, e o nome do seu autor junto ao conhecimento dos que o lêram, basta para condenar a Censura. •

Êste artigo, que é um terrível documento histórico, acha-se firmado pelas iniciais L. A. R., que supômos designar Luís Augusto Rebêlo da Silva, que em um caloroso juízo critico sôbre o *Frei Luís de Sousa* fez sentir o fundo de realidade nesse tipo ideal de Maria, a que morre de vergonha.

O Teatro normal ou de D. Maria II, que pelos seus esforços Garrett erguera, estava vedado às suas obras dramáticas; representavam-se all dramalhões ultra-românticos e detestáveis traduções de banalissimos dramas francezes. A boçal interdição que pesava sôbre o

Frei Luis de Sousa, só se interrompeu momentaneamente em 24 de Fevereiro de 1850, em que esse teatro teve a sua verdadeira inauguração representando-se aí a obra prima do seu criador. Essa data de 1850 tem a sua significação: o partido palaciano que hostilizava Garrett, estava cansado das tropellas de D. Maria II e aproximava-se dos setembristas em uma *entente* que preparou a Regeneração de 1851. Esse momento de tréguas permitiu que o drama incomparável irrompesse como um sol esplêndido dentre os nimbos de paixões odientas.

Romero Ortiz no seu livro *A Literatura portuguesa no século XIX*, lembrou-se de apontar a grandiosa scena do fim do primeiro acto do *Frei Luis de Sousa* como uma imitação do *Castellano leal* do Duque de Rivas, simples romance metrificado; Joaquim de Araujo, na monografia ácerca do drama de Garrett, refutou o asserção: « O contrário é que se deu; o duque de Rivas é que foi influenciado pela obra do nosso grande escritor... A acção de Garrett reflectiu-se na renovação

da literatura hespanhola * Um erudito madri-
leno escrevia em 1845 : = El fué quien a la volta de su
emigracion hizo al Portugal la revelacion del gusto
nuevo — y que tanto contribuyó a lanzar a nuestro
Duque de Rivas en el rumbo de las nuevas obras de
emancipacion literaria. = (*Op. cit.*, p. 62). Como in-
comparável artista, Garrett inspirou-se em todos os
elementos tradicionais, que conduziã á sintese es-
tética de um drama. A scena do retrato e do peregrino,
que são shakespeareanas, encontrou-as Garrett nas
poucas linhas das *Memoires* do Cavalheiro de Olivei-
ra. (1) * Em Arte como em tôdas as cousas, o gérmen

(1) Nas *Memórias* do Cavalheiro de Oliveira, vem a tra-
dição sôbre que Garrett criou a sublime scena do retrato no
seu drama *Frei Luís de Sousa*. É precioso o facto para pe-
netrarmos na génese da sua suprema obra de arte :

* Il arriva quelque temps après, que le mari de cette dame
qui était esclave parmi les Maures, vit un Marchant qui de-
voit aller en Portugal, Il le supplia d'avertir sa femme de

é mais importante que o desenvolvimento ; a quele pode existir sem arte, e não o inverso.» (Somy *Études.*, p. 214). É por este fenómeno que a beleza da obra de arte se comprehende e avalia pelo desenvolvimento de-

l'état où il était. Cet homme la vint trouver ensuite, et l'assura qu'il avoit vu son mari parmi les Maures, et qu'il l'avoit prié de lui dire certaines choses pour faciliter sa delivrance. Cette dame se trouva dans la surprise qu'on peut s'imaginer en telle rencontre, et elle ne savoit si elle devoit ajouter foi aux paroles de cet homme, les trouvant contraires à tant d'assurances qu'on lui avoit donnés de la mort de celui qu'il soutenoit être vivant.

« Souza, qui était fort sage, et qui craignoit Dieu, la voyant dans une si grande agitation lui dit, qu'il savoit un moyen pour la tirer de cette incertitude où elle était. En même temps il mena ce Marchand dans une Gallerie de sa maison, où il y avoit beaucoup de portraits, et entre autres celui de ce Gentilhomme, qu'il assurait avoir vu, et n'être pas mort. Puis, il lui dit; que s'il connoisseit bien celui dont il parloit, si le discernât d'entre les autres, et le lui montrât. Cet hom-

finitivo que deu ao gérmen tradicional. É esse o poder da supremacia dos génios, como em Shakespeare, em Goethe e também em Garrett, continuando o processo da Vida, que reveste a celula generativa com a exuberância plástica das células somáticas.

TEÓFILO BRAGA.

me s'excusa d'abord en disant que le traitement si rude qui souffrait ce Gentilhomme, étant Esclave depuis tant d'années l'ayant beaucoup défiguré, pouvait l'avoir rendu peu semblable à ce qu'il était autre fois. Néanmoins ayant jetté les yeus sur son portrait, il le reconnut aussitôt et lui dit qui c'était celui-là.

« Souza ne demanda point d'autre assurance. Il rapporta ceci à cette Dame et resolu ausstôt de quitter le monde, n'ayant point d'enfents qui l'y pussent retenir et d'entrer dans l'Ordre de S. Dominique. Elle se retira aussi en même temps dans un Monastère de Religieuses des plus reformées de Lisbonne. » (*Op, cit.*, II, p. 325, Haya, 1743).





FREI LUÍS DE SOUSA

Não havia a mínima tenção de entregar nunca à scena *Frei Luís de Sousa*, nem tam cedo à imprensa, quando se acabou de compor nos fins do inverno passado. Resolveu, porém, o autor apresentá-lo ao Conservatório, com a memória que adiante vai transcrita, em testemunho de consideração por aquele estabelecimento que fundára.

Lida a memória em conferência, segundo o costume académico, e deposta na mesa com o drama, foram gerais as instâncias para que êste se lesse também. O autor não se fez muito rogar, porque bem desejava observar o efeito que produziria em auditório tam escolhido a sua nova tentativa.

Se o não iludiu a cegueira de poeta, nem o quis enganar a benevolência dos muitos amigos que ali estavam, o efeito foi maior do que nunca se atreveriam a prevê-lo as mais sanguíneas esperanças do escritor mais seguro de si e do seu público.

A imprensa fez eco ao favorável juízo do Conservatório ; e o drama teve a boa estreia de começar a ser bemquisto do público antes ainda de lhe ser apresentado.

Foi isso causa de lhe pedirem, e o autor fazer com muito gôsto, outra leitura dêle na sociedade intima de uma familia que préza como sua e à qual o prendem de sincera e estreita amizade — não só, nem tanto, as relações de algum contraparentesco, mas muito mais as de afeição verdadeira, de estima bem fundada e experimentada em qualidades que se vão fazendo cada dia mais raras nesta terra.

Em tudo e sempre — excepto numa coisa que não vem para aqui — se pode e deve ter mais fé, nas mulheres que nos homens : em coisas de arte o seu voto é decisivo. Desde aquella leitura o autor começou a acreditar na sua obra como composição dramática, pois até então ingénuamente a reputava mais um *estudo* para se examinar no gabinete, do que próprio quadro para se desenrolar na exposição pública da scena.

Resolveu-se ali logo, e na excitação do momento, representar o drama em um teatro particular. Distribuíram-se as partes, começaram os ensaios, e em poucas semanas, a-pesar-de tôdas as dificuldades, subiu à scena na quinta do Pinheiro, a cujos amáveis donos não há obséquo nem fineza que não deva o autor e a peça.

O teatro é pequeno, mas acomoda muita gente ; e encheu-se do que há mais luzido e brilhante na « sociedade ». As lágrimas das senhoras e o aplauso dos homens fizeram justiça ao incomparável, mérito dos actores, principalmente das damas, a quem, sem a menor sombra de lisonja, nem sequer de cumprimento, o autor

pode dizer que deve a mais apreciável corôa literária que ainda recebeu.

Na tribuna e no fóro, nos teatros e nas academias, nas assembleias do povo e nos palácios dos reis, em tôda a parte lhe teem cortado dessas palmas que verdejam um dia, que hoje dá o favor, que amanhã tira a inveja; que, enquanto estão no viço, fazem curvar o joelho ao vulgo dos pequenos, e ao vulgo — muito mais vulgo — dos grandes; mas que em secando, no outro dia, são açoite que empunha logo a vileza d'esses covardes para se vingarem nas costas do que os humilhou, e a quem não perdôam o tempo que estiveram de joelhos . . . Ceitados! ¿ pois não é essa a sua vida, a sua posição natural? É; mas querem fingir, de vez em quando, que não, e que podem estar direitos como a gente de bem. O autor de *Frei Luís de Sousa* avalia isso no que isso vale; e só pendura destoutras corôas no templo singeiro da sua memória, onde o fasto nunca entrou nem foi adorada a vaidade.

Para lembrança daquela noite de satisfação tão pura, se escrevem aqui os nomes dos amáveis artistas que verdadeiramente foram os que realizaram e deram vida às vagas concepções que o poeta esboçara neste drama. Eram distribuidos os papeis d'este modo:

Ex.^{mos} Srs.

D. Emília Krus-de-Azevedo	<i>Madalena.</i>
D. Maria da Conceição de Sá	<i>Maria.</i>
Joaquim José de Azevedo	<i>Manuel de Sousa.</i>
António Pereira da Cunha	<i>Frei Jorge.</i>
Duarte Cardoso de Sá	<i>Romeiro.</i>
António Maria de Sousa Lôbo	<i>Prior.</i>
Duarte de Sá, Júnior	<i>Miranda.</i>

O autor supriu, no papel de *Telmo*, a falta de um amigo impossibilitado. Ponto, córos, e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos íntimos.

Faz gôsto recordar tôdas estas circunstâncias: é roubar uma página à monótona história da semsaboria do tempo.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1843.



AO CONSERVATÓRIO REAL ⁽¹⁾

SENHORES :

Um estrangeiro fez, há pouco tempo, um romance da aventureosa vida de Frei Luis de Sousa. Há muito enfeite de maravilhoso neste livro, que não sei se agrada aos estranhos ; a mim, que sou natural, pareceu-me empanar a singela beleza de tam interessante história. Exponho um sentimento meu ; não tive a mínima idéa de censurar, nem sequer de julgar a obra a que me refiro, escrita em francês, como todos sabeis, pelo nosso consócio o sr. Fernando Dinis.

É singular condição dos mais belos factos e dos mais belos caracteres que ornarn os fastos portuguezes, serem tantos dêles, quási todos êles de uma extre-

(1) Foi lida esta Memória em conferência do Conservatório Real de Lisboa em 6 de Maio de 1843.

ma e estreme simplicidade. As figuras, os grupos, as situações da nossa história — ou da nossa tradição — que para aqui tanto vale — parecem mais tallados para se moldarem e vasarem na selenidade severa e quasi estatuária da tragédia antiga, do que para se pintarem nos quadros, mais animados talvez, porém menos profundamente impressivos, do drama novo — ou para se entrelaçarem nos arabescos do moderno romance.

Inês de Castro, por exemplo, com ser o mais belo, é também o mais simples assunto que ainda trataram poetas. E por isso todos ficaram atrás de Camões, porque todos, menos elle, o quiseram effeitar julgando dar-lhe mais interêsse. (1)

Na história de Frei Luís de Sousa — como a tradição a legou á poesia, e desprezados para este effeito os embargos da critica moderna — a qual, ainda assim, tam somente alegou mas não provou — nessa história, digo, há toda a simplicidade de uma fábula trágica antiga. Casta e severa como as de Éschylo, apaixonada como as de Eurípides, enérgica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que essoutras, aquella unção e delicada sensibilidade que o espirito do Cristianismo derrama por toda ella, molhando de lágrimas contritas o que seriam desesperadas ânsias num pagão,

(1) Profunda observação de Mr. Adamson, citando um crítico alemão, a respeito das causas por que entre tantas tragédias de *Inês de Castro*, portuguezas, castelhanas, francesas, inglesas e alemãs, nenhuma tinha saído verdadeiramente digna do assunto. Vej. *Memoirs of Camoens by John Adamson*.

acendendo até nas últimas trevas da morte, a vela da esperança que se não apaga com a vida.

A catástrofe é um duplo e tremendo suicídio ; mas não se obra pelo punhal ou pelo veneno : foram duas mortalhas que caíram sôbre dois cadáveres vivos : — jazem em paz no mosteiro, o sino dobra por êles ; morreram para o mundo, mas vão esperar ao pé da Cruz que Deus os chame quando fôr a sua hora.

A desesperada resignação de Prometheu cravado de cravos no Cáucaso, rodeado de curiosidades e compaixões, e com o abutne a espicaçar-lhe no fígado, não é mais sublime. Os remorsos de Edipo não são para comparar aos esquisitos tormentos de coração e de espirito que aqui padece o cavalheiro pundonoroso, o amante delicado, o pai estremecido, o cristão sincero e temente do seu Deus. Os terrores de Jocasta fazem arripiar as carnes, mas são mais asquerosos do que sublimes ; a dôr, a vergonha, os sustos de D. Madalena de Vilhena revolvem mais profundamente no coração tôdas as piedades, sem o paralizar de repente com uma compressão de horror que excede as fôrças do sentimento humano. A bela figura de Manuel de Sousa Coutinho ao pé da angélica e resignada fôrma de D. Madalena, amparando em seus braços entrelaçados o inocente e mal estreado fruto de seus fatais amores, formam naturalmente um grupo, que se eu pudesse tomar nas mãos o escope de Canova ou de Torwaldson — sei que o desentranhava de um cêpo de mármore de Carrara com mais facilidade, e de-certo com mais felicidade, do que tive em pôr o mesmo pensamento por escritura nos três actos do meu drama.

Esta é uma verdadeira tragédia — se as pode haver, e como só imagino que as possa haver sôbre factos

e pessoas comparativamente recentes. Não lhe dei todavia esse nome porque não quis romper de vizeira com os estafermos respeitados dos séculos que, formados de peças que nem ofendem nem defendem no actual guerrear, inanimados, ôcos e postos ao canto da sala para onde ninguém vai de propósito — ainda teem contudo a nossa veneração, ainda nos inclinamos diante dêles quando ali passamos por acaso.

Demais, posto que eu não creia no verso como lingua dramática possível para assuntos tam modernos, também não sou tam desabusado contudo que me atreva a dar a uma composição em prosa o titulo solene que as musas gregas deixaram consagrado à mais sublime e difícil de tôdas as composições poéticas.

O que escrevi em prosa, pudera escrevê-lo em verso; — e o nosso verso sôlto está provado que é dócil e ingénuo bastante para dar todos os efeitos da arte sem quebrar na natureza. Mas sempre havia de aparecer mais artificio do que a índole especial do assunto podia sofrer. E di-lo hei porque é verdade — repugnava-me também pôr na bôca de Frei Luis de Sousa outro ritmo que não fôsse o da elegante prosa portuguesa que êle, mais do que ninguém, deduziu com tanta harmonia e suavidade. Bem sei que assim ficará mais clara a impossibilidade de imitar o grande modêlo; mas antes isso, do que fazer falar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua.

Contento-me para a minha obra com o titulo modesto de drama; só peço que a não julguem pelas leis que regem, ou devem reger, essa composição de fôrma e índole nova; porque a minha, se na fôrma desmerece da categoria, pela índole há-de ficar pertencendo sempre ao antigo género trágico.

Não o digo por me dar aplauso, nem para obter favor tam pouco ; senão porque o facto é êsse, e para que os menos reflectidos me não julguem sôbre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver.

Não sei se o fiz : a difficuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nenhuma acção mais dramática, mais trágica do que esta ; mas as situações são poucas : estender estas de invenção era adelgaçar a fôrça daquela, quebrar-lhe a energia. Em um quadro grande, vasto — as figuras poucas, as atitudes simples, é que se obram os grandes milagres da arte pela correcção no desenho, pela verdade das côres, pela sábia distribuição da luz.

Mas ou se há-de fazer um prodígio ou uma semsaboria. Eu sei a que empresa de Ícaro me arrojci, e nem tenho mares a que dar nome com a minha queda : elas são tantas já !

Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caracteres violentos de nenhum género. Com uma acção que se passa entre pai, mãe e filha, uma frade, um escudeiro vêlho, e um peregrino que apenas entra em duas ou três scenas — tudo gente honesta e temente a Deus — sem um mau para contraste, sem um tirano que se mate ou mate alguém, pelo menos no último acto, como eram as tragédias dantes — sem uma dança macabra de assassinios, de adultérios e de incestos, tripudiada ao som das blasfêmias e das maldições, como hoje se quere fazer o drama — eu quis ver se era possível excitar fortemente o terror e a piedade — ao cadáver das nossas plateias, gastas e caquéclicas pelo uso contínuo de estimulantes violentos, galvanizá-lo com sós êstes dois metais de lei.

Repto sinceramente que não sei se o consegui ; sei, tenho fé certa que aquele que o alcançar, êsse achou a tragédia nova, e calçou justo no pé o coturno das nações modernas ; êsse não accite das turbas o τραγος consagrado, o bode votivo ; não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bôrras de vinho para fazer visagens ao povo, êsse atire a sua obra às disputações das escolas e das parcialidades do mundo, e recolha-se a descansar no sétimo dia de seus trabalhos, porque tem criado o teatro da sua época.

Mas se o engenho do homem tem bastante de divino para ser capaz de tamanha criação, o poder de nenhum homem só não virá a cabo dela nunca. Eu julgarei ter já feito muito se, directamente por algum ponto com que acertasse, indirectamente pelos muitos em que errei, concorrer para o adiantamento da grande obra que trabalha e fatiga as entranhas da sociedade que a concebeu, e a quem peja com afrontamentos e nojos, porque ainda agora se está a formar em principio de embrião.

Nem pareça que estou dando grandes palavras a pequenas coisas : o drama é a expressão literária mais verdadeira do estado da sociedade : a sociedade de hoje ainda se não sabe o que é : o drama ainda se não sabe o que é : a literatura actual é a palavra, é o verbo, ainda balbuciante, de uma sociedade indefinida, e contudo já influi sôbre ela ; é, como disse, a sua expressão, mas reflecte a modificar os pensamentos que a produziram.

Para ensaiar estas minhas teorias de arte, que se reduzem a pintar do vivo, desenhar do nu, e a não buscar poesia nenhuma nem de invenção nem de estilo fóra da verdade e do natural, escolhi êste assunto, por-

que em suas mesmas dificuldades estavam as condições de sua maior propriedade.

Há muitos anos, percorrendo um verão pela deliciosa beira-mar da provincia do Minho, fui dar com um teatro ambulante de actores castelhanos fazendo suas récitas numa tenda de lona no areal da Póvoa-de-Varzim, — além de Vila-do-Conde. Era tempo de banhos, havia feira e concorrência grande; fomos à noite ao teatro: davam a *Comédia famosa* não sei de quem, mas o assunto era este mesmo de *Frei Luís de Sousa*. Lembra-me que ri muito de um homem que nadava em certas ondas de papelão, enquanto num altinho, mais baixo que o cotovelo dos actores, ardia um palaciozinho também de papelão . . . era o de Manuel de Sousa Coutinho em Almada!

Fôsse de mim, dos actores ou da peça, a acção não me pareceu nada do que hoje a acho, grande, bela, sublime de trágica majestade. Não se obliteram facilmente em mim impressões que me entalhem, por mais de leve que seja, nas fibras do coração: e as que ali recebi estavam inteiramente apagadas quando, poucos anos depois, lendo a célebre Memória do sr. bispo de Viseu D. Francisco Alexandre Lôbo, e relendo, por causa dela, a remanesca mas sincera narrativa do padre Frei António da Encarnação, pela primeira vez atentei no que era de dramático aquelle assunto.

Não passou isto, porém, de um vago relancear do pensamento. Há dois anos, e aqui nesta sala, quando ouvi ler o curto mas bem sentido relatório da comissão que nos propôs admitir às provas públicas o drama, o *Cativo de Fez*, é que eu senti como um raio de inspiração nas reflexões que ali se faziam sobre a comparação

daquella fábula engenhosa e complicada com a história tam simples do nosso insigne escritor.

Quiseram-me depois fazer crer que o drama português era todo tirado, ou principalmente imitado, dêsse romance francês de que já vos falei e que eu ainda não tinha lido então. Fui lê-lo imediatamente, e achei falsa de todo a acusação, mas achei mais falsa ainda a preferência de ingenuidade que a êsse romance ouvia dar. Pareceu-me que o assunto podia e devia ser tratado de outro modo, e assentei fazer êste drama.

Escuso dizer-vos, Senhores, que me não julguei obrigado a ser escravo da cronologia nem a rejeitar por impróprio da scena tudo quanto a severa crítica moderna indigitou como arriscado de se apurar para a história. Eu sacrifico às musas de Homero, não às de Heródoto: e quem sabe, por fim, em qual dos dois andares arde o fogo de melhor verdade!

Versei muito e com muito afinçada atenção, a Memória que já citei do douto sócio da Academia Real das Sciências o sr. bispo de Viseu; e colacionei tôdas as fontes de onde êle derivou e apurou seu copioso cabedal de notícias e reflexões; mas não foi para ordenar datas, verificar factos ou assentar nomes, senão para estudar de novo, naquêle belo compêndio, caracteres, costumes, as côres do logar e o aspecto da época, aliás das mais sabidas e averiguadas.

Nem o drama, nem o romance, nem a epopeia são possíveis, se os quizerem fazer com a *Arte de verificar as datas* na mão.

Esta quási apologia seria ridícula, Senhores, se o meu trabalho não tivesse de aparecer senão diante de vós, que por intuição deveis de saber, e por tantos documentos tendes mostrado que sabeis, quais e quão

largas são, e como limitadas, as leis da verdade poética, que certamente não deve ser opressora, mas também não pode ser escrava da verdade histórica. Desculpai-me apontar aqui esta doutrina, não para vós que a professais, mas para algum escrupuloso mal advertido que me pudesse condenar por infracção de leis a que não estou obrigado porque não as accitei.

E todavia cuido que, fóra dos algarismos das datas, irreconciliáveis com todo o trabalho de imaginação, pouco haverá, no mais, que ou não seja puramente histórico, isto é, referido como tal pelos historiadores e biógrafos, ou implicitamente contido, possível, e verosímil de se conter no que êles referem.

Ofereço esta obra ao Conservatório Real de Lisboa, porque honro e venero os eminentes literatos, e os nobres caracteres cívicos que êle reúne em seu seio, e para testemunho sincero também da muita confiança que tenho numa instituição que tam útil tem sido e há-de ser à nossa literatura renascente, que tem estimulado com prémios, animado com exemplos, dirigido com sábios conselhos a cultura de um género que é, não me canso de o repetir, a mais verdadeira expressão literária e artística da civilização do século, e reciprocamente exerce sôbre ela a mais poderosa influência.

Eu tive sempre na minha alma êste pensamento, ainda antes — perdoai-me a inocente vaidade, se vaidade isto chega a ser — ainda antes de ête aparecer formulado em tam elegantes frases por êsses escritores que alumiam e caracterizam a época, os Vitor-Hugos, os Dumas, os Scribes. O estudo do homem é o estudo dêste século, a sua anatomia e fisiologia moral as sciências mais buscadas pelas nossas necessidades actuais. Coligir os factos do homem, emprêgo para o sábio;

compará-los, achar a lei de suas séries, occupação para o filósofo, o politico; revesti-los das fórmulas mais populares e derramar assim pelas nações um ensino fácil, uma instrução intellectual e moral que, sem aparato de sermão ou prelecção, surpreenda os ânimos e os corações da multidão, no meio de seus próprios passatempos — a missão do literato, do poeta. Eis aqui porque esta época literária é a época do drama e do romance, porque o romance e o drama são, ou deveriam ser, isto.

Parti dêsse ponto, mirei a êste alvo desde as minhas primeiras e mais juvenis composições literárias, escritas em tam desvairadas situações da vida, e as mais delas no meio de trabalhos sérios e pesados, para descansar de estudos mais graves ou refocilar o espirito fatigado dos cuidados públicos — alguma vez também para não deixar secar de todo o coração na aridez das coisas politicas, nas quais é fôrça apertá-lo até endurecer para que nô-lo não quebre o egoísmo duro d'os que mais carregam onde acham mais brande, ferem com menos dó e com mais covarde valentia onde acham menos armado.

Eu tinha feito o meu primeiro estudo sôbre o homem antigo na antiga sociedade: pu-lo no expirar da vèlha liberdade romana, e no primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos os absolutismos modernos, o que vale o mesmo. Dei-lhe as fórmulas dramáticas, é a tragédia de *Catóo*.

O romance de *Dona Branca* não foi senão uma tentativa encolhida e tímida para espreitar o gôsto do publico portuguez, para ver se nascia entre nós o género, e se os nossos jovens escriptores adoptavam aquella bella fórmula; entravam por sua antiga história a descobri-

campo, a colhêr pelas ruínas de seus tempos heróicos os tipos de uma poesia mais nacional e mais natural.

O *Camões* levou o mesmo fito e vestiu as mesmas fórmãs.

Os meus ensaios de poesia popular na *Adozinda* vê-se que prendem no mesmo pensamento — falar ao coração e ao ânimo do povo pelo romance e pelo drama.

Este é um século democrático ; tudo o que se fizer há-de ser pelo povo e com o povo . . . ou não se faz. Os príncipes deixaram de ser, nem podem ser, Augustos. Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na coisa pública como sua ; querem ir, como Eurípedes e Sophocles, solicitar na praça os sufrágios populares, não como Horácio e Virgílio, cortejar no paço as simpatias de reais corações. As cõrtes deixaram de ter Mecenas ; os Médicis, Leão x, Dom Manuel e Luis xiv já não são possíveis ; não tinham favores que dar nem tesouros que abrir ao poeta e ao artista. Os sonetos e os madrigais eram para as assembleias perfumadas dessas damas que pagavam versos a sorrisos : — e era talvez a melhor e mais segura letra que se vendia na carteira do poeta. Os leitores e os espectadores de hoje querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial ; é povo, quer verdade. . Dai-lhe a verdade do passado no romance e no drama histórico, — no drama e na novela da actualidade ofereci-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nível — e o povo há-de aplaudir, porque entende : é preciso entender para apreciar e gostar.

Eu sempre cri nisto ; a minha fé não era tam clara e explicita como hoje é, mas sempre foi tam implicita. Quis pôr a teoria à prova experimental e lancei no tea-

tro o *Auto de Gil-Vicente*. Já escrevi algures, e sinceramente vos repit'o aqui, que não tomei para mim os aplausos e favor com que o recebeu o público ; não foi o meu drama que o povo aplaudiu, foi a idéa, o pensamento do drama nacional.

Esta academia Real diante de quem hoje me comprazo de falar, e a quem, desde suas primeiras reuniões, expus o meu pensamento, os meus desejos, as minhas esperanças e a minha fé, vós, Senhores, o entendestes e acolhestes, e lhe tendes dado vida e corpo. Directa ou indirectamente, o Conservatório tem feito nascer em Portugal mais dramas em menos de cinco anos do que até agora se escreviam num século.

O ano passado, quando publiquei o *Alfageme*, aqui vos disse, Senhores, a tenção com que o fizera, o desejo que tinha de o submeter à vossa censura e os motivos de delicadeza que tive para não o fazer entrar a ella pela fieira marcada nas nossas leis académicas. Os mesmos motivos me impedem agora de apresentar *Frei Luís de Sousa* sob a tutela do incógnito e protegido pelas fórmulas que haveis estabelecido para o processamento imparcial e meditada sentença de vossas decisões.

Mas nenhuma delicadeza, nenhuns respeitos humanos podem vedar-me que eu venha entregar como offerta ao Conservatório Real de Lisboa este meu trabalho dramático, que provávelmente será o último, ainda que Deus me tenha a vida por mais tempo ; porque êsse pouco ou muito que já agora terei de viver está consagrado, por uma espécie de juramento que me tomei a mim mesmo — a uma tarefa longa e pesada que não deixará nem a sésta do descanso ao trabalhador — que trabalha no seu, com a estação adian-

tada, e quiere ganhar o tempo perdido. Incita-o esta idéa, e punge-o, demais, o amor próprio : porque hoje não pode já deixar de ser para mim um ponto de honra desempenhar funções de que me não demiti nem demito — escrevendo, na história do nosso século, a Crónica do último rei de Portugal o Senhor Dom Pedro IV.

Assim quasi que dou aqui o último vale a essa amena literatura que foi o mais querido folguedo da minha infância, o mais suave enleio da minha juventude, e o passatempo mais agradável e refrigerante dos primeiros e mais agitados anos da minha hombridade.

Despeço-me com saúde ; — nem me peja dizê-lo diante de vós : é virar as costas ao Éden de regalados e preguiçosos folgares, para entrar nos campos do trabalho duro, onde a terra se não lavra senão com o suor do rosto ; e quando produz, não são rosas nem lírios que afagam os sentidos, mas plantas — úteis sim, porém desgraciosas à vista ; fastientas ao olfato — é o real e o necessário da vida.

FREI LUIS DE SOUSA

DRAMA

Representado, a primeira vez, em Lisboa,
por uma sociedade particular,
o teatro da quinta do Pinheiro em quatro de Julho de

MDCCCXLIII

PESSOAS

MANUEL (FREI LUÍS) DE SOUSA

DONA MADALENA DE VILHENA

DONA MARIA DE NORONHA

FREI JORGE COUTINHO

O ROMEIRO

TELMO-PAIS

O PRIOR DE BEMFICA

O IRMÃO CONVERSO

MIRANDA

O ARCEBISPO DE LISBOA

DOROTEIA

CÓRO DE FRADES DE SAM-DOMINGOS

Clérigos do Arcebispo, frades, criados, etc.

Logar da scena — Almada



ACTO PRIMEIRO

Amara antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegância portuguesa dos principios do século dezassete. Porcelanas, garções, sêdas, flores, etc. No fundo duas grandes janelas encastadas, dando para um cirado que olha sôbre o Tejo e donde se vê tôda Lisboa : entre as janelas o retrato em corpo lateiro, de um cavaleiro moço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalém.— Defronte e para a lôca da scena um bufete pequeno coberto de rico pano de veludo verde franjado de prata ; sôbre o bufete alguns livros, obras de tapeçarias meias-feitas, e um vaso da China de colo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamborettes rastos, contadores. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. — É no fim da tarde.

SCENA I

Madalena, só, sentada junto à banca, os pés sôbre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sôbre êle, como quem descaiu da leitura na meditação.

MADALENA, repetindo maquinalmente e devagar o que acaba de ler :

• Naquele engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito . . . •

Com a paz e alegria d'alma . . . um engano, um engano de poucos instantes que seja . . . deve de ser a felicidade suprema neste mundo. — ¿ E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu! . . . *(Pausa)* Oh! que o não saiba êle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo . . . êste mêdo, êstes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um só momento de tôda a imensa felicidade que me dava o seu amor. — Oh que amor, que felicidade . . . que desgraça a minha! *(Torna a cair em profunda meditação: silêncio breve).*

SCENA II

Madalena, Telmo-Pais

TELMO, *chegando ao pé de Madalena que o não sentiu entrar:*

¿ A minha senhora está a ler? . . .

MADALENA, *despertando:*

Ah! sois vós, Telmo . . . Não, já não leio: há pouca luz de dia já; confundia-me a vista: — E é um bonito livro êste! o teu valido, aquele nosso livro, Telmo.

TELMO, *deitando-lhe os olhos:*

Oh, oh! Livro para damas — e para cavaleiros . . . e para todos um livro que serve para todos; como não há outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas êsse não tenho eu a consolação de ler, que não sei latim como meu senhor . . . quero dizer como

o sr. Manuel de Sousa Coutinho — que lá isso! . . . acabado escolar é êle. E assim foi seu pai antes d'êle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas letras e de muito galante prática — e não somenos as outras partes de cavaleiro: uma gravidade! . . . Já não há daquela gente. — Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim noutra língua que a gente . . . que tôda a gente não entende . . . confesso-vos que aquele mercador inglês da rua Nova, que aqui vem às vezes, tem-me dito suas coisas que me quadram . . . E Deus me perdôe! que eu creio que o homem é hereje desta seita nova de Alemanha ou de Inglaterra. Será?

MADALENA

Olhai, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que . . . que . . .

TELMO

Que já lá vai, que era outro tempo.

MADALENA

Pois sim . . . (*suspira*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

TELMO

Não, a senhora D. Maria já é mais alta.

MADALENA

É verdade, tem crescido demais, e de repente nestes dois meses últimos . . .

TELMO

Então ! Tem treze anos feitos, é quási uma senhora, está uma senhora . . . (*À parte*) Uma senhora aquela . . . pobre menina !

MADALENA, *com as lágrimas nos olhos*:

¿ És muito amigo dela, Telmo ?

TELMO

Se sou ! Um anjo como aquele . . . uma viveza, um espírito ! . . . e então que coração !

MADALENA

Filha da minha alma ! (*Pausa* : — *mudando de tom*) Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-te : eu não sei como hei-de fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a . . . a . . . a primeira vez — costumei-me a olhar para ti com tal respeito : já então eras o que hoje és, o esendeiro valido, o familiar quási parente, o amigo vèlho e provado dos teus amos.

TELMO, *enternecido* :

Não digais mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

MADALENA, *quási ofendida* :

Porquê ? ¿ não és hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possível ? ¿ Quitaram-te alguma coisa da confian-

ça, do respeito — do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel do meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória ?

TELMO, *à parte* :

Terá . . .

MADALENA

¿ O amigo e camarada antigo de seu pai ?

TELMO

Não, minha senhora, não, por certo.

MADALENA

Então ? . . .

TELMO

Nada. Continuai, dizei, minha senhora.

MADALENA

Pois está bem. — Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens . . . Mas, meu amigo, tu tomaste — e com muito gosto meu e de seu pai, — um ascendente no espirito de Maria . . . tal que não ouve, não cre, não sabe senão o que lhe dizes. Quási que és tu a sua dona, a sua aia de criação. — Parece-me . . . eu sei . . . não fales com ela dêsse modo, nessas coisas . . .

TELMO

¿ O quê? No que me disse o inglès, sôbre a sagrada Escritura que elles lá teem em sua lingua, è que . . .

MADALENA

Sim... nisso de-certo... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua idade, e muitas do seu sexo também que aquela criança está sempre a querer saber, a preguntar. — É a minha única filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem vêes que não é uma criança... muito... muito forte,

TELMO

É... delgadinha, é. Há-de enrijar. É tê-la por aqui, fóra daqueles ares apestados de Lisboa: e deixai, que se há-de pôr outra.

MADALENA

Filha do meu coração!

TELMO

E do meu. — Pois não se lembra, minha senhora, que ao princípio, era uma criança que eu não podia... — Na verdade, não a podia ver: já sabereis porquê... mas vê-la, era ver... Deus me perdôe!... nem eu sei... — E daí começou-me a crescer, a olhar para mim com aqueles olhos... a fazer-me tais meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade que — vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pai.

MADALENA, *sorrindo*:

Isso agora!...

TELMO

Do que vós,

MADALENA, *rindo*:

Ora, meu Telmo!

TELMO

Mais, muito mais. E veremos: tenho cá uma coisa que me diz que antes de muito se há-de ver quem é que quer mais à nossa menina nesta casa.

MADALENA, *assustada*:

Está bom, não entremos com os teus agouros e profecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo-nos de futuros...

TELMO

Deixemos que não são bons.

MADALENA

E de passados também...

TELMO

Também.

MADALENA

E vamos ao que importa agora. — Maria tem uma compreensão...

TELMO

Compreende tudo!

MADALENA

Mais do que convém.

TELMO

Às vezes.

MADALENA

É preciso moderá-la.

TELMO

É o que eu faço.

MADALENA

Não lhe dizer . . .

TELMO

Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzela honesta e digna de melhor . . . melhor . . .

MADALENA

Melhor quê ?

TELMO

De nascer em melhor estado. — Quisestes ouvi-lo . . . está dito.

MADALENA

Ó Telmo ! Deus te perdôe o mal que me fazes. (*Desata a chorar*).

TELMO, *ajoelhando e beijando-lhe a mão :*

Senhora . . . senhora D. Madalena, minha ama, minha senhora . . . castigai-me . . . mandai-me já castigar, mandai-me cortar esta lingua perra que não toma ensino — Oh ! senhora, senhora ! . . . é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo de

tanto primor, e de tam boa linhagem como os que se teem por melhores neste reino, em tôda a Espanha . . . A senhora D. Maria . . . a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sousas ; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser . . . para ser . . .

MADALENA

Calai-vos, calai-vos, pelas dores de Jesus Cristo, homem.

TELMO, soluçando :

Minha rica senhora ! . . .

MADALENA, enxuga os olhos, e toma uma attitude grave e firme :

Levantai-vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levanta-se*) Ouvi-me com atenção. É a primeira e será a última vez que vos falo d'este modo e em tal assunto. — Vós fostes o aio e amigo de meu senhor . . . de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal ; tinheis sido o companheiro de trabalhos e de glória de seu illustre pai, aquelle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pai. Entrei depois nessa familia de tanto respeito ; achei-vos parte dela, e quasi que vos tomei a mesma amizade que aos outros . . . chegastes a alcançar um poder no meu espirito, quasi maior . . . — de-certo, maior — que nenhum d'elles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros — porém, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais — me fizeram ter-vos numa conta, deixar-vos tomar, entregar-vos eu

mesma tal autoridade nesta casa e sòbre minha pessoa . . . que outros poderão estranhar . . .

TELMO

Emendai-o, senhora.

MADALENA

Não, Telmo, não preciso nem quero emendá-lo. — Mas agora deixai-me falar. — Depois que fiquei só, depois daquella funesta jornada de África que me deixou viúva, órfã e sem ninguém . . . sem ninguém, e numa idade . . . com dezassete anos! — em vós, Telmo, em vós só, achei o carinho e protecção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em lugar de pai : e eu . . . salvo numa coisa! — tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.

TELMO

Oh minha senhora, minha senhora ! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos . . .

MADALENA

Para essa houve poder maior que as minhas forças . . . D. João ficou naquella batalha com seu pai, com a flor da nossa gente. (*Sinal de impaciência em Telmo*). Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memória, como durante sete anos, incrédula a tantas provas e testemunhos de sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berbéria, por tôdas as sejas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves aí houve . . . Cabedais e valimentos, tudo se

empregou ; gastaram-se grossas quantias ; os embaixadores de Portugal e Castela tiveram ordens apertadas de o buscar por tôda a parte ; aos padres da Redenção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar naquelas terras, a todos se encomendava o seguir a pista do mais leve indício que pudesse desmentir, pôr em dúvida ao menos aquella notícia que logo viera com as primeiras novas da batalha de Alcácer. Tudo foi inútil ; e a ninguém mais ficou resto de dúvida . . .

TELMO

Senão a mim.

MADALENA

Dúvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo ! que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu . . . — E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indício . . . Pois dissei-me em consciência, dissei-mo de uma vez, claro e desengano : ¿ a que se apêga esta vossa credulidade de sete . . . e hoje mais catorze . . . vinte e um anos ?

TELMO, *gravemente* :

Às palavras, às formais palavras daquela carta escrita na própria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge que vô-la trouxe. — « Vivo ou morto » — rezava ela — « vivo ou morto . . . » Não me esqueceu uma letra daquelas palavras ; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão : — « Vivo ou morto, Madalena, hei-de ver-vos pelo menos ainda uma vez neste mundo », — ¿ Não era assim que dizia ?

MADALENA, *aterrada* :

Era.

TELMO

Vivo não veio . . . , ainda mal ! — E morto . . . a sua alma, a sua figura . . .

MADALENA, *possuida de grande terror* :

Jesus, homem !

TELMO

Não vos apareceu de-certo.

MADALENA

Não : credo !

TELMO, *misterioso* :

Bem sei que não. Queria-vos muito ; e a sua primeira visita, como de razão, seria para minha senhora. Mas não se ia sem aparecer também ao seu aio velho.

MADALENA

Valha-me Deus, Telmo ! Conheço que desarrazoais, contudo as vossas palavras metem-me mêdo . . . Não me faças mais desgraçada.

TELMO

Desgraçada ! Porquê ? ¿ não sois feliz na companhia do homem que amais, nos braços do homem a quem sempre quisestes mais sôbre todos ? — Que o pobre do

meu amo . . . respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tam nobre e honrada senhora que sois . . . mas amor !

MADALENA

Não está em nós dá-lo, nem quitá-lo, amigo.

TELMO

Assim é. Mas os ciúmes que meu amo não teve nunca — bem sabeis que ténpera de alma era aquella — tenho-os eu . . . aqui está a verdade nua e crua . . . tenho-os eu por êle : não posso, não posso ver . . . e desejo, quero, forcejo por me acostumar . . . mas não posso. Manuel de Sousa . . . o senhor Manuel de Sousa Coutinho é guapo cavalheiro, honrado fidalgo, bom português . . . mas — mas não é, nunca há-de ser, aquelle espelho-de cavalaria e gentileza, aquella flor dos bons . . . Ah meu nobre amo, meu santo amo !

MADALENA

Pois sim, tereis razão . . . tendes razão, será tudo como dizeis. Mas reflecti, que haveis cabedal de intelligência para nuito : — eu resolvi-me por fim a casar com Manuel de Sousa ; foi do aprazimento geral de nossas familias, da própria familia de meu primeiro marido que bem sabeis quanto me estima ; vivemos (*com affectação*) seguros, em paz e felizes . . . há catorze anos. Temos esta filha, esta querida Maria que é todo o gosto e ânsia da nossa vida. Abençoou-nos Deus na formosura, no engenho, nos dotes admiráveis daquelle anjo . . . E tu, tu, meu Telmo, que és tam seu que chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos . . .

TELMO

Não, não tenho !

MADALENA

Pois tens : melhor. — E és tu que andas, continuamente e quási por acinte, a sustentar essa quimera, a levantar êsse fantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para ennodoar a pureza daquela inocente, para condenar a eterna desonra a mãe e a filha . . . (*Telmo dá sinais de grande agitação*). Ora dize: ¿já pensaste bem no mal que estás fazendo ? — Eu bem sei que a ninguém neste mundo, senão a mim, falas em tais coisas . . . falas assim como hoje temos falado . . . mas as tuas palavras misteriosas, as tuas alusões freqüentes a êsse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quis acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade ! — êsses continuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está iminente sôbre a nossa família . . . não vês que estás excitando com tudo isso a curiosidade daquela criança aguçando-lhe o espírito — já tam perspicaz ! — a imaginar, a descobrir . . . quem sabe se a acreditar nessa prodigiosa desgraça em que tu mesmo . . . tu meêsmo . . . sim, não crês de-véras ? Não crês, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa dúvida fatal. E então considera, vê : se um terror semelhante chega a entrar naquela alma, ¿quem lho há-de tirar nunca mais ? . . . O que há-de ser dela e de nós ? — Não a perdes, não a matas . . . ¿não me matas a minha filha ?

TELMO, em grande agitação durante a fala precedente, fica pensativo e aterrado : fala depois como para si :

É verdade que sim ! A morte era certa. — E não há-de morrer ; não, não, não, três vezes não. (*Para Madalena*) À fé de escudeiro honrado, senhora D. Madalena, a minha bôca não se abre mais ; e o meu espírito há-de . . . há-de fechar-se também . . . (*À parte*) Não é possível, mas eu hei-de salvar o meu anjo do céu ! (*Alto para Madalena*) Está dito, minha senhora.

MADALENA

Ora Deus te pague, — Hoje é o último dia de nossa vida que se fala em tal.

TELMO

O último.

MADALENA

Ora pois, ide, ide ver o que ela faz: (*levantando-se*) que não esteja a ler ainda, a estudar sempre. (*Telmo vai a sair*) E olhai: chegai-me depois ali a Sam-Paulo, ou mandai, se não podeis . . .

TELMO

¿ Ao convento dos Dominicanos ? Pois não posso ! . . quatro passadas.

MADALENA

Eizei a meu cunhado, a Fr. Jorge Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa ; que me prometeu de vir antes de véspera, e

não veio ; que é quasi noite, e que já não estou contente com a tardança. (*Chega à varanda e olha para o rio*). O ar está sereno, o mar tam quieto, e a tarde tam linda ! . . . quasi que não há vento, é uma viração que afaga . . . Oh, e quantas falúas navegando tam garri-das por êsse Tejo ! Talvez nalguma delas — naquela tam bonita — venha Manuel de Sousa. — Mas neste tempo não há que fiar no Tejo, dum instante para o outro levanta-se uma nortada . . . e então aqui o porttal de Cacilhas ! — Que êle é tam bom mareante . . . Ora, um cavalleiro de Malta ! (*Olha para o retrato em amor*). Não é isso o que me dá maior cuidado. Mas em Lisboa ainda há peste, ainda não estão limpos os ares . . . e essoutros ares que por aí correm destas alterações públicas, destas malquerenças entre castelhanos e portuguezes ! Aquele carácter inflexível de Manuel de Sousa traz-me num susto continuo. — Vai, vai a Frei Jorge, que diga se sabe alguma coisa, que me assossegue, se puder.

SCENA III

Madalena, Telmo, Maria

MARIA, *entrando com umas flores na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a scena :*

Bonito ! Eu há mais de meia hora no eirado pas-seando — e sentada a olhar para o rio a ver as falúas e os bergantins que andam para baixo e para cima — e já aborrecida de esperar . . . e o senhor Telmo, aqui pôsto a conversar com a minha mãe, sem se importar

de mim ! — ¿ Que é do romance que me prometeste ? não é o da batalha, não é o que diz :

Postos estão, frente a frente,
Os dois valorosos campos ;

é o outro, é o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há-de vir um dia de névoa muito cerrada . . . Que êle não morreu ; ¿ não é assim, minha mãe ?

MADALENA

Minha querida filha, tu dizes coisas ! ¿ Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquilo foi ? O povo, cobiçado, imagina essas quimeras para se consolar na desgraça.

MARIA

Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: êles que andam tam crentes nisto, alguma coisa há-de ser. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirado aqui o meu bom vèlho Telmo, (*chega-se toda para êle acarinhando-o*) ninguém nesta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião. — Meu pai, que é tam bom português, que não pode sofrer êstes castelhanos, e que até às vezes dizem que é demais o que êle faz e o que êle fala . . . em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião . . . ninguém tal há-de dizer, mas põe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo: parece que o vinha afrontar, se voltasse, o pobre do rei. — Ó minha mãe, pois êle não é por D. Filipe ; ¿ não é, não ?

MADALENA

Minha querida Maria, que tu hás-de de estar sempre a imaginar nessas coisas que são tam pouco para a tua idade ! Isso é o que nos aflige, a teu pai e a mim ; queria-te ver mais alegre, folgar mais, e com coisas menos . . .

MARIA

Então minha mãe, então ! — Vêem, vêem ? . . . também minha mãe não gosta. Oh ! essa ainda é pior, que se aflige, chora . . . ela aí está a chorar . . . (*Val-se abraçar com a mãe que chora*). Minha querida mãe, ora pois então ! — Vai-te embora, Telmo, vai-te ; não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de tais histórias, nem de coisa nenhuma dessas. — Minha querida mãe !

TELMO

E é assim : não se fala mais nisso. E eu vou-me embora. (*À parte, indo-se depois de lhe tomar as mãos*) Que febre que ela tem hoje, meu Deus ! queimam-lhe as mãos . . . e aquelas rosetas nas faces . . . Se o perceberá a pobre da mãe !

SCENA IV

Madalena, Maria

MARIA

¿ Quereis vós saber, mãe, uma tristeza muito grande que eu tenho ? — ¿ A mãe já não chora, não ? ¿ já se não enfada comigo ?

MADALENA

Não me enfado contigo nunca, filha ; e nunca me afliges, querida. O que tenho é o cuidado que me dás, é o receio de que . . .

MARIA

Pois aí está a minha tristeza ; é êsse cuidado em que vos vejo andar sempre por minha causa. Eu não tenho nada ; e tenho saúde, olhai que tenho muita saúde.

MADALENA

Tens, filha . . . se Deus quiser, hás-de ter ; e hás-de viver muitos anos para consolação e amparo de teus pais que tanto te querem.

MARIA

Pois olhai : passo noites inteiras em claro a lidar nisto, e a lembrar-me de quantas palavras vos tenho ouvido, e a meu pai . . . e a recordar-me da mais pequena acção e gesto, — e a pensar em tudo, a ver se descubro o que isto é — e porque tendo-me tanto amor . . . que, oh isso nunca houve de-certo filha querida como eu ! . . .

MADALENA

Não, Maria.

MARIA

Pois sim, tendo-me tanto amor, que nunca houve outro igual, e estais sempre num sobressalto comigo ? . . .

MADALENA

¿ Pois se te estremecemos ?

MARIA

Não é isso, não é isso : é que vos tenho lido nos olhos . . . Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio ! . . . e nas estrêlas do céu também — e sei coisas . . .

MADALENA

¿ Que estás a dizer, filha, que estás a dizer ? que desvarios ! Uma menina do teu juízo, temente a Deus . . . não te quero ouvir falar assim. — Ora vamos : anda cá, Maria, conta-me do teu jardim, das tuas flores. ¿ Que flores tens tu agora ? ¿ O que são estas ? (*Pegando nas que ela traz na mão*).

MARIA, *abrindo a mão e deixando-as cair no regaço da mãe* :

Murchou tudo . . . tudo estragado da calma . . . Estas são papoulas que fazem dormir, colhi-as para as meter debaixo do meu cabeçal esta noite ; quero-a dormir de um sono, não quero sonhar, que me faz ver coisas . . . lindas às vezes, mas tam extraordinárias e confusas . . .

MADALENA

Sonhar sonhas tu acordada, filha ! Que, olha, Maria, imaginar é sonhar : e Deus pôs-nos neste mundo para velar e trabalhar — com o pensamento sempre nêle sim, mas sem nos estranharmos a estas coisas da vida que nos cercam, a estas necessidades que nos im-

põe o estado, a condição em que nascemos. Vês tu, Maria: tu és a nossa única filha, tôdas as esperanças de teu pai são em ti . . .

MARIA

E não lhas posso realizar, bem sei. — Mas que hei-de eu fazer ? eu estudo, leio . . .

MADALENA

Lês demais, cansas-te, não te distraís como as outras donzelas da tua idade, não és . . .

MARIA

O que eu sou . . . só eu o sei, minha mãe . . . E não sei, não; não sei nada, senão que o que devia ser não sou . . . — Oh ! porque não havia de eu ter um irmão que fôsse um galhardo e valente mancebo capaz de comandar os terços de meu pai, de pegar numa lança daquelas com que os nossos avós corriam a Índia, levando adiante de si Turcos e Gentios ! um belo moço que fôsse o retrato próprio daquele gentil cavaleiro de Malta que ali está (*Apontando para o retrato*). Como êle era bonito meu pai ! Como lhe ficava bem o preto ! . . . e aquela cruz tam alva em cima ? Para que deixou êle o hábito, minha mãe, porque não ficou naquela santa religião a vogar em suas nobres galeras por êsses mares, e afugentar os infieis diante da bandeira da Cruz ?

MADALENA

Oh filha, filha ! . . . (*Mortificada*) porque não foi

vontade de Deus : tinha de ser doutro modo. — Tomára eu agora que êle chegasse de Lisboa ! Com efeito é muito tardar . . . valha-me Deus !

SCENA V

Jorge, Madalena, Maria

JORGE

Ora seja Deus nesta casa !

(Maria beija-lhe o escapulário e depois a mão ; Madalena sòmente o escapulário).

MADALENA

Sejais bemvindo, meu irmão !

MARIA

Boas tardes, tio Jorge !

JORGE

Minha senhora mana ! — A bênção de Deus te cubra, filha ! — Também estou desassossegado como vós, mana Madalena : mas não vos aflijais, espero que não há-de ser nada. — É certo que tive umas notícias de Lisboa . . .

MADALENA, assustada :

¿ Pois que é, que foi ?

JORGE

Nada, não vos assusteis ; mas é bom que estejais prevenida, por isso vô-lo digo. Os governadores que-rem sair da cidade . . . é um capricho verdadeiro . . . Depois de aturarem metidos ali dentro tôda a fôrça da peste, agora que ela está, se pode dizer, acabada, que são raríssimos os casos, é que por fôrça querem mudar de ares.

MADALENA

Pois coitados ! . . .

MARIA

Coitado do povo ! — ¿ Que mais valem as vidas dêles ? Em pestes e desgraças assim eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até à última, onde a miséria fosse mais e o perigo maior, para atender com remédio e amparo aos necessitados. — Pois, ¿ rei não quiere dizer pai comum de todos ?

JORGE

A minha donzela Teodora ! — Assim é, filha ; mas o mundo é doutro modo : ¿ que lhe faremos ?

MARIA

Emendá-lo.

JORGE, para Madalena, baixo :

¿ Sabels que mais ? Tenho mêdo desta criança.

MADALENA, do mesmo modo :

Também eu.

JORGE, *alto* :

Mas enfim, resolveram sair : e sabereis mais que, para côrte e « buen-retiro » dos nossos cinco reis, os senhores governadores de Portugal por D. Filipe de Castela, que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa vila de Almada, que o deveu à fama de suas águas sadias, ares lavados e graciosa vista.

MADALENA

Deixá-los vir.

JORGE

Assim é : que remédio ! Mas ouvi o resto. O nosso pobre convento de Sam-Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do Governo. — Bom prelado é êle ; e, se não fôsse que nos tira do humilde sossêgo da nossa vida, por vir como senhor e príncipe secular . . . o mais, paciência. Pior é o vosso caso . . .

MADALENA

O meu !

JORGE

O vosso e de Manuel de Sousa : porque os outros quatro governadores — e aqui está o que me mandaram dizer em muito segredo de Lisboa — dizem que querem vir para esta casa, e pôr aqui aposentadoria.

MARIA, *com vivacidade* :

Fechamos-lhes as portas. Metemos a nossa gente dentro — o têrço de meu pai tem mais de seiscentos

homens — e defendemo-nos. ¿ Pois não é uma tirania ? . . . — E há-de ser bonito ! . . . Tomára eu ver seja o que fôr que se pareça com uma batalha !

JORGE

Louquinha !

MADALENA

¿ Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros governadores, para nos fazerem êsse desacato ? ¿ Não há por aí outras casas ; e êles não sabem que nesta há senhoras, uma familia . . . e que estou eu aqui ? . . .

MARIA, *que esteve com o ouvido inclinado para a janela :*

É a voz de meu pai ! Meu pai que chegou.

MADALENA, *sobressallada :*

Não oiço nadá.

JORGE

Nem eu, Maria.

MARIA

Pois oiço eu muito claro. É meu pai que aí vem . . e vem afrontado !

SCENA VI

Jorge, Madalena, Maria, Miranda

MIRANDA

Meu senhor chegou : vi agora daquelle alto entrar um bergantim que é por fôrça o nosso. Estáveis com

cuidado ; e era para isso que já vai a cerrar-se a noite . . . Vim trazer-vos de-pressa a notícia.

MADALENA

Obrigada, Miranda. — É extraordinária esta criança ; vê e ouve em tais distâncias . . .

(Maria tem saído para o eirado, mas volta logo depois).

JORGE

É verdade. *(Aparte)* Terrível sinal naqueles anos e com aquela compleição !

SCENA VII

Jorge, Madalena, Maria, Miranda ; Manuel de Sousa, entrando com vários criados que o seguem — alguns com brandões acesos. — *É noite fechada.*

MANUEL, parando junto da porta, para os criados :

Façam o que lhes disse. Já, sem mais detença ! Não apaguem êsses brandões ; encostem-nos aí fóra no patim. E tudo o mais que eu mandei. — *(Vindo ao proscénio)* Madalena. Minha querida filha, minha Maria ! *(Abraça-as)* Jorge, ainda bem, que aqui estás, preciso de ti : bem sei que é tarde e que são horas conventuais ; mas eu irei depois contigo dizer a « mea culpa » e o « peccavi » ao nosso bom prior. — Miranda, vinde cá. *(Vai com êle à porta da esquerda, depois às do eirado e dá-lhe algumas ordens baixo).*

MADALENA

¿ Que tens tu ? nunca entraste em casa assim. Tens coisa que te dá cuidado . . . ¿ e não mo dizes ? ¿ O que é ?

MANUEL

É que . . . Senta-te, Madalena ; aqui ao pé de mim, Maria. Jorge, sentemo-nos, que estou cansado. (*Sentam-se todos*). Pois agora sabeis as novidades, que seriam estranhas se não fôsse o tempo em que vivemos. (*Pausa*). É preciso sair já desta casa, Madalena.

MARIA

Ah ! inda bem, meu pai !

MANUEL

Inda mal ! mas não há outro remédio. Saíremos esta noite mesmo. Já dei ordens a tôda a familia : Telmo foi avisar as tuas aias do que haviam de fazer, e lá anda pelas câmaras velando nesse cuidado. Sempre é bom que vás dar um relance de olhos ao que por lá se faz : eu também irei por minha parte. — Mas temos tempo : isto são oito horas, á meia noite vão quatro : daqui lá o pouco que me importa salvar estará salvo . . . e elles não virão antes da manhã.

MADALENA

¿ Então sempre é verdade que Luis de Moura e os outros governadores ? . . .

MANUEL

Luís de Moura é um vilão ruim, faz como quem é : o arcebispo é . . . o que os outros querem que êle seja. Mas o conde de Sabugal, o conde de Santa Cruz, que deviam olhar por quem são, e que tomaram êste encargo odioso . . . e vil, de oprimir os seus naturais em nome de um rei estrangeiro . . . Oh que gente, que fidalgos portuguezes ! . . . Hei-de-lhes dar uma lição, a êles, e a êste escravo dêste povo que os sofre, como não levam tiranos há muito tempo nesta terra.

MARIA

O meu nobre pai ! Oh, o meu querido pai ! Sim, sim, mostrai-lhes quem sois e o que vale um portuguez dos verdadeiros.

MADALENA

Meu adorado espôso, não te deites a perder, não te arrebrates. ¿ Que farás tu contra esses poderosos ? Êles já te querem tam mal pelo mais que tu vales que êles, pelo teu saber — que êsses grandes fingem que desprezam . . . mas não é assim, o que eles tem é inveja ! — O que fará, se lhes deres pretextto para se vingarem da afronta em que os traz a superioridade do teu mérito ! — Manuel, meu espôso, Manuel de Sousa, pelo nosso amor . . .

JORGE

Tua mulher tem razão. Prudencia, e lembra-te de tua filha.

MANUEL

Lembro-me de tudo, deixa estar. — Não te inquie-

tes, Madalena : êles querem vir para aqui amanhã de manhã; e nós forçosamente havemos de sair antes dêles entrarem. Por isso é preciso já.

MADALENA

¿ Mas para onde iremos nós, de repente, a estas horas ?

MANUEL

Para a única parte para onde podemos ir a casa não é minha . . . mas é tua, Madalena.

MADALENA

¿ Qual ? . . . ¿ a que foi ? . . . ¿ a que pega com Sam-Paulo ? . . . Jesus me valha !

JORGE

E fazem muito bem : a casa é larga e está em bom reparo, tem ainda quási tudo de trastes e paramentos necessários : pouco tereis que levar convosco. — E então para mim, para os nossos padres todos que alegria ! Ficamos quási debaixo dos mesmos telhados. — Sabeis que temos ali tribuna para a capela da Senhora da Piedade, que é a mais devota e a mais bela de tôda a igreja . . . Ficamos como vivendo juntos.

MARIA

Tomára-me eu já lá. (*Levanta-se pulando*).

MANUEL

E são horas, vamos a isto. (*Levantando-se*).

MADALENA, *vindo para elle* :

Ouve, escuta, que tenho que te dizer ; por quem és, ouve : ¿ não haverá algum outro modo ?

MANUEL

¿ Qual, senhora, e que lhe hei-de eu fazer ? Lembrai-vos, vêde se achais.

MADALENA

Aquela casa . . . eu não tenho ânimo . . . Olhai : eu preciso de falar a sós convosco. — Frei Jorge, ido com Maria aí para dentro ; tenho que dizer a vosso irmão.

MARIA

Tio, venha, quero ver se me acomodam os meus livrinhos ; (*confidencialmente*) e os meus papeis, que eu também tenho papeis : deixai que lá na outra casa vos hei-de mostrar . . . Mas segrêdo !

JORGE

Tontinha !

SCENA VIII

Manuel de Sousa, Madalena

MANUEL, *passeia agitado de um lado para o outro da scena com as mãos cruzadas detrás das costas ; e parando de repente* :

Há-de saber-se no mundo que ainda há um português em Portugal.

MADALENA

¿ Que tens tu, dize, que tens tu ?

MANUEL

Tenho que não hei-de sofrer esta afronta . . . e que é preciso sair desta casa, senhora.

MADALENA

Pois saíremos, sim : eu nunca me opus ao teu querer, nunca soube que coisa era ter outra vontade diferente da tua ; estou pronta a obedecer-te sempre, cegamente, em tudo. Mas, oh ! espôso da minha alma . . . para aquella casa não, não me leves para aquella casa. (*Deltando-lhe os braços ao pescoço*).

MANUEL

Ora tu não eras costumada a ter caprichos ! Não temos outra para onde ir : e a estas horas neste apêrto . . . Mudaremos depois, se quizeres . . . mas não lhe vejo remédio agora. — ¿ E a casa que tem ? Porque foi de teu primeiro marido ! ¿ é por mim que tens essa repugnância ? Eu estimei e respeitei sempre a D. João de Portugal ; honro a sua memoria, por ti, por êle e por mim ; e não tenho na consciência por que receio abrigar-me debaixo dos mesmos tetos, que o cobriram. — ¿ Viveste ali com êle ? Eu não tenho ciúmes de um passado que me não pertencia. E o presente, êsse é meu, meu só, todo meu, querida Madalena . . . Não falemos mais nisso ; é preciso partir, e já.

MADALENA

Mas é que tu não sabes . . . eu não sou melindrosa nem de invenções : em tudo o mais sou mulher e muito mulher, querido ; nisso não . . . mas tu não sabes a violência, o constrangimento d'alma, o terror com que eu penso em ter de entrar naquela casa. Parece-me que é voltar ao poder dêle, que é tirar-me dos teus braços, que o vou encontrar ali . . . — oh perdôa, perdôa-me, não me sái esta idéa da cabeça . . . — que vou achar ali a sombra despitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dois gumes . . . que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vai separar para sempre . . . — ¿ Que queres ? bem sei que é loucura ; mas a idéa de tornar a morar ali, de viver ali contigo e com Maria, não posso com ela. Sei de-certo que vou ser infeliz, que vou morrer naquela casa funesta, que não estou ali três dias, três horas sem que tôdas as calamidades do mundo venham sôbre nós. — Meu espôso, Manuel, marido da minha alma, pelo nosso amor to peço, pela nossa filha . . . vamos seja para onde fôr, para a cabana de algum pobre pescador dêsses contornos, mas para ali não, oh ! não.

MANUEL

Em verdade nunca te vi assim ; nunca pensei que tivesses a fraqueza de acreditar em agouros. Não há senão um temor justo, Madalena, é o temor de Deus ; não há espectros que nos possam aparecer senão os das más acções que fazemos. ¿ Que tens tu na consciênçeta tua que faça temer ? O teu coração e as tuas mãos estão puras : para os que andam diante de Deus, a terra não tem sustos, nem o inferno pavores que se lhes atrevam.

Rezaremos por alma de D. João de Portugal nessa devota capela que é parte da sua casa; e não hajas mêdo que nos venha perseguir neste mundo aquella santa alma que está no céu, e que em tam santa batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou mártir às mãos dos infieis. — Vamos, D. Madalena de Vilhena, lembrai-vos de quem sois e de quem vindes, senhora . . . e não me tires, querida mulher, com vãs quimeras de cianças, a tranqüillidade do espirito e a fôrça do coração, que as preciso inteiras nesta hora.

MADALENA

¿ Pois que vais tu fazer ?

MANUFL

Vou, já te disse, vou dar uma lição aos nossos tiranos que lhes há-de lembrar, vou dar um exemplo a este povo que o há-de alumiar . . .

SCENA IX

Manuel de Sousa, Madalena ; Telmo, Miranda e outros
CRIADOS, entrando apressadamente.

TELMO

Senhor, desembarcaram agora grande comitiva de fidalgos, escudeiros e soldados que vêm de Lisboa e sobem a encosta para a vila. O arcebispo não é de-certo, que já cá está há muito no convento: diz-se por aí . . .

MANUEL

¿ Que são os governadores ? (*Telmo faz um sinal afirmativo*). Quiseram-me enganar, e apressam-se a vir hoje . . . parece que adivinharam . . . Mas não me colheram despercebido. (*Chama à porta da esquerda*) Jorge, Maria ! (*Volta para a scena*). Madalena, já já sem mais demora.

SCENA X

Manuel de Sousa, Madalena, Telmo, Miranda e os outros CRIADOS ; Jorge e Maria entrando.

MANUEL

Jorge, acompanha estas damas. Telmo, ide, ide com elas. — (*Para os outros criados*). ¿ Partiu já tudo, as arcas, os meus cavalos, armas e tudo o mais ?

MIRANDA

Quási tudo fol já ; o pouco que falta está pronto e sairá num instante . . . pela porta de trás, se quereis.

MANUEL

Bom ; que saia. (*A um sinal de Miranda saem dois criados*). Madalena, Maria, não vos quero ver aqui mais. Já, ide ; serei convosco em pouco tempo.

SCENA XI

Manuel de Sousa, Miranda e os outros CRIADOS

MANUEL

Meu pai morreu desastrosamente caído sôbre a sua própria espada : ¿ quem sabe se eu morrerei nas chamas ateadas por minhas mãos ? Seja. Mas fique-se aprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tirania, sempre lhe pode resistir, em perdendo o amor a coisas tam vis e precárias como são êsses haveres que duas faíscas destróem num momento . . . como é esta vida miserável que um sópro pode apagar em menos tempo ainda ! *(Arrebata duas tochas das mãos dos criados, corre à porta da esquerda, atira com uma para dentro ; e vê-se atear logo uma lavareda imensa. Vai ao fundo, atira a outra tocha ; e succede o mesmo. Ouve-se alarido de fóra).*

SCENA XII

Manuel de Sousa e CRIADOS ; Madalena, Marla, Telmo e Jorge acudindo.

MADALENA

¿ Que fazes ? . . . ¿ que fizeste ? — Que é isto, oh meu Deus !

MANUEL, *tranqüilamente* :

Ilumino a minha casa para receber os muito pode-

rosos e excellentes senhores governadores d'estes reinos. Suas excelências podem vir quando quiserem.

MADALENA

Meu Deus, meu Deus! . . . Ai, e o retrato de meu marido! . . . Salvem-me aquele retrato.

(Miranda e o outro criado vão para tirar o painel; uma coluna de fogo salta nas tapeçarias e os afugenta).

MANUEL

Parti, parti. As matérias inflamáveis que eu tinha disposto vão-se ateando com espantosa velocidade. Fugi.

MADALENA, *cingindo-se no braço do marido* :

Sim, sim, fujamos.

MARIA, *tomando-o do outro braço* :

Meu pai, nós não fugimos sem vós.

TODOS

Fujamos, fujamos . . .

(Redobram os gritos de fóra, ouve-se rebale de sinos : cai o pano).



ACTO SEGUNDO

É no palácio que fôra de D. João de Portugal, em Almada; salão antigo de gosto melancólico e pesado, com grandes retratos de família, muitos de corpo inteiro, bispos, donas, cavaleiros, monges: estão em logar mais conspícuo, no fundo, o de El-rei D. Sebastião, o de Camões e o de D. João de Portugal. Portas do lado direito para o exterior, do esquerdo para o interior, cobertas de reposteiros com as armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança, uma aspa vermelha sôbre campo de prata com cinco escudos do reino, um no meio e os quatro nos quatro extremos da aspa, em cada braço e entre dois escudos uma cruz floreteada, tudo do modo que trazem actualmente os duques de Cadaval; sôbre o escudo corôa de cende. No fundo um reposteiro muito maior e com as mesmas armas cobre as portadas da tribuna que deita sôbre a capela da Senhora da Piedade na igreja de Sam-Paulo dos dominicos de Almada.

SCENA I

Maria e Telmo

MARIA, saindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão a Telmo, que parece vir de pouca vontade:

Vinde, não façais bulha, que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui nesta sala é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção e acabou-se.

TELMO

Menina ! . . .

MARIA

« Menina e môça me levaram de casa de meu pai » : é o pincípio daquele livro tam bonito que minha mãe diz que não entende: entendo-o eu. — Mas aqui não há menina nem môça ; e vós, senhor Telmo-Pais, meu fiel escudeiro, « faredes o que mandado vós é ». — E não me repliques, que então altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada ! Há oito dias que aqui estamos nesta casa, e é a primeira noite que dorme com sossêgo. Aquele palácio a arder, aquele povo a gritar, o rebate dos sinos, aquela scena tôda . . . Oh ! tam grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espectáculo como nunca vi outro de igual majestade ! . . . à minha pobre mãe aterrou-a, não se lhe tira dos olhos : vai a fechá-los para dormir e diz que vê aquelas chamas enoveladas em fumo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar, e a devorar tudo com fúria infernal . . . O retrato de meu pai, aquele do quarto de lavor tam seu favorito em que êle estava tam gentil-homem, vestido de Cavaleiro de Malta com a sua cruz branca no peito — aquele retrato não se pode consolar de que lho não salvassem, que se queimasse ali. ¿ Vês tu ? ela que não cria em agouros, que sempre me estava a repreender pelas minhas scismas, agora não lhe sai da cabeça que a perda do retrato é prognóstico fatal de outra perda maior que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa, que a tem de separar de meu pai. — E eu agora é que faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinas . . . para a animar, coitada ! . . . que aqui

entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé neles. Creio, oh se creio ! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar. — E há . . . oh ! há grande desgraça a cair sobre meu pai . . . de-certo ! e sobre minha mãe também, que é o mesmo.

TELMO, *disfarçando o terror de que está tomado :*

Não digais isso . . . Deus há-de fazê-lo por melhor, que lho merecem ambos. (*Cobrando ânimo e exaltando-se*). Vosso pai, D. Maria, é um português às direitas. Eu sempre o tive em boa conta ; mas agora, depois que lhe vi fazer aquela acção, — que o vi com aquela alma de português vélho, deitar as mãos às tochas, e lançar êle mesmo o fogo à sua própria casa ; queimar e destruir numa hora tanto do seu haver, tanta coisa do seu gôsto, para dar um exemplo de liberdade, uma lição tremenda a êstes nossos tiranos . . . Oh minha querida filha, aquilo é um homem. A minha vida que êle queira é sua. E a minha pena, tôda a minha pena é que o não conheci, que o não estimei sempre no que êle valia.

MARIA, *com lágrimas nos olhos, e tomando-lhe as mãos :*

Meu Telmo, meu bom Telmo ! . . . É uma glória ser filha de tal pai : ¿ não é ? dize.

TELMO

Sim, é Deus o defenda !

MARIA

Deus o defenda ! amên. ¿ E êles, os tiranos governadores ainda estarão muito contra meu pai ? ¿ Já

soubeste hoje alguma cousa das diligências do tio Frei Jorge ?

TELMO

Já, sim. Vão-se desvanecendo — ainda bem ! — os agouros de vossa mãe . . . hão-de sair falsos de todo. O arcebispo, o conde de Sabugal, e os outros já vosso tio os trouxe à razão, já os moderou. Miguel de Moura é que ainda está renitente ; mas há-de-lhe passar. Por êstes dias fica tudo sossegado. Já o estava se êle quisesse dizer que o fogo tinha pegado por acaso. Mas ainda bem que o não quis fazer ; era desculpar com a vilania de uma mentira o generoso crime por que o perseguem.

MARIA

Meu nobre pai ! — ¿ Mas quando há-de êle sair da-quele homizio ? Passar os dias retirado nessa quinta tam triste d'além do Alfeite, e não poder vir aqui senão de noite, por instantes, e Deus sabe com que perigo !

TELMO

Perigo nenhum ; todos o sabem e fecham os olhos. Agora é só conservar as aparências aí mais uns dias, e depois fica tudo como dantes.

MARIA

Ficará, pode ser, Deus queira que seja ! — Mas tenho cá uma cousa que me diz que aquella tristeza de minha mãe, aquele susto, aquele terror em que está — e que ela disfarça com tanto trabalho na presença de meu pai (também a mim mo queria encobrir, mas agora já não pode, coitada !) aquilo é presentimento de des-

graça grande . . . — Oh ! mas é verdade . . . vinde cá :
(leva-o diante dos três retratos que estão no fardo ; apontando para o de D. João) ¿ de quem é este retrato aqui,
 Telmo ?

TELMO, olha e vira a cara de repente :

Esse é . . . há-de ser . . . é um da familia, destes
 senhores da casa de Vimioso que aqui estão tantos.

MARIA, ameaçando-o com o dedo :

Tu não dizes a verdade, Telmo.

TELMO, quasi ofendido :

Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

MARIA

Mas não diz a verdade tôda o senhor Telmo-Pais,
 que é quasi o mesmo.

TELMO

O mesmo ! . . Disse-vos o que sei, e o que é ver-
 dade ; é um cavaleiro da familia de meu outro amo que
 Deus . . . que Deus tenha em bom lugar.

MARIA

¿ E não tem nome o cavaleiro ?

TELMO, embaraçado :

Há-de ter : mas eu é que . . .

MARIA, como quem lhe vai tapar a bôca :

Agora é que tu ias mentir de todo . . . cala-te. —

Não sei para que são êstes mistérios : cuidam que eu hei-de ser sempre criança ! — Na noite que viemos para esta casa, no meio de tôda aquella desordem eu e minha mãe entrámos por aqui dentro sós e viemos ter a esta sala. Estava ali um brandão aceso, encostado a uma dessas cadeiras que tinham posto no meio da casa : dava todo o clarão da luz naquele retrato . . . Minha mãe, que me trazia pela mão, pôe de repente os olhos nêle e dá um grito, oh meu Deus ! . . . ficou tam perdida de susto, ou não sei de que, que me ia caíndo em cima. Pregunto-lhe o que é ; não me respondeu : arrebatada da tocha, e leva-me com uma fôrça . . . com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma cousa má atrás de nós. — Ficou naquele estado em que a temos visto há oito dias, e não lhe quis falar mais em tal. Mas êste retrato que ela não nomeia nunca de quem é, e só diz assim às vezes : « O outro, o outro . . . » êste retrato, e o de meu pai que se queimou, são duas imagens que lhe não saem do pensamento.

TELMO, *com ansiedade* :

¿ E esta noite ainda lidou muito nisso ?

MARIA

Não ; desde ontem pela tarde, que cá esteve o tio Fr. Jorge e a animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os governadores, minha mãe ficou outra ; passou-lhe de todo, ao menos até agora. — Mas então, vamos, ¿ tu não me dizes do retrato ? Olha : (*designando o de El-rei S. Sebastião*) aquele do meio, bem sabes se o conhecerei : e o do meu querido e amado

rei D. Sebastião. Que majestade ! que testa aquela tam austera, mesmo dum rei moço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou ao sério o cargo de reinar, e jurou que há-de engrandecer e cobrir de glória o seu reino ! Éle ali está . . . E pensar que havia de morrer às mãos de mouros, no meio de um deserto, que numa hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está naquelles olhos rasgados, no apertar daquela bôca ! . . . Não pode ser, não pode ser. Deus não podia consentir em tal.

TELMO

Que Deus te ouvisse, anjo do céu !

MARIA

¿ Pois não há profecias que o dizem ? Há, e eu creio nelas. E também creio naquele outro que ali está ; (*indica o retrato de Camões*) aquele teu amigo com quem tu andaste lá pela Índia, nessa terra de prodígios e bizarras, por onde êle ia . . . ¿ como é ? ah, sim . . .

• Nua mão sempre a espada e noutra a pena . . . •

TELMO

Oh ! o meu Luís, coitado ! bem lho pagaram. Era um rapaz mais moço do que eu, muito mais . . . e quando o vi a última vez . . . foi no alpendre de Sam-Domingos em Lisboa — parece-me que o estou a ver ! — tam mal trajado, tam encolhido . . . êle que era tam desembaraçado e galã . . . e então vélho ! vélho alquebrado — com aquele ôlho que valia por dois mas tam sumido e encovado já, que eu disse comigo : • Ruim terra te comerá cedo corpo da maior alma que deitou

Portugal ! — E dei-lhe um abraço . . . foi o último . . .
 Êle pareceu ouvir o que me estava dizendo o pensamento cá por dentro, e disse-me: «Adeus, Telmo! Sam-Telmo seja comigo neste cabo da navegação . . . que já vejo terra, amigo» — e apontou para uma cova que ali se estava a abrir. — Os frades rezavam o officio dos mortos na igreja . . . Êle entrou para lá, e eu fui-me embera. Daí a um mês, vieram-me aqui dizer: «Lá foi Luís de Camões num lençol para Sant'Aná». E ninguém mais falou nêle.

MARIA

Ninguém mais ! . . . ¿ Pois não lêem aquele livro que é para dar memória aos mais esquecidos ?

TELMO

O livro sim : aceitaram-no como o tributo de um escravo. Êstes ricos, êstes grandes, que oprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades, tomaram o livro como uma cousa que lhes fizesse um servo seu e para honra dêles. O servo, acabada a obra, deixaram-no morrer ao desamparo sem lhe importar com isso . . . ¿ quem sabe se folgaram ? podia pedir-lhes uma esmola — escusavam de se incomodar a dizer que não.

MARIA, com entusiasmo :

Está no céu, que o céu fez-se para os bons e para os infelizes, para os que já cá da terra o adivinharam ! Êste lia nos mistérios de Deus ; as suas palavras são de profeta. ¿ Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião ? . . . ¿ como havia de êle então morrer ? Não morreu. (*Mudando de tom*) Mas o outro, o ou-

tro . . . ¿ quem é este outro, Telmo ? Aquelle aspecto tam triste, aquella expressão de malancolia tam profunda . . . aquelas barbas tam negras e cerradas . . . e aquella mão que descansa na espada como quem não tem outro arrimo, nem outro amor nesta vida . . .

TELMO, deixando-se surpreender :

Pois tinha, oh se tinha . . .

(Maria olha para Telmo, como quem compõe, depois torna a fixar a vista no retrato ; e ambos ficam diante d'êlle como fascinados. No entretanto e às últimas palavras de Maria, um homem embuçado com chapéu sôbre os olhos levanta o reposteiro da direita e vem, pé ante pé, aproximando-se dos dois que o não sentem).

SCENA II

Maria, Telmo e Manuel de Sousa

MANUEL

Aquele era D. João de Portugal, um honrado fidalgo, e um valente cavaleiro.

MARIA, respondendo sem observar quem lhe fala :

Bem mo dizia o coração.

MANUEL, desembuçando-se e tirando o chapéu com muito affecto :

¿ Que te dizia o coração, minha filha ?

MARIA, reconhecendo-o :

Oh meu pai, meu querido pai ! já me não diz mais nada o coração senão isto. (*Lança-se-lhe nos braços e beija-o na face muitas vezes*) — Ainda bem que vies-tes. — Mas de dia ! . . . ¿ não tendes receio, não há pe-rigo já ?

MANUEL

Perigo, pouco. Ontem à noite não pude vir ; e hoje não tive paciência para aguardar todo o dia : vim bem coberto com esta capa . . .

TEI-MO

Não há perigo nenhum, meu senhor ; podeis estar à vontade e sem receio. Esta madrugada muito cedo estive no convento, e sei pelo senhor Frei Jorge que está, se pode dizer, tudo concluído.

MANUEL

Pois ainda bem, Maria. ¿ E tua mãe, tua mãe, fi-lha ?

MARIA

Desde ontem está outra . . .

MANUEL, em acção de partir :

Vamos a vê-la.

MARIA, retendo-o :

Não, que dorme ainda.

MANUEL

¿ Dorme ? Oh, então melhor. — Sentemo-nos aqui,

filha, e conversemos. (*Toma-lhe as mãos ; sentam-se*). Tens as mãos tam quentes ! (*Beija-a na testa*). E esta testa, esta testa ! . . . escalda. — Se isto está sempre a ferver ! Valha-te Deus, Maria ! Eu não quero que tu penses !

MARIA

¿ Então que hei-de eu fazer ?

MANUEL

Folgar, rir, brincar, tanger na harpa, correr nos campos, apanhar das flores . . . — E Telmo que te não conte mais histórias, que te não ensine mais trovas e solaus. Poetas e trovadores padecem todos da cabeça . . . e é um mal que se péga.

MARIA

¿ Então para que fazeis vós como êles ? . . . eu bem sei que fazeis.

MANUEL, *sorrindo* :

Se tu sabes tudo ! Maria, minha Maria ! (*Amimando-a*). Mas não sabias ainda agora de quem era aquele retrato . . .

MARIA

Sabia.

MANUEL

Ah ! ¿ você sabia e estava fingindo ?

MARIA, *gravemente* :

Fingir não, meu pai. A verdade . . . é que eu sabia de um saber cá de dentro ; ninguém mo tinha dito, e eu queria ficar certa.

MANUEL

Então adivinhas, felicicira. (*Beija-a na testa*) — Telmo, ide ver se chamais meu irmão: dissei-lhe que estou aqui.

SCENA III

Manuel de Sousa e Maria

MANUEL

Ora ouve cá, filha. Tu tens uma grande propensão para achar maravilhas e mistérios nas cousas mais naturais e singelas. E Deus entregou tudo à nossa razão, menos os segredos de sua natureza inefável, os de seu amor, e de sua justiça e misericórdia para conosco. Êsses são os pontos sublimes e incompreensíveis da nossa fé! Êsses crêem-se: tudo o mais examina-se. — Mas vamos, (*sorrindo*) ¿ não dirão que sou da Ordem dos Prêgadores? Há-de ser destas paredes, e unção da casa: que isto é quasi um convento aqui, Maria... Para frades de Sam-Domingos não nos falta senão o hábito...

MARIA

Que não faz o monge...

MANUEL

Assim é, querida filha! Sem hábito, sem escapulário nem correia, por baixo do setim e do veludo, o cincto pode andar tam apertado sôbre as carnes, o coração tam contrito no peito... a morte — e a vida que vem depois dela — tam diante dos olhos sempre, como na

cela mais estreita e com o burel mais grosseiro cingido. Mas enfim, chega-te aos bons . . . sempre é meio caminho andado. Eu estou contentissimo de virmos para esta casa — quási que nem já me peza da outra. Tenho aqui meu irmão Jorge e todos êstes bons padres de Sam-Domingos como de portas a dentro. — ¿Ainda não viste daqui a igreja? (*Levanta o reposteiro do fundo e chegam ambos à tribuna*). É uma devota capela esta. E todo o templo tam grave ! dá consolação vê-lo. Deus nos deixe gozar em paz de tam boa vizinhança. (*Tornam para o meio da casa*).

MARIA, que parou diante do retrato de D. João de Portugal, volta-se de repente para o pai :

Meu pai, ¿ êste retrato é parecido ?

MANUEL

Muito ; é raro ver tam perfeita similhança : o ar, os ademanes, tudo. O pintor copiou fielmente quanto viu. Mas não podia ver, nem lhe cabiam na tela, as nobres qualidades de alma, a grandeza e valentia de coração, — e a fortaleza daquela vontade, serena mas indomável, que nunca foi vista mudar. Tua mãe ainda hoje estremece só de o ouvir nomear ; era um respeito, era quasi um temor santo que lhe tinha.

MARIA

E lá ficou naquela fatal batalha ! . . .

MANUEL

Ficou. — Tens muita pena, Maria !

MARIA

Tenho.

MANUEL

Mas se êle vivesse . . . não existias tu agora, não te tinha eu aqui nos meus braços.

MARIA, *escondendo a cabeça no seio do pai* :

Ai meu pai !

SCENA IV

Maria, Manuel de Sousa, Jorge

JORGE

Ora alviçaras, minha dona sobrinha : venha-me já abraçar, senhora D. Maria. (*Maria beija-lhe o escapulário ; e depois abraçam-se*). Inda bem que vieste, meu irmão ! Está tudo feito : os governadores deixam cair o caso em esquecimento ; Miguel de Moura já cedeu. — O arcebispo foi ontem a Lisboa e volta esta tarde. Vamos eu e mais quatro religiosos nossos buscá-lo para o acompanhar, e tu hás-de vir connosco para lhe agradecer ; que não teve parte no agravo que te fizeram, e foi quem acabou com os outros que se não ressentissem da ofensa ou do que lhes prouve tomar como tal . . . deixemos isso. Volta para o convento e quási que vem ser teu hóspede : é preciso fazer-lhe cumprimento, que nô-lo merece.

MANUEL

Se êle vem só, sem os outros . . .

JORGE

Só, só: os outros estão por essas quintas de aquém do Tejo. E nós não chegamos aqui senão lá por noite.

MANUEL

Se entendes que posso ir . . .

JORGE

Podes e deves.

MANUEL

Vou de-certo. — E até eu preciso de ir a Lisboa; tenho negócio de importância no Sacramento, no vosso convento novo de freiras abaixo de Sam-Vicente; necessito falar com a abadessa.

MARIA

Oh meu pai, meu querido pai, levai-me por quem sois, convosco. Eu queria ver a tia Joana de Castro; é o maior gosto que posso ter nesta vida. Quero ver aquele rosto . . . De mim não se há-de tapar . . .

MANUEL

¿ E tua mãe ?

MARIA

Minha mãe dá licença, dá. Ela já está boa . . . oh, e em vos vendo fica boa de todo, e eu vou.

MANUEL

¿ E os ares maus de Lisboa ?

JORGE

Isso já acabou de todo : nem sinal de peste. — Mas enfim a prudência . . .

MARIA

A mim não se me péga nada. — Meu querido pai, vamos, vamos.

MANUEL

Veremos o que diz tua mãe, e como ela está.

SCENA V

Maria, Manuel de Sousa, Jorge ; Madalena entrando

MADALENA, *correndo a abraçar Manuel de Sousa :*

Estou boa já, não tenho nada, espôso da minha alma, todo o meu mal era susto ; era terror de te perder.

MANUEL

Querida Madalena !

MADALENA

Agora estou boa : Telmo já me disse tudo, e curou-me com a boa nova. — Maria, Deus lembrou-se de nós : ouviu as tuas orações, filha, que as minhas . . . (*Vai a recair na sua tristeza*).

JORGE

Ora pois, mana, ora pois ! . . . Louvado seja Êle por tudo. E hoje alegria ! Que era sermos desagra-

decidos para com o Senhor, que nos valeu, mostrar-se hoje alguém triste nesta casa.

MADALENA, *fazendo por se alegrar* :

¿ Triste porquê ? As tristezas acabaram (*Para Manuel de Sousa*). Tu ficas aqui já de vez. ¿ Não me deixas mais, não sais de ao pé de mim ? — Agora, olha, estes primeiros dias ao menos, hás-de-me aturar, hás-de-me fazer companhia. Preciso muito, querido.

MANUEL

Pois sim, Madalena, sim ; farei quanto quiseres.

MADALENA

É que eu estou boa . . . boa de todo ; mas tenho uma . . .

MANUEL

Uma imaginação que te atormenta. Havemos de castigá-la, ainda que não seja senão para dar exemplo a certa donzela que nos está ouvindo e que precisa . . . precisa muito. — Pois olha : hoje é sexta-feira . . .

MADALENA

Sexta-feira ! (*aterrada*) ai que é sexta-feira !

MANUEL

Para mim tem sido sempre o dia mais bem estreado de tóda a semana.

MADALENA

Sím !

MANUEL

É o dia da paixão de Cristo, Madalena.

MADALENA, *caíndo em si*:

Tens razão.

MANUEL

É hoje sexta-feira; e daqui a oito... vamos — daqui a quinze dias bem contados, não saio de casa. ¿ Estás contente ?

MADALENA

Meu espôso, meu marido, meu querido Manuel !

MANUEL

¿ E tu, Maria ?

MARIA, *amuada*:

Eu não.

MANUEL, *para Madalena*:

¿ Queres tu saber por que é aquele amuo ? É que eu precisava de ir hoje a Lisboa...

MADALENA

A Lisboa... hoje !

MANUEL

Sim : e não posso deixar de ir, sabes que por fins desta minha pendência com os governadores, eu fiquei em divida — ¿ quem sabe se da vida ? Miguel de Moura e êsses meus degenerados parentes eram capazes de tudo ! — Mas o certo é que fiquei em muita divida ao arcebispo. Ele volta hoje aqui para o convento ; e meu

irmão, que vai com outros religiosos para o acompanharem, entende que eu também devo ir. Bem vêes que não há remédio.

MADALENA

Logo hoje ! . . . Êste dia de hoje é o pior . . . se fôsse amanhã, se fôsse passado hoje ! . . . ¿ E quando estarás de volta ?

JORGE

Estamos aqui sem falta à bôca da noite.

MADALENA, *fazendo por se resignar* :

Paciência : ao menos valha-nos isso. Não me deixam aqui só outra noite . . . esta noite, particularmente, não fico só . . .

MANUEL

Não, sossega, não : estou aqui ao anoitecer. E nunca mais saio de ao pé de ti. E não serão quinze dias ; vinte, os que tu quizeres.

MARIA

¿ Então vou, meu pai, vou ? — ¿ Minha mãe dá licença, dá ?

MADALENA

¿ Vais aonde, filha ? ¿ que dizes tu ?

MARIA

Com meu pai que tem de ir ao Sacramento, de caminho. — E bem sabeis, querida mãe, que eu ando há tanto tempo para ir àquele convento para conhecer a tia D. Joana . . .

JORGE

Sóror Joana : assim é que se chama agora.

MARIA

É verdade. E andam-me a prometer, há um ano, que me hão-de levar lá . . . Desta vez hão-de-mo cumprir . . . ¿ não é assim, minha mãe ? (*acarinhando-a*) minha querida mãezinha ! — Sim, sim, dizel já que sim.

MADALENA, abraçada com a filha :

Oh Maria, Maria . . . também tu me queres deixar ! — também tu me desamparas . . . e hoje !

MARIA

Venho logo, minha mãe, venho logo. — Olha ; e não tenhais cuidado comigo : vai meu pai, vai o tio Jorge, — levo a minha aia, a Doroteia . . . E, é verdade, o meu fiel escudeiro há-de ir também, o meu Telmo.

MADALENA

¿ E tua mãe, filha, deixa-la aqui só, a morrer de tristeza ? (*à parte*) e de medo !

MANUEL

Tua mãe tem razão : não há-de ser assim, hoje não pode ser. (*Maria fica triste e desconsolada*).

JORGE

Ora pois ; eu já disse que não queria ver hoje ninguém triste nesta casa. — Venha cá a minha donzela dolorida, (*pegando-lhe pela mão*) e faça aqui muitas

festas ao tio frade, que eu fico a fazer companhia a sua mãe. E vá, vá satisfazer essa louvável curiosidade que tem de ir ver aquela santa freirinha que tanto deixou para deixar o mundo e se ir enterrar num claustro. Vá, e venha . . . melhor de coração, não pode ser — que tu és boa como as que são boas, minha Maria — mas quero-te mais fria de cabeça : ouves ?

MARIA, *à parte* :

Fria! . . . quando ela estiver ôca ! — (*Alto*) & Vou-me apromptar, minha mãe ?

MADALENA, *sem vontade* :

Se teu pai quere . . .

MANUEL

Dou licença : vai. (*Maria sai a correr*).

SCENA VI

Manuel de Sousa, Madalena, Jorge

MANUEL

É preciso deixá-la espairecer, mudar de logar, distrair-se: aquele sangue está em chamas, arde sôbre si e consome-se, a não o deixarem correr à vontade. — Há-de vir melhor : verás.

MADALENA

Deus o queira ! — Telmo que vá com ela : não o quero cá.

MANUEL

¿ Porquê ?

MADALENA

Porque . . . Maria . . . Maria não está bem sem êle — e êle também . . . em estando sem Maria — que é a sua segunda vida, diz o pobre do vèlho, — ¿ sabes ? Já treslê muito . . . já está muito . . . e entra-me com scismas que . . .

MANUEL

Está, está muito vèlho, coitado ! Pois que vá : melhor é.

SCENA VII

Manuel de Sousa, Madalena, Jorge ; Maria *entrando com Telmo e Dorotela.*

MARIA

Então vamos, meu pai.

MANUEL

Pois vamos.

JORGE

E são horas ; vão. A Ribeira é um pedaço de rio ; e até às sete, o mais, tu precisas de estar de volta à porta da Oira, que é onde irão ter os nossos padres à espera do arcebispo. — Eu cá me desculparei com o prior. Vão.

MARIA

Minha mãe ! (*Abraçando-a*) Então, se chorais assim, não vou.

MANUEL

Nem eu, Madalena. Ora pois ! Eu nunca te vi assim.

MADALENA

Porque nunca assim estive . . . — Vão, vão . . . adeus ! — Adeus, espôso do meu coração ! — Maria, minha filha, toma sentido no ar, não te resfries. E o sol . . . não saias debaixo do tóldo no bergantim. Telmo, não te tires de ao pé dela. — Dá-me outro abraço, filha. — Doroteia, ¿ levais tudo ? (*Examina uma bolsa grande de damasco que Doroteia leva no braço*). Pode haver qualquer coisa, molhar-se, ter frio para a tarde . . . (*Tendo examinado a bolsa*). Vai tudo : bem ! — (*Baixo a Doroteia*). Não me apartes os olhos dela, Doroteia. Ouve. (*Fala baixo a Doroteia que lhe responde baixo também : depois diz alto*). Está bom.

MANUEL

Não tenhas cuidado ; vamos todos com ela.

(*Abraçam-se outra vez ; Maria sai apressadamente, e para a mãe não ver que vai sufocada com chôro*).

SCENA VIII

Manuel de Sousa, Madalena, Jorge

MADALENA, *seguindo com os olhos a filha, e respondendo a Manuel de Sousa :*

Cuidados ! . . . eu não tenho já cuidados. Tenho, êste mêdo, êste horror de ficar só . . . de vir a achar-me só no mundo.

MANUEL

Madalena !

MADALENA

¿ Que queres ? não está na minha mão. — Mas tu tens razão de te enfadar com as minhas impertinências. Não falemos mais nisso. Vai. Adeus ! — Outro abraço. Adeus.

MANUEL

Oh querida mulher minha, parece que vou eu agora embarcar num galeão para a Índia . . . Ora vamos : ao anoitecer, antes da noite, aqui estou. — E Jesus ! . . . Olha a condessa de Vinioso, esta Joana de Castro que a nossa Maria tanto deseja conhecer . . . olha se ela faria êsses prantos quando disse o último adeus ao marido.

MADALENA

Bem dita ela seja ! Deu-lhe Deus muita fôrça, muita virtude. Mas não lha invejo, não sou capaz de chegar a essas perfeições.

JORGE

É perfeição verdadeira ; é a do Evangelho : Deixa tudo e segue-me.

MADALENA

Vivos ambos . . . sem ofensa um do outro, querendo-se, estimando-se . . . e separar-se cada um para a sua cova ! Vêrem-se com a mortalha já vestida — e . . . vivos, são . . . depois de tantos anos de amor . . . e convivência . . . condenarem-se a morrer longe um do outro — sós, sós ! — E quem sabe se nessa tremenda hora . . . arrependidos !

JORGE

Não o permitirá Deus assim . . . oh, não. Que horrível coisa seria !

MANUEL

Não permite, não. — Mas não pensemos mais nelles : estão entregues a Deus . . . *(Pausa.)* ; E que temos nós com isso ? A nossa situação é tam diferente . . . *(Pausa.)* Em tôdas nos pode Êle abençoar. — Adeus, Madalena, adeus ! até logo. Maria já lá vai no cais a esta hora . . . adeus ! — Jorge, não a deixes.

(Abraçam-se ; Madalena vai até fóra da porta com êle).

SCENA IX

Jorge, só :

Eu faço por estar alegre, e queria vê-los contentes a êles . . . mas não sei já que diga do estado em que vejo minha cunhada, a filha . . . até meu irmão o desconheço ! A todos parece que o coração lhes adivinha desgraça . . . E eu quási que também já se me pega o mal. Deus seja connosco !

SCENA X

Jorge, Madalena

MADALENA, falando ao bastidor :

Vai, ; ouvês, Miranda ? Vai e deixa-te lá estar até veres chegar o bergantim ; e quando desembarcarem,

vem-me dizer para eu ficar descansada. (*Vem para a scena*). Não há vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta . . . ¿ quem sabe ? o tempo muda tam de-pressa . . .

JORGE

Não, hoje não tem perigo.

MADALENA

Hoje . . . hoje ! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receado . . . que ainda temo que não acabe sem muito grande desgraça . . . É um dia fatal para mim : faz hoje anos que . . . que casei a primeira vez — faz anos que se perdeu el-rei S. Sebastião — e faz anos também que . . . vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.

JORGE

¿ Pois contaes essa entre as infelicidades da vossa vida ?

MADALENA

Conto. Este amor — que hoje está santificado e bemdito no céu, porque Manuel de Sousa é meu marido — começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi . . . e quando o vi — hoje, hoje . . . foi em tal dia como hoje ! — D. João de Portugal ainda era vivo. O peccado estava-me no coração ; a bôca não o disse . . . os olhos não sei o que fizeram, mas dentro d'alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante . . . já não guardava a meu marido, a meu bom . . . a meu generoso marido . . . senão a grosseira fidelidade que uma mulher bem nascida quasi que mais deve a si do que ao

espôso. Permitiu Deus . . . ¿ quem sabe se para me tentar ? . . . que naquela funesta batalha de Alcácer, entre tantos, ficasse também D. João . . .

SCENA XI

Madalena, Jorge, Miranda

MIRANDA, apressado :

Senhora . . . minha senhora !

MADALENA, sobressaltada :

¿ Quem vos chamou, que quereis ? — Ah ! és tu, Miranda. Como assim ! ¿ já chegaram ? . . . Não pode ser.

MIRANDA

Não, minha senhora : ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso . . .

MADALENA

¿ Então que é ? ¿ Não vos disse eu que não viésseis dali antes de os ver chegar ?

MIRANDA

Para lá torno já, minha senhora : há tempo de sobrejo. — Mas venho trazer-vos recado . . . um estranho recado, por minha fé.

MADALENA

Dizei já, que me estais a assustar.

MIRANDA

Para tanto não é, nem coisa séria, antes quasi para rir. É um pobre velho peregrino, um destes romeiros que aqui estão sempre a passar, que vêm das bandas de Espanha . . .

MADALENA

¿ Um cativo . . . um remido ?

MIRANDA

Não, senhora, não traz a cruz, nem é : é um romeiro — algum destes que vão a Sant'Iago : mas diz êle que vêm de Roma e dos Santos Logares.

MADALENA

Pois, coitado ! virá. Agasalhai-o ; e dêem-lhe o que precisar.

MIRANDA

É que êle diz que vem da Terra Santa, e . . .

MADALENA

¿ E porque não virá ? — Ide, ide, e fazel-o acomodar já. — ¿ É velho ?

MIRANDA

Muito velho — e com umas barbas ! . . . Nunca vi tam formosas barbas de velho, e tam alvas. — Mas, senhora, diz êle que vem da Palestina e que vos traz recado . . .

MADALENA

A mim !

MIRANDA

A vós ; e que por fôrça vos há-de ver e falar.

MADALENA

Ide vê-lo, Frei Jorge. Engano há-de ser : mas ide ver o pobre do vêlho.

MIRANDA

É escusado, minha senhora : o recado que traz, diz que a outrem o não dará senão a vós, e que muito vos importa sabê-lo.

JORGE

Eu sei o que é : alguma reliquia dos Santos Logares — se êle com efeito de lá vem ! — que o bom do vêlho vos quer dar . . . como tais coisas se dão a pessoas da vossa qualidade . . . a trôco de uma esmola avultada. É o que êle há-de querer ; é o costume.

MADALENA

Pois venha embora o romeiro ! E trazei-mo aqui, trazei.

SCENA XII**Madalena, Jorge**

JORGE

Que é precisa muita cautela com êstes peregrinos ! A vieira no chapéu e o bordão na mão, às vezes não são mais que negaças para armar à caridade dos fieis. E nestes tempos revoltos . . .

SCENA XIII

Madalena, Jorge e Miranda que volta com o Romeiro

MIRANDA, *da porta* :

Aqui está o romeiro.

MADALENA

Que entre. E vós, Miranda, tornai para onde vos mandei : ide já, e fazei como vos disse.

JORGE, *chegando à porta da direita* :

Entrai, irmão, entrai. (*O romeiro entra devagar*).
Esta é a senhora D. Madalena de Vilhena. — ¿É esta a fidalga a quem desejais falar ?

ROMEIRO

A mesma.

(*A um sinal de Frei Jorge. Miranda retira-se*).

SCENA XIV

Madalena, Jorge, Romeiro

JORGE

¿ Sois português ?

ROMEIRO

Como os melhores, espero em Deus.

JORGE

¿ E vindes ? ...

ROMEIRO

Do Santo Sepulcro de Jesus Cristo.

JORGE

¿ E visitastes todos os Santos Logares ?

ROMEIRO

Não os visitei ; morei lá vinte anos cumpridos.

MADALENA

Santa vida levastes, bom romeiro.

ROMEIRO

Oxalá ! — Padeci muita fome, e não sofri com paciência : deram-me muitos tratos, e nem sempre os levei com os olhos n'Aquele que ali tinha padecido tanto por mim . . . Queria rezar, e meditar nos mistérios da Sagrada Paixão que ali se obrou . . . e as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus segundo a carne, travavam-me do coração e do espirite, que os não deixavam estar com Deus, nem naquela terra que é toda sua. — Oh ! eu não merecia estar onde estive : bem vêdes que não soube morrer lá.

JORGE

Pois bem : Deus quis trazer-vos à terra de vossos pais ; e quando fôr sua vontade, ireis morrer sossegado nos braços de vossos filhos.

ROMEIRO

Eu não tenho filhos, padre.

JORGE

No seio da vossa família . . .

ROMEIRO

A minha família . . . Já não tenho família.

MADALENA

Sempre há parentes, amigos . . .

ROMEIRO

Parentes! . . . Os mais chegados, os que eu me importava achar . . . contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ela: hão-de jurar que me não conhecem.

MADALENA

¿ Haverá tam má gente . . . e tam vil que tal faça ?

ROMEIRO

Necessidade pode muito. -- Deus lho perdoará, se puder !

MADALENA

Não façais juízos temerários, bom romeiro.

ROMEIRO

Não faço. — De parentes, já sei mais do que queria : amigos, tenho um ; com êsse, conto.

JORGE

Já não sois tam infeliz.

MADALENA

E o que eu puder fazer-vos, todo o amparo e gasalhado que puder dar-vos, contai comigo, bom vélho, e com meu marido, que há-de folgar de vos proteger . . .

ROMEIRO

¿ Eu já vos pedi alguma coisa, senhora ?

MADALENA

Pois perdoai, se vos ofendi, amigo.

ROMEIRO

Non há ofensa verdadeira senão as que se fazem a Deus. — Pedi-lhe vós perdão a Êle, que não vos faltará de quê.

MADALENA

Non, irmão, não de-certo. E êle terá compaixão de mim.

ROMEIRO

Terá . . .

JORGE, *cortando a conversação :*

Bom vélho, dissestes trazer um recado a esta dama: dai-lho já, que havereis mister de ir descansar . .

ROMEIRO, *sorrindo amargamente :*

¿ Quereis lembrar-me que estou abusando da paciência com que me tem ouvido ? Fizestes bem, pa-

dre ; eu ia-me esquecendo . . . talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim . . . estou tam vólho e mudado do que fui !

MADALENA

Deixai, deixai, não importa, eu folgo de vos ouvir : dir-me heis vosso recado quando quizerdes . . . logo, amanhã . . .

ROMEIRO

Hoje há-de ser. Há três dias que não durmo nem descanso, nem pousei esta cabeça, nem pararam êstes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado . . . e morrer depois . . . ainda que morresse depois ; porque jurei . . . faz hoje um ano — quando me libertaram, dei juramento sôbre a pedra santa do Sepulcro de Cristo . . .

MADALENA

¿ Pois éreis cativo em Jerusalém ?

ROMEIRO

Era : ¿ não vos disse que vivi lá vinte anos ?

MADALENA

Sim, mas . . .

ROMEIRO

Mas o juramento que dei foi que, antes de um ano cumprido, estaria diante de vós e vos diria da parte de quem me mandou . . .

MADALENA, *aterrada* :

¿ E quem vos mandou, homem ?

ROMEIRO

Um homem foi, — e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a *ninguém* mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

MADALENA

¿ Como se chama ?

ROMEIRO

O seu nome nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no cativoiro.

MADALENA

Mas enfim, dizei vós...

ROMEIRO

As suas palavras, trago-as escritas no coração com as lágrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me caíram nestas mãos, que me correram por estas faces. Ninguém o consolava senão eu... e Deus ! Você se me esqueceriam as suas palavras.

JORGE

Homem, acaba!

ROMEIRO

Agora acabo : sofrei, que êle também sofreu muito.
— Aqui estão as suas palavras : • Ide a D. Madalena

de Vilhena, e dissei-lhe que um homem que muito bem lhe quis . . . aqui está vivo . . . por seu mal . . . e daqui não pôde sair nem mandar-lhe novas suas de há vinte anos que o trouxeram cativo ».

MADALENA, na maior ansiedade :

Deus tenha misericórdia de mim! — E êsse homem, êsse homem . . . Jesus! êsse homem era . . . êsse homem tinha sido . . . levaram-no aí de donde! . . . ¿ de África ?

ROMEIRO

Levaram.

MADALENA

¿ Cativo ? . . .

ROMEIRO

Sim.

MADALENA

¿ Português ? . . . cativo da batalha de . . .

ROMEIRO

De Alcácer Kebir.

MADALENA, espavorida :

Meu Deus, meu Deus! ¿ Que se não abre a terra debaixo dos meus pés ? . . . ¿ Que não cáem estas paredes, que me não sepultam já aqui ? . . .

JORGE

Calai-vos, D. Madalena : a misericórdia de Deus é infinita ; esperai. Eu duvido, eu não creio . . . estas não são coisas para se crêrem de leve. (*Reflecte, e logo*

como por uma idéa que lhe acudiu de repente) Oh ! inspiração divina . . . (*Chegando ao Romeiro*) Conheceis bem êsse homem, romeiro : ¿ não é assim ?

ROMEIRO

Como a mim mesmo.

JORGE

Se o vireis . . . ainda que fôra noutros trajes . . . com menos anos — pintado, digamos — ¿ conhecê-lo heis ?

ROMEIRO

Como se me visse a mim mesmo num espelho.

JORGE

Procurai nestes retratos, e dizei-me se algum dêles pode ser.

ROMEIRO, *sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João :*

É aquelle.

MADALENA, *com um grito espantoso :*

Minha filha, minha filha, minha filha ! . . . (*Em tom cavo e profundo*) Estou . . . estás . . . perdidas, desonradas . . . infames ! (*Com outro grito de coração*) Oh minha filha, minha filha ! . . . (*Foge espavorida e neste gritar*).

SCENA XV

Jorge, e o **Romeiro**, que seguiu Madalena com os olhos, e está alçado no meio da casa com aspecto severo e tremendo.

JORGE

Romeiro, romeiro ! ¿ quem és tu ?

ROMEIRO, apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal :

Ninguém.

(Frei Jorge cai prostrado no chão, com os braços estendidos diante da tribuna. O pano desce lentamente).



ACTO TERCEIRO

Parte baixa do palácio de D. João de Portugal, comunicando, pela porta à esquerda do espectador, com a capela da Senhora da Piedade na igreja de Sam-Paulo dos Dominicós de Almada: é um casarão vasto sem ornato algum. Arrumadas às paredes, em diversos pontos, escadas, locheiras, cruces, ciraiais e outras alfoias e guizamentos de igreja de uso conhecido. A um lado um esquite dos que usam as confrarias: do outro uma grande cruz negra de lábua com o letreiro J. N. R. J., e toalha pendente, como se usa nas cerimónias da semana santa. Mais para a scena uma banca velha com dois ou três tamborettes; a um lado uma tocheira baixa com tocha acesa e já bastante gasta; sôbre a mesa um castiçal de chumbo, de credência, baixo e com vela acesa também, — e um hábito completo de religioso dominico, túnica, escapulário, rosário, cinto, etc. No fundo porta que dá para as oficinas e aposentos que ocupam o resto dos baixos do palácio. — É alta noite.

SCENA I

Manuel de Sousa, sentado num tamborete, ao pé da mesa, o rosto inclinado sôbre o peito, os braços caídos e em completa prostração de espirito e de corpo; num tamborete do outro lado Jorge, meio encostado para a mesa, com as mãos postas, e os olhos pregados no irmão.

MANUEL

Oh minha filha, minha filha! (*silêncio longo*). Des-

graçada filha, que ficas órfã ! . . . órfã de pai e mãe . . . *(Pausa)* e de família e de nome, que tudo perdeste hoje . . . *(Levanta-se com violenta aflição)*. A desgraçada nunca os teve. — Oh Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera ! *(Apertando a mão do irmão, que se levantou após d'ele e o está consolando do gesto)*. É o castigo terrível do meu êrro . . . se foi êrro . . . crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão.

JORGE

Paciência, paciência ; os seus juízos são imperscrutáveis.

(Acalma e faz sentar o irmão : tornam a ficar ambos como estavam).

MANUEL

¿ Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo à irrisão e ao discursar do vulgo ? Manuel de Sousa Coutinho, filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho do nosso pai, Jorge !

JORGE

Tu chasmas-te o homem mais infeliz da terra . . . Já te esqueceste, que ainda está vivo aquele . . .

MANUEL, *caíndo em si* :

É verdade. *(Pausa ; e depois, como quem se desdiz)*. Mas não é, nem tanto : padeceu mais, padeceu mais longamente, e bebeu até às fezes o cális das amarguras humanas . . . *(Levantando a voz)*. Mas fui eu, eu que lho preparei, eu que lho dei a beber, pelas mãos . . .

inocentes mãos! . . . dessa infeliz que arrastei na minha queda, que lancei nesse abismo de vergonha, a quem cobri as faces — as faces puras da virtude e do recato . . . cobri-lhas de um véu de infâmia que nem a morte há-de levantar, porque lhe fica, perpétuo e para sempre, lançado sobre o túmulo a cobrir-lhe a memória de sombras . . . de manchas que se não lavam! — Fui eu o autor de tudo isto, o autor da minha desgraça e da sua desonra dêles . . . Sei-o, conheço-o; e não sou mais infeliz que nenhum?

JORGE

Vê a palavra que disseste: « desonra »: lembra-te dela e de ti, e considera, se podes pleitear misérias com esse homem a quem Deus não quis acudir com a morte antes de conhecer essoutra agonia maior. — Ele não tem . . .

MANUEL

Ele não tem uma filha como eu, desgraçado . . . *(Pausa)* — uma filha bela, pura, adorada, sobre cuja cabeça — oh, porque não é na minha! — vai cair tôda essa desonra, tôda a ignomínia, todo o opróbrio que a injustiça do mundo, não sei porquê, me não quer lançar no resto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

JORGE

Não é assim, meu irmão, não te cegues com a dôr, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! E Deus há-de levar em conta essas amarguras. Já que te não pode

apartar o cális dos beijos, o que tu padeces, há-do ser descontado nela, há-de resgatar a culpa.

MANUEL

Resgate ! sim para o céu : nesse confio eu . . . ; mas o mundo ? . . .

JORGE

Deixa o mundo e as suas vaidades.

MANUEL

Estão deixadas tôdas. Mas êste coração ó de carne.

JORGE

Deus, Deus será o pai de tua filha.

MANUEL

Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei de-certo, e que devia ser consolação . . . mas não é, que eu sou homem; não sou anjo, meu irmão — devia ser consolação, e é desespêro, é a corôa de espinhos de tôda esta paixão que estou passando . . . é que a minha filha . . . Maria . . . a filha do meu amor — a filha do meu pecado, se Deus quere que seja pecado — não vive, não resiste, não sobrevive a esta afronta.

(Desata a soluçar, cái com os cotovelos fixos na mesa e as mãos apertadas no rosto : fica nesta posição por longo tempo. Ouve-se de quando em quando um soluço comprimido. Frei Jorge está em pé, detrás d'êle, amparando-o com o seu corpo, e os olhos postos no céu).

JORGE, chamando timidamente :

Manuel !

MANUEL

¿ Que me queres, irmão ?

JORGE, *animando-o* :

Ela não está tam mal ; já lá estive hoje . . .

MANUEL

¿ Estiveste ? . . . oh ! conta-me, conta-me ; eu não tenho . . . não tive ainda ânimo de a ir ver.

JORGE

Haverá duas horas que entrei na sua câmara, e estive ao pé do leito. Dormia, e mais sossegada da respiração. O acesso de febre, que a tomou quando chegámos de Lisboa e que viu a mãe naquele estado, — parecia declinar... quebrar-se mais alguma cousa. Dorothea, e Telmo . . . pobre vélho coitado ! . . . estavam ao pé dela, cada um de seu lado . . . disseram-me que não tinha tornado a . . . a . . .

MANUEL

¿ A lançar sangue ? . . . Se ela deitou o do coração ! . . . não tem mais. Naquele corpo tam franzino, tam delgado, ¿ que mais sangue há-de haver ? — ¿ Quando ontem a arranquei de ao pé da mãe e a levava nos braços, não mo lançou todo às golfadas aqui no peito ? (*Mostra um lenço branco todo manchado de sangue*). ¿ Não o tenho aqui . . . o sangue . . . o sangue da minha vítima ? . . . que é o sangue das minhas velas . . . que é o sangue da minha alma — é o sangue da minha querida filha ! (*Beija o lenço muitas vezes*). Oh meu

Deus, meu Deus ! Eu queria pedir-te que a levasses já . . . e não tenho ânimo. Eu devia aceitar por mercê das tuas misericórdias que chamasses aquele anjo para junto dos teus, antes que o mundo, êste mundo, infame e sem comiserção, lhe cuspsisse na cara com a desgraça do seu nascimento. — Devia, devia . . . e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peço-te vida, meu Deus (*ajoelha e põe as mãos*) peço-te vida, vida, vida . . . para ela, vida para a minha filha ! . . . saúde, vida para a minha querida filha ! . . . e morra eu de vergonha, se é preciso, cubra-me o escárnio do mundo, desonre-me o opróbrio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignomínia, um epitáfio que fique a bradar por essas éras desonra e infâmia sôbre mim ! . . . Oh meu Deus, meu Deus !

(*Cáí de bruços no chão. Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para êle, levanta-o quási a péso, e o torna a assentar*).

JORGE

Manuel, meu bom Manuel, Deus sabe melhor o que nos convém a todos: põe nas suas mãos êsse pobre coração, põe-no resignado e contrito, meu irmão, e Êle fará o que em sua misericórdia sabe que é melhor.

MANUEL, *com veemência e mêdo* :

¿ Então desenganas-me . . . desenganas-me e já ? . . . ¿ é isso que queres dizer ? Fala, homem: ¿ não há que esperar ? . . . ¿ não há que esperar dali, não é assim ? dize: ¿ morre, morre ? . . . (*Desanimado*) Também fico sem filha !

JORGE

Não disse tal. Por caridade contigo, meu irmão,

não imagines tal. Eu disse-te a verdade : Maria pareceu-me menos oprimida ; dormia . . .

MANUEL, *varlando* :

Se Deus quisera que não acordasse !

JORGE

Valha-me Deus !

MANUEL

Para mim aqui está esta mortalha: (*tocando no hábito*) morri hoje . . . vou amortalhar-me logo ; e adeus tudo o que era mundo para mim ! Mas minha filha não era do mundo . . . não era, Jorge ; tu bem sabes que não era : foi um anjo que veio do céu para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida, para a eterna pousada donde viera e onde me conduzia . . . Separou-nos o arcanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor que derramou sôbre mim o vaso cheio das lágrimas, e a taça rasa das amarguras ardentes de sua cólera . . . (*Caindo de tom*). Vou com esta mortalha para a sepultura . . . e, viva ou morta, cá deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram, que a não hão-de conhecer nunca, porque ela não era dêste mundo nem para êle . . . (*Pausa*)—Torna lá, Jorge, vai vê-la outra vez, vai e vem-me dizer ; que eu ainda não posso . . . mas hei-de ir, oh ! hei-de ir vê-la e beijá-la antes de descer à cova . . . Tu não queres, não podes querer . . .

JORGE

Havemos de ir . . . quando estiveres mais sosse-

gado . . . havemos de ir ambos: descansa, hás-de vê-la.
— Mas isto inda é cedo.

MANUEL

¿ Que horas serão ?

JORGE

Quatro, quatro e meia (*Vai á porta da esquerda e volta*). São cinco horas, pelo alvor da manhã que já dá nos vidros da igreja. Daqui a pouco iremos, mas sossega.

MANUEL

¿ E a outra . . . a outra desgraçada, meu irmão ?

JORGE

Está — imagina por ti — está como não podia deixar de estar ; mas a confiança em Deus pode muito: vai-se conformando. O Senhor fará o resto. — Eu tenho fé neste escapulário (*tocando no hábito em cima da mesa*) para ti e para ela. Foi uma resolução digna de vós, foi uma inspiração divina que os alumiou a ambos. Deixa estar ; ainda pode haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

MANUEL

¿ E isto está tudo pronto ? Eu não soffro nestes hábitos, eu não aturo, com êstes vestidos de vivo, a luz dêsse dia que vem a nascer.

JORGE

Está tudo concluído. O arcebispo mostrou-se bom

e piedoso prelado nesta ocasião ; e é um santo homem, é. O arcebispo já expediu tôdas as licenças e mais papéis necessários. Coitado ! o pobre do vélho velou quasi tôda a noite com o seu vigário para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial, e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o Prior de Bemfica, e também vigário do Sacramento, sabes, chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está : é quem te há-de lançar o hábito, a ti e a Dona . . . a minha irmã. — Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Bemfica, outro para o Sacramento.

MANUEL

Tu és um bom irmão, Jorge : (*Aperta-lhe a mão*) Deus to há-de pagar. (*Pausa*). Eu não me atrevo . . . tenho repugnância . . . mas é forçoso perguntar-te por alguém mais. Onde está *ele* . . . e o que fará ! . . .

JORGE

Bem sei, não digas mais : o romeiro. Está na minha cela, e de lá não há-de sair — que foi ajustado entre nós — senão quando . . . quando eu lho disser. Descansa : não verá ninguém, nem será visto de nenhum daqueles que o não devem ver. Demais, o segrêdo de seu nome verdadeiro está entre mim e ti — além do arcebispo, a quem foi indispensável comunicá-lo para evitar tôdas as formalidades e delongas que aliás havia de haver numa separação desta ordem. — Ainda há outra pessoa com quem lhe prometi — não pude deixar de prometer, porque sem isso não queria êle entrar em acôrdo algum. — com quem lhe prometi que havia de falar hoje e antes de mais nada.

MANUEL

¿ Quem ? ¿ será possível ? . . . ¿ Pois êsse homem
quere ter a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pedaços
daquele coração já partido ? Não tem entranhas êsse
homem : sempre assim foi, duro, desapiedado como a
sua espada. — ¿ É D. Madalena que êle quere ver ? . . .

JORGE

Não, homem ; é o seu aio vêlho, é Telmo-Pais. Como
lho havia de eu recusar !

MANUEL

De nenhum modo : fizeste bem : eu é que sou in-
justo. Mas o que eu padeço é tanto e tal . . . — Va-
mos ; eu ainda me não entendo bem claro com esta des-
graça : dize-me, fala-me a verdade : minha mulher . . .
— minha mulher ! com que bôca pronuncio eu ainda
estas palavras ! — ¿ D. Madalena o que sabe ?

JORGE

O que lhe disse o romeiro naquela fatal sala dos
retratos . . . o que já te contei. Sabe que D. João está
vivo, mas não sabe aonde ; supõe-no na Palestina tal-
vez ; é onde o deve supôr pelas palavras que ouviu.

MANUEL

Então não conhece, como eu, tôda a extensão, tôda
a indubitável verdade da nossa desgraça. Ainda bem !
talvez possa duvidar, consolar-se com alguma espe-
rança de incerteza.

JORGE

Ontem de tarde não ; mas esta noite começava a ralar-lhe no espirito alguma falsa luz dessa vã esperança, Deus lha deixe, se é para bem seu.

MANUEL

¿ Porque não há-de deixar ? ¿ não é já desgraçada bastante ? — E Maria, a pobre Maria ! . . . Essa confio no Senhor que não salba, ao menos por ora . . .

JORGE

Não sabe. E ninguém lho disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu : a mãe quasi nas agonias da morte. Mas o motivo, só se ela o adivinhar. — Tenho medo que o faça . . .

MANUEL

Também eu.

JORGE

Deus será connosco e com ela ! — Mas não : Telmo não lhe diz nada por certo ; eu já lhe asseverei — e acreditou-me — que a mãe estava melhor, que tu ias logo vê-la . . . E assim espero que, até lá por meio do dia, a possâmos conservar em completa ignorância de tudo. Depois ir-se-lhe há dizendo, pouco a pouco, até onde fôr inevitável. E Deus . . . Deus acudirá.

MANUEL

Minha pobre filha, minha querida filha !

SCENA II

Jorge, Manuel de Sousa, Telmo

TELMO, batendo de fóra á porta do fundo :

Acordou.

MANUEL, sobressaltado :

É a voz de Telmo.

JORGE

É. (*Indo abrir a porta*). Entrai, Telmo.

TELMO

Acordou.

JORGE

¿ E como está ?

TELMO

Melhor, muito melhor, parece outra. Está muito abatida, isso sim ; muito fraca, a voz lenta, mas os olhos serenos, animados como dantes e sem aquele fusilar de ontem. Preguntou por vós . . . ambos.

MANUEL

¿ E pela mãe ?

TELMO

Não : nunca mais falou nela.

MANUEL

Oh filha, filha ! . . .

JORGE

Iremos vê-la. (*Pega na mão do irmão*). ¿ Tu prometes-me ?

MANUEL

Prometo.

JORGE

Vamos. — (*Chamando a Telmo para a boca da scena*)
Ouvi, Telmo : ¿ lembrais-vos do que vos disse esta manhã ?

TELMO

¿ Não me hei-de lembrar ?

JORGE

Ficai aqui. Em nós saindo, puxai aquela corda que vai dar à sineta da sacristia : virá um irmão converso ; dizei-lhe o vosso nome, êle ir-se há sem mais palavra, e vós esperai. Fechai logo esta porta por dentro, e não abrais senão à minha voz. ¿ Entendestes ?

TELMO

Ide descansado.

SCENA III

Telmo, depois o Irmão Converso

TELMO, vai para deitar a mão á corda, pára suspenso algum tempo e depois :

Vamos : isto há-de ser.

(*Ouve-se tocar longe uma sineta : Telmo fica pensativo e com o braço alevantado e imóvel*).

CONVERSO

¿ Quem sois ?

TELMO, *estremecendo* :

Telmo-Pais.

(O Converso faz vénia e vai-se).

SCENA IV

TELMO, *só* :

Virou-se-me a alma tóda com isto : não sou já o mesmo homem. Tinha um pressentimento do que havia de acontecer . . . parecia-me que não podia deixar de suceder . . . e cuidei que o desejava enquanto não veio. — Veio, e fiquei mais aterrado, mais confuso que ninguém ! — Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor está vivo . . . o filho que eu criei nestes braços . . . vou saber novas certas d'ele — no fim de vinte anos de o julgarem todos perdido — e eu, eu que sempre esperei, que sempre suspirei pela sua vinda . . . — era um milagre que eu esperava sem o crer ! Eu agora tremo . . . É que o amor destoutra filha, desta última filha, é maior, e venceu . . . venceu, apagou o outro. Perdôe-me Deus, se é pecado. ¿ Mas que pecado há-de haver com aquele anjo ? — Se me ela viverá, se escapará desta crise terrível ! — Meu Deus, meu Deus ! *(Ajoelha)* Levai o vélho que já não presta para nada, levai-o por quem sois ! *(Aparece o romeiro à porta da esquerda, e vem lentamente aproximando-se de Telmo que não dá por elle)*. Contentai-vos com este pobre sacri-

ficio da minha vida, Senhor, e não me tomeis dos braços o inocentinho que eu criei para vós, Senhor, para vós . . . mas ainda não, não mo leveis ainda. Já padeceu muito, já traspassaram bastantes dores aquela alma : esperai-lhe com a da morte algum tempo ! . . .

SCENA V

Telmo e o Romeiro

ROMEIRO

Que não oiça Deus o teu rôgo !

TELMO, *sobressallado* :

Que voz ! — Ah ! é o romeiro. — Que me não oiça Deus ! ¿ porquê ?

ROMEIRO

¿ Não pedias tu por teu desgraçado amo, pelo filho que criaste ?

TELMO, *à parte* :

Já não sei pedir senão pela outra. (*Alto*) ¿ E que pedisse por êle, ou por outrem, porque me não há-de ouvir Deus se lhe peço a vida de um inocente ?

ROMEIRO

¿ E quem te disse que êle o era ?

TELMO

Esta voz . . . esta voz ! — Romeiro, ¿ quem és tu ?

ROMEIRO, *tirando o chapéu e levantando o cabelo dos olhos* :

Ninguém, Telmo ; ninguém, se nem já tu me conheces.

TELMO, *deitando-se-lhe ás mãos para lhas beijar* :

Meu amo, meu senhor . . . ¿ sois vós ? — sois, sois.
— D. João de Portugal, oh, ¿ sois vós, senhor ?

ROMEIRO

¿ Teu filho já não ?

TELMO

Meu filho ! . . . Oh ! é o meu filho todo ; a voz, o rosto . . . Só estas barbas, êste cabelo não . . . Mais branco já que o meu, senhor !

ROMEIRO

São vinte anos de cativo e miséria, de saúdades, de ânsias que por aqui passaram. Para a cabeça bastou uma noite como a que veio depois da batalha de Alcácer ; a barba, acabaram de a curar o sol da Palestina e as águas do Jordão.

TELMO

¿ Por tam longe andastes ?

ROMEIRO

E por tam longe eu morrêra ! — Mas não quis Deus assim.

TELMO

Seja feita a sua vontade.

ROMEIRO

¿ Péza-te ?

TELMO

Oh, senhor !

ROMEIRO

¿ Péza-te ?

TELMO

¿ Há-de-me pezar da vossa vida ? (*À parte*) meu Deus, parece-me que menti . . .

ROMEIRO

¿ E porque não, se já me péza a mim dela, se tanto me péza ela a mim ? — Amigo, ouve . . . ¿ Tu és meu amigo ?

TELMO

¿ Não sou ?

ROMEIRO

És : bem sei. E contudo, vinte anos de ausência, e de conversação de novos amigos, fazem esquecer tanto os vélhos ! . . . — ¿ Mas tu és meu amigo ? ¿ E se tu o não fóras quem o seria ?

TELMO

Senhor !

ROMEIRO

Eu não quis acabar com isto, não quis pôr em efeito a minha última resolução sem falar contigo, sem ouvir da tua bôca,

TELMO

¿ O que queréis que vos diga, senhor ? — Eu . . .

ROMEIRO

Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quiseste ceder a nenhuma evidência : não me admirou de ti, meu Telmo, mas também não posso — Deus me ouve — não posso criminalar ninguém porque o acreditasse : as provas eram de convencer todo o ânimo ; só lhe podia resistir o coração. E aqui . . . coração que fôsse meu . . . não havia outro.

TELMO

Sois injusto.

ROMEIRO

Bem o sei que queres dizer. — ¿ E é verdade isso ? ¿ é verdade que por tôda a parte me procuraram, que por tôda a parte . . . ela mandou mensageiros, dinheiro ?

TELMO

Como é certo estar Deus no céu, como é verdade ser aquela a mais honrada e virtuosa dama que tem Portugal.

ROMEIRO

Basta : vai dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desapareceu, que ninguém mais houve novas dêle ; que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos de . . . dos inimigos dêsse homem que ela ama . . . E que sossegue, que seja feliz. — Telmo, adeus !

TELMO

¿ E eu hei-de mentir, senhor, eu hei-de renegar de vós, como ruim vilão que não sou ?

ROMEIRO

Hás-de porque eu te mando.

TELMO, *em grande ansiedade* :

Senhor, senhor, não tenteis a fidelidade do vosso servo. É que vós não sabeis . . . D. João, meu senhor, meu amo, meu filho, vós não sabeis . . .

ROMEIRO

¿ O quê ?

TELMO

Que há aqui um anjo . . . uma outra filha minha, senhor, que eu também criei . . .

ROMEIRO

E a quem já queres mais que a mim: dize a verdade.

TELMO

Não mo pergunteis.

ROMEIRO

Nem é preciso. Assim devia de ser. Também tu! Tiraram-me tudo. (*Pausa*) — ¿ E tem um filho êles? . . . — Eu não . . . — E mais, imagino . . . Oh, passaram hoje pior noite do que eu. Que lho leve Deus em conta e lhes perdõe como eu perdoei já. — Telmo, vai fazer o que te mandei.

TELMO

Meu Deus, meu Deus ! ¿ que hei-de eu fazer ?

ROMEIRO

O que te ordena teu amo. — Telmo, dá-me um abraço. (*Abraçam-se*). — Adeus, adeus até . . .

TELMO

¿ Até quando, senhor ?

ROMEIRO

Até ao dia de juízo . . .

TELMO

¿ Pois vós ? . . .

ROMEIRO

Eu . . . — Vai, saberás de mim quando fôr tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. ¿ E para quê? — D. João de Portugal morreu no dia em que sua mulher disse que êle morrerá. Sua mulher honrada e virtuosa, sua mulher que êle amava . . . oh Telmo, Telmo com que amor a amava eu ! — Sua mulher que êle já não pode amar sem desonra e vergonha ! . . . Na hora em que ela acreditou na minha morte, nessa hora morri. Com a mão que deu a outro riscou-me do número dos vivos. D. João de Portugal não há-de desonrar a sua viúva. Não: vai; dito por ti terá dobrada fôrça: dize-lhe que falaste com o romeiro, que o examinaste, que o convenceste de falso e de impostor . . . dize o que quizeres, mas salva-a a ela da vergonha e ao meu nome da afronta. De mim já não há senão êsse nome, ainda honrado ; a memória dêle que fique sem mancha. — Está em tuas mãos, Telmo, entrego-te mais que a minha vida. ¿ Queres faltar-me agora ?

TELMO

Não, meu senhor : a resolução, é nobre e digna de vós. ¿ Mas pode ela aproveitar ainda ?

ROMEIRO

¿ Porque não ?

TELMO

Eu sei ! — Talvez . . .

SCENA VI

Romeiro, Telmo ; e Madalena de fóra à porta do fundo

MADALENA

Espôso, espôso ! abri-me, por quem sois. Bem sei que aqui estais : abri.

ROMEIRO

É ela que me chama. Santo Deus ! Madalena que chama por mim . . .

TELMO

Por vós !

ROMEIRO

¿ Pois por quem ? . . . não lhe ouvis gritar : — « Espôso, espôso ? »

MADALENA

Marido da minha alma, pelo nosso amor te peço, pelos doces nomes que me deste, pelas memórias da nossa felicidade antiga, pelas saúdades de tanto amor e tanta ventura, oh ! não me negues este último favor.

ROMEIRO

Que encanto, que sedução ! Como lhe hei-de resistir !

MADALENA

Meu marido, meu amor, meu Manuel !

ROMEIRO

Ah ! ... E eu tam cego que já tomava para mim ! ... — Céu e inferno ! abra-se esta porta ... (*Investe para a porta com ímpeto ; mas pára de repente*). Não: o que é dito é dito.

(*Vai precipitadamente à corda da sineta, toca com violência ; aparece o mesmo irmão converso e a um sinal do Romeiro ambos desaparecem pela porta da esquerda*).

SCENA VII

Telmo, Madalena ; depois Jorge e Manuel de Sousa

MADALENA, ainda de fóra :

Jorge, meu irmão, Frei Jorge, vós estais aí, que eu bem sei ; abri-me por caridade, deixai-me dizer uma única palavra a meu ... a vosso irmão: — e não vos importuno mais, e farei tudo o que de mim quereis, e ...

(*Ouve-se do mesmo lado ruído de passos apressados, e logo a voz de Frei Jorge*).

JORGE, de fóra :

Telmo, Telmo, abri, se podeis ... abri já.

TELMO, *abrindo a porta* :

Aqui estou eu só.

MADALENA, *entrando desgrenhada e fóra de si, procurando, com os olhos, todos os recantos da casa* :

Estáveis aqui só, Telmo ! ¿ E êle para onde foi ?

TELMO

¿ Êle quem, senhora ?

JORGE, *vindo à frente* :

Telmo estava aqui aguardando por mim, e com ordem de não abrir a ninguém enquanto eu não viesse.

MADALENA

Aqui havia duas vozes que falavam: distintamente as ouvi.

TELMO, *aterrado* :

¿ Ouvistes ?

MADALENA

Sim, ouvi. ¿ Onde está êle, Telmo, onde está meu marido . . . Manuel de Sousa ?

MANUEL, *que tem estado no fundo, enquanto Madalena, sem o ver, se adiantara para a scena, vem agora, à frente* :

Êsse homem está aqui, senhora ; ¿ que lhe quereis ?

MADALENA

Oh que ar, que tom, que modo êsse com que me falas ! . . .

MANUEL, *enternecendo-se* :

Madalena . . . (*Caindo em si e gravemente*) Senhora, ¿ como quereis que vos fale, que quereis que vos diga? — ¿ Não está tudo dito entre nós ?

MADALENA

Tudo ! ¿ quem sabe? Eu parece-me que não. Olha: ¿ eu sei? . . . ¿ mas não daríamos nós, com demasiada precipitação, uma fé tam cega, uma crença tam implícita a essas misteriosas palavras de um romeiro, um vagabundo . . . um homem enfim que ninguém conhece ? Pois dize . . .

TELMO, *à parte a Jorge* :

Tenho que vos dizer, ouvi. (*Conversam ambos à parte*).

MANUEL

Oh Madalena, Madalena ! não tenho mais nada que te dizer. — Crê-me, que to juro na presença de Deus: a nossa união, o nosso amor é impossível.

JORGE, *continuando a conversação com Telmo, e levantando a voz com aspereza* :

É impossível já agora . . . — e sempre o devia ser.

MADALENA, *virando-se para Jorge* :

Também tu, Jorge !

JORGE, *virando-se para ela* :

Eu falava com Telmo, minha irmã. — (*Para Telmo*) Ide, Telmo, ide onde vos disse, que sois mais preciso lá.

(Fala-lhe ao ouvido; depois alto) Não ma deixes um instante, ao menos até passar a hora fatal.

(Telmo sai com repugnância, e rodeando para ver se chega ao pé de Madalena. Jorge, que o percebe, faz-lhe um sinal imperioso; êle recúa, e finalmente se retira pelo fundo).

SCENA VIII

Madalena, Manuel de Sousa, Jorge

MADALENA

Jorge, meu irmão, meu bom Jorge, vós, que sois tam prudente e reflectido, ¿ não dais nenhum pêso às minhas dúvidas ?

JORGE

Tomára eu ser tam feliz que pudesse, **querida irmã.**

MADALENA

¿ Pois entendeis ? ...

MANUEL

Madalena ... senhora ! Tôdas estas coisas são já indignas de nós. — Até ontem, a nossa desculpa, para com Deus e para com os homens, estava na boa fé e seguridade de nossas consciências. Essa acabou. Para nós já não há senão estas mortalhas, *(tomando os hábitos de cima da banca)* e a sepultura de um claustro. — A resolução que tomámos é a única possível ; e já não há que voltar atrás ... Ainda ontem falávamos dos

condes de Vimioso . . . Quem nos diria . . . oh incompreensíveis mistérios de Deus ! — Animo, e ponhamos os olhos naquella cruz ! — Pela última vez, Madalena . . . pela derradeira vez neste mundo, querida . . . *(Vai para a abraçar e recúa)* Adeus, adeus !

(Foge precipitadamente pela porta da esquerda),

SCENA IX

Madalena, Jorge, côro dos frades dentro

MADALENA

Ouve, espera ; uma só, uma só palavra ; Manuel de Sousa ! . . . *(Toca o órgão dentro).*

CÔRO, dentro :

De profundis clamavi ad te, Domine ; Domine, exaudi vocem meam.

MADALENA, indo abraçar-se com a cruz :

Oh Deus ; senhor meu ! pois já, já ? ¿nem mais um instante, meu Deus ? — Cruz do meu Redentor, oh cruz preciosa, refúgio de infelizes, ampara-me tu, que me abandonaram todos neste mundo, e já não posso com as minhas desgraças . . . e estou feita um espectáculo de dôr e de espanto para o céu e para a terra ! — Tamai, Senhor, tomai tudo . . . — ¿A minha filha também ? . . . Oh ! a minha filha, a minha filha . . . também essa vos dou, meu Deus. — E agora, ¿que mais quereis de mim, Senhor ? *(Toca o órgão outra vez),*

CÓRO, *dentro* :

Fiant aures tuæ intendentés ; in vocem deprecationis meæ.

JORGE

Vinde, minha irmã, é a voz do Senhor que vos chama. Vai começar a santa cerimónia.

MADALENA, *enxugando as lágrimas e com resolução* :

¿ Ele foi ?

JORGE

Foi sim, minha irmã.

MADALENA, *levantando-se* :

E eu vou. (*Sáem ambos pela porta do fundo*).

SCENA X

Corre o pano do fundo, e aparece a igreja de Sam-Paulo: os frades sentados no côro. Em pé junto ao altar-mór o Prior de Bemfica. Sôbre o altar dois escapulários dominicanos. Manuel de Sousa de joelhos com o hábito de noviço vestido, à direita do Prior. O Arcebispo de capa magna e barrete no seu trono, rodeado dos seus clérigos em sobrepelizes. Pouco depois entra Jorge, acompanhando Madalena também já vestida de noviça e que vai ajoelhar à esquerda do Prior.— Toca o órgão.

CÓRO

Si iniquitates observaveris, Domine ; Domine, quis sustinebit ?

PRIOR, *tirando os escapulários de cima do altar;*

Manuel de Sousa Coutinho, irmão Luís de Sousa, pois em tudo quisestes despir o homem vèlho, abandonando também ao mundo o nome que nêles tinheis! — Sórora Madalena! Vós ambos, que já fostes nobres senhores no mundo, e aqui estais prostrados no pó da terra, nesse humilde hábito de pobres noviços; que deixastes tudo até vos deixar a vós mesmos . . . filhos de Jesus Cristo, e agora de nosso padre Sam-Domingos, recebei com êste bento escapulário . . .

SCENA XI

O Prior de Bemflea, o Arcebispo, Manuel de Sousa, Madalena, etc. *Maria que entra precipitadamente pela igreja em estado de completa alienação; traz umas roupas brancas, desalinhas e caídas, os cabelos soltos, o rosto macerado, mas inflamado com as rosetas éticas; os olhos desvairados: pòra um momento, reconhece os pais, e vai direita a êles. — Espanto geral; a cerimónia interrompe-se.*

MARIA

Meu pai, meu pai, minha mãe, levantai-vos, vinde.

(Toma-os pelas mãos; êles obedecem maquinalmente, vêm ao meio da scena; confusão geral).

MADALENA

Maria! minha filha!

MANUEL

Filha, filha! . . . Oh, minha filha . . . (*Abraçam-se ambos nela*).

MARIA, *separando-se com êles da outra gente, e trazendo-os para a bôca da scena* :

Esperai : aqui não morre ninguém sem mim. ¿ Que quereis fazer ? ¿ Que cerimónias são estas ? ¿ Que Deus é êsse que está nesse altar, e quere roubar o pai e a mãe a sua filha ? — (*Para os circumstantes*) ¿ Vós quem sois, espectros fatais ? . . . ¿ quereis-mos tirar dos meus braços ? . . . Esta é a minha mãe, êste é o meu pai . . . ¿ Que me importa a mim com o outro ? ¿ Que rnorresse ou não, que esteja com os mortos ou com os vivos — que se fique na cova ou que ressuscite agora para me matar ? . . . Mate-me, mate-me, se quere, mas deixe-me êste pai, esta mãe que são meus. — ¿ Não há mais do que vir ao meio de uma familia e dizer : • Vós não sois marido e mulher ? . . . e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao colo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é . . . • — Mãe, mãe, eu bem o sabia . . . nunca to disse, mas sabia-o : tinha-mo dito aquele anjo terrível que me aparecia tôdas as noites para me não deixar dormir . . . aquele anjo que descia com uma espada de chamas na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia neles . . . que me fazia chorar quando meu pai ia beijar-me no teu colo. — Mãe, mãe, tu não hás-de morrer sem mim . . . Pai, dá cá um pano da tua mortalha . . . dá cá, eu quero morrer antes que êle venha : (*Encolhendo-se no hábito do pat*) quero-me esconder aqui, antes que venha êsse homem do outro

mundo dizer-me na minha cara e na tua — aqui diante de tôda esta gente : « Essa filha é a filha do crime e do pecado ! . . . » Não sou ; dize, meu pai, não sou . . . dize a essa gente tôda, dize que não sou. (*Vai para Madalena*). Pobre mãe ! tu não podes . . . coitada ! . . . não tens ânimo . . . — ¿ nunca mentiste ? . . . Pois mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pai.

MADALENA

Misericórdia, meu Deus !

MARIA

¿ Não queres ? ¿ Tu também não, pai ? — Não querem. E eu hei-de morrer assim . . . e êle vem aí . . .

... SCENA XII

Maria, Madalena; Manuel; o Romeiro e Telmo que apparecem no fundo da scena saindo detrás do altar-mór.

ROMEIRO, *para Telmo* :

Vai, vai ; vê se ainda é tempo : salva-os, que ainda podes . . . (*Telmo dá alguns passos para diante*).

MARIA, *apontando para o Romeiro* :

É aquela voz, é êle, é êle. — Já não é tempo . . . Minha mãe, meu pai, cubri-me bem estas faces, que

morro de vergonha . . . (*Esconde o rosto no seio da mãe*)
morro, morro . . . de vergonha . . .

(Cai e fica morta no chão. Manuel de Sousa e Madalena prostram-se ao pé do cadáver da filha).

MANUEL, *depois de algum espaço, levanta-se de joelhos :*

Minha irmã, rezemos por alma . . . encomendemos a nossa alma a êste anjo que Deus levou para si. Padre Prior, ¿ podeis-me lançar aqui o escapulário ?

PRIOR, *indo buscar os escapulários ao altar-mór e tornando :*

Meus irmãos, Deus affige neste mundo áqueles que ama. A corôa de glória não se dá senão no céu.

(Toca o órgão ; cai o pano)



NOTAS

A MEMÓRIA AO CONSERVATÓRIO

Nota A

Todos ficaram atrás de Camões, porque todos o quiseram enfeitar (o assunto de Inês de Castro) julgando dar-lhe mais interêsse pag. 6

Inês de Castro, o mais bello e poético episódio do riquíssimo romance da história portuguesa, está por tratar ainda, ou eu muito me engano. Camões fez o que fizeram todos os grandes poetas nacionais chamados por sua augusta missão a enfeixar, num magnifico e perpétuo monumento, tôdas as glórias, tôdas as tradições poéticas de um povo : êste é o carácter da sua epopeia e de tôdas as verdadeiras epopeias ; fixam as crenças e a história maravilhosa de uma nação, são elas mesmas parte consubstancial, típica e quási hierática dessa nacionalidade que consagraram pela religião da poesia. Tais foram para os gregos os dois poemas de Homero, para os persas o *Schâhnâmeh* (Livro dos Reis) de Firdusi, para os povos do norte o *Niebelungen*, para as nações cristãs do meio-dia o *Orlando* de Ariosto. E por isto nos mais antigos se duvida ainda hoje de seu verdadeiro autor, que alguns

não querem que seja senão colector, como o nome de rapsódias, dado aos contos de Homero, parece inculcar.

Nem eu nem o logar somos próprios para se decidir a questão. O que para mim é decidido é que o nosso Homero português deu ao seu poema o cunho e carácter de epopéia nacional quando nêle reuniu tôdas as nossas mais queridas memórias e recordações antigas, desde Viriato, o vencedor dos Romanos, até D. João de Castro, o triunfador romano. Assim juntou tôdas as rapsódias do romance português, e fez a *Ilíada* dos Lusitanos. Inês de Castro entrou no quadro como elle a achou nas tradições populares, e nas crónicas velhas, que pouco mais eram do que as tradições populares, escritas, — ou como então se diria, « postas por escritura. » A pintura é rápida, e bela da simplicidade antiga dos grandes pinceis, como só os sabe menear a poesia popular; não péca senão nos ornatos clássicos do máu gosto da Renascença a que por vezes sacrificou o grande poeta; tal é a fala de Inês a el-rei . . .

O romance de Garcia de Rezende não tem êsse defeito; tem menos dêle a tragédia de António Ferreira, a-pesar-de tam moldada pelos exemplares gregos. Mas estas são as três composições sobre Inês de Castro que verdadeiramente se aproximaram do assunto. O mais tudo que produziu a literatura portuguesa e castelhana, e que reproduziram tam descórado as estranhas, está abaixo da craveira.

Exceptuemos todavia as Crónicas antigas, que são mais poéticas na sua prosa tam sincera, do que a maior parte dos poetas, que as traduziram para a affectação das suas rimas.

¿ Não haverá um português que se afoite a competir por êste grande prémio, o maior que a literatura pátria tem levantado no meio da arena poética? Precisa, é verdade, ser um Shakespeare ou um Schiller; sobretudo precisa esquecer todos os exemplares clássicos e românticos, não querer fazer à Racine ou à Vitor Hugo, à maneira dêste grego ou daquelle outro latino ou dêstoutro inglês, e criar-se a si, para o assunto. O que principalmente falta é esta resolução.

Nota B

-Se eu pudesse tomar nas mãos o escopro de
Canova ou de Torwaldson pag. 7

Não escrevi esta frase à toa : é uma convicção minha que na poesia da linguagem o género paralelo à estatuária é a tragédia : assim como a epopeia à grande architectura : e os outros géneros, espécies e variedades literárias aos seus correspondentes na pintura : ode à alegoria, Idílio à paisagem, epigrama à caricatura, romance e drama ao quadro histórico, e assim os mais. A música segue as divisões da poesia falada, cuja irmã gémea nasceu. Ao cabo, a ARTE é uma só, expressada por variados modos segundo são variados os sentidos do homem. Em vez de tantos mestres de retórica e poética, ou de literatura como agora creio que se chamam, um só que desenvolvesse esta doutrina tam simples como verdadeira, aproveitava no curso de um ano o que elles perdem e tem perdido em muitas dezenas.

Nota C

Esta é uma verdadeira tragédia — se as pode
haver, e como só imagino que as possa ha-
ver, sôbre factos e pessoas comparativa-
mente recentespag. 7

Racine desculpa-se de ter posto na scena trágica um assunto tam moderno como Bajazet, julgando suprido o defeito da idade com a distância do logar, a diversidade dos costumes e o mistério das coizas do serralho. Nos assuntos nacionais, porém, ao menos para nós, há um termo além do qual a scena não suporta o verso. D. Sebastião é talvez o último carácter histórico a quem ainda pûdéssemos ouvir recitar endecassílabos : daí para cá duvido. Do tempo de Frei Luís de Sousa pode ser que ainda se ature o verso em assunto ou bem trágico ou bem heróico ; dependerá porém muito do modo por que os fizerem, e os declamarem, os tais versos.

Nota D

O nosso verso sôlto está provado que é dócil e ingénuo bastante para dar todos os efeitos de arte sem quebrar na natureza pag. 8

Todavia o ritmo dramático está ainda por aferir entre nós: Nem os Gregos nem os Latinos nem os ingleses nem os Alemães escreveram as suas tragédias no mesmo metro que as suas epopeias. Fazem-no os franceses porque mais não podem, com a mofina língua que Deus lhes deu. Os Castelhanos também não punham no teatro quasi outro verso mais que a redondilha popular. Gil-Vicente usou de todos os metros possíveis em português mas rarissima vez do endecassílabo. E todavia êste é quasi o único a que a prosódia da língua dá harmonia e fôrça bastante para soar bem sem rima. ¿ Que se há-de fazer ? Variar-lhe o ritmo, quebrar-lhe a monotonia da cadência, como fez Alfieri, a quem todavia o toscano faltou com as desinências fortes que não tem, e que no português abundam tanto.

Quanto para a tragédia, creio que é êste o único expediente ; noutros géneros de drama entendo que se pode tentar o exemplo dos Castelhanos.

Ainda hoje o Sr. Breton-de-los-Herreros e o próprio Sr. Martinez-de-la-Rosa estão metrificando comédias, puramente comédias, em verso de redondilha, o octossílabo que não menos popular e natural é nesta nossa que naqueloutra língua das Espanhas.

Destas e de outras coisas que tais é que se devia ocupar a nossa Academia e o nosso Conservatório.

Nota E

Ao cadáver das plateias gastas e caquéticas pelo uso continuo de estimulantes violentos, galvanizá-lo com sós êstes dois metais de lei (o terror e piedade). pag. 9

Neste ponto sou mais clássico do que Aristóteles, mais

estacionário que o velho Horácio, e mais ortodoxo do que Racine. Na tragédia e no drama trágico não podem entrar outros affectos. O horror, o asco, serão bons — não sei se são — para o drama a que, por falta de melhor nome talvez, chamam grande. Este último género porém, que muitos querem que não seja senão uma espécie híbrida ou uma aberração, este genero, digo, tem sobretudo provado a sua incapacidade para exercer o predomínio na scena, pela demoralização artistica com que tem corrompido o público. Símbolo e reflexo da anarquia, não põe limites aos desejos, devassa e franqueia tudo ; em pouco tempo gasta-se, como ella, sobre si mesmo. Não lhe fica mais que dar nem que esperar. A tendência natural do público, depois das saturnais da escola ultra-romântica, é portanto tôda para a ordem, para as regras, para o regimen da moderação . . . Felizmente na literatura não há oligarquias, à espreita, destes cansaços e tendências populares, para as grangear fraudulentamente em proveito do privilégio e do absolutismo.

Nota F

Que me não julguem sobre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procurava resolver. pag. 9

Uma obra de arte, seja qual fôr, não pode ser julgada pelas regras que a crítica lhe apraz estabelecer-lhe, senão pelas que o autor invocou e tomou para sua norma. De não entenderem ou não quererem entender este principio de eterna verdade e justiça, os encontrados anátemas com que, val num século, se estão fulminando clássicos e românticos uns aos outros. O teatro inglês era uma galeria de monstruosidades repugnantes para Voltaire e para tôda a Academia franceza : as mais suaves modulações da musa de Racine pareceram trillos de capados da capela do papa a Schlegel e a tôda a escola Shakespeareana de além do Rhin e da Mancha.

¿ Qual tinha razão ? Nenhum.

Nota G

Não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou
a cara com bôrras de vinho para fazer vi-
sagens ao povo pag. 10

A escola romântica foi tam manifesta reacção contra os vícios e abusos dos ultra-clássicos, tal e tam perfeita como a do liberalismo contra a corrupta monarquia feudal. Ambas caíram na anarquia pelo forte impulso que traziam, ambas destruíram muito porque podiam, e edificaram pouco porque não sabiam : ambas teem de oscilar ainda muito, antes que se ache o verdadeiro equilíbrio das coisas, sem voltar ao impossível que acabou, nem ir para o impossível que nunca há-de ser. Nestas duas questões anda o mundo : questões que estão mais ligadas e dependentes do que cuida o vulgar dos patetas — chamados homens de Estado, porque outra coisa não sabem ser — e o vulgar dos tímidos literatos que, ou *non bene relicta parmula* nos campos das disputas civis, se condenam a soneteiros de bastardos Mecenas, ou abdicam a augusta corôa de poeta popular que em nossos tempos, como nos de Alceu e de Sophocles, e como nos do Dante, tem espinhos debaixo dos loiros e precisa tanta coragem como talento para se trazer com dignidade. — E a vida da carne é tam curta para o homem de letras! . . . a da glória não lhe põem termo os homens.

Nota H

A litteratura actual é a palavra, é o verbo ain-
da balbuciante de uma sociedade indefinida :
e contudo já influe sôbre ela. pag. 10

Esta contínua e recíproca influéncia da litteratura sôbre a sociedade, e da sociedade sôbre a litteratura, é um dos fenómenos mais dignos da observação do filósofo e do político. Quando a história fôr verdadeiramente o que deve ser — e já tende para isso — há-de falar menos em batalhas, em

datas de nascimentos, casamentos e mortes de príncipes, e mais na legislação, nos costumes e na literatura dos povos, — Quem vier a escrever e a estudar a história dêste nosso século nem a entenderá nem a fará entender de-certo, se o não fizer pelos livros dos sábios, dos poetas, dos moralistas que caracterizam a época, e são ao mesmo tempo causa e efeito de seus mais graves sucessos.

Nossos bárbaros avoengos não conheciam outro poder senão a força — a força material; daí não historiaram senão dela. As rapsódias de história legislativa e literária que algum adepto redigiu, mais por curiosidade ou por espirito de classe do que por outra coisa, não eram obras populares, nem foram nunca havidas por tais, nem por quem as escrevia, nem por quem as lia. Assim tam difficil é hoje o trabalho de ligar e comparar umas histórias com outras para poder achar a história nacional. Mas deve ser muito estúpido o que não vir melhor a história de D. Manuel em Gil-Vicente do que em Damião de Góis, e a de el-rei D. José nas leis do Marquês de Pombal e nos escritos de José de Seabra do que nas gazetas do tempo, ou ainda nas próprias memórias mais íntimas de seus amigos e inimigos.

Nas obras de Chateaubriand e de Guizot, de Delavigne e Lamartine, nas de Vitor Hugo e até de George Sand, nas de Lamennais e de Cousin está o século dezanove com tôdas as suas tendências indefinidas e vagas, com tôdas as suas tímidas saúdes do passado, seus terrores do futuro, sua desanimada incredulidade no presente. Falo da França porque é o coração da Europa: de Lisboa a Sam-Petersburgo, daí ao Rio de Janeiro e a Washington, os membros todos do grande corpo social dali recebem e para ali refluem os mesmos accidentes de vida.

Nota I

A *Comédia famosa* não sei de quem, mas o
assunto era êste mesmo pag. 11

Revolvi muitas collecções de *Comédias famosas*, que são

L^a

stantes e volumosas as que temos em Lisboa, e não pude achar aquella que vi na Póvoa em 1818. É tam difficil ter aqui informações litterárias dos nossos vizinhos de ao pé da porta, que abandonei a empresa de a descobrir, a-pesar-do vivo interêsse que nisso tinha. — É mágoa e perda que duas literaturas que tanto ganhariam em se entender e ajudar reciprocamente, como é a nossa e a castelhana, estejam hoje mais estranhas uma à outra do que talvez nenhuma conhecida na Europa.

Nota J

O drama, o *Cativo de Fez*. pag. 11

O relatório da comissão do Conservatório Real é datado de 18 de Dezembro de 1840.

Nota K

Eu sacrifico às musas de Homero não às de Heródoto pag. 12

Heródoto dividiu a sua História, como todos sabem, em nove livros ou secções, cada uma das quais tem o nome ou título de uma das nove Musas. A história, assim como a poesia, eram para os antigos coisas sagradas e religiosas que se não tratavam senão debaixo da invocação dos deuses. E as Musas, filhas da memória, não eram o símbolo nem a inspiração dos belos fingimentos, mas da verdade belamente narrada. Quantas fábulas tem a *Iliada* e a *Odisseia*, não as houve por tais o poeta; senão por tradições e crenças respeitadas e respeitáveis no seu tempo. Heródoto tam pouco imaginava entrar nas províncias da poesia quando narrava as incríveis maravilhas que elle e os seus contemporâneos tinham por história.

Nota L

O primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu modelo a todos os absolutismos modernos — o que vale o mesmo pag. 14

O despotismo asiático antigo era o princípio, era a regra; o absolutismo europeu moderno é o facto, a excepção, a desviação. Os despotismos da Ásia, como então eram e ainda hoje são, nascem da exageração do governo patriarcal do chefe da família, da tribo, da nação. O absolutismo europeu é a usurpação dos direitos do povo; lá a coisa pública formou-se pelo príncipe e com elle; aqui é o príncipe que se impôs à república. Desde Júlio César até agora, a origem de tôdas as monarquias absolutas na Europa, a fundação de tôdas as suas dinastias tem sido a usurpação mais ou menos violenta, mais ou menos flagrante, mais ou menos astuciosa, dos direitos da nação por um homem.

Nota M

Para ver . . . se os nossos jovens escritores entravam por sua antiga história a descobrir campo, a colher pelas ruínas de seus tempos heróicos, os tipos de uma poesia mais nacional e mais natural. pag. 14

Por muitos defeitos que se possam notar na nossa litteratura actual, ninguém poderá todavia asseverar que ella não seja mais natural e mais nacional, do que a sua immediata predecessora. Os sonetos, as églogas, as odes pindáricas e os ditirambos que, até o primeiro quarto d'este século, eram a glória dos Arcades da segunda camada, os *Jonios* e os *Josinos*, os *Elmiros* e os *Belmiros*, teriam talvez — e creio que tinham — menos erros de linguagem e menos faltas de estilo do que tem os romances e os dramas de tantos rapazes de muito e de pouco talento que por aí se deitam hoje a escrever. Mas também não tinham um pensamento, uma idéa, quasi uma frase que não fôsse copiada, imitada servilmente. ¿ Quem cantava um assunto nacional, quem descrevia um sitio da sua terra, quem recorria a outro maravilhoso que não fôsse o do Olimpo? Tôda a nossa litteratura era franceza com o reflexo grego e latino; ainda quando os assuntos eram nacionais, não passava a nacionalidade dos nomes dos

heróis, ou dos títulos dos poemas. O Garção, o Tolentino e Francisco Manuel vê-se que sentiam a falsidade do tom em que estavam afinadas as suas belas e riquíssimas liras, mas certamente lhes faltou a coragem para romper com os preconceitos académicos ainda muito poderosos então. Bocage teria podido fazê-lo; mas aquele pasmoso talento nunca reflectiu no que era e podia, nem na alta missão a que o chamavam, tanto o seu genio como a sua popularidade.

Não me atrevo a dizer que já temos uma literatura nacional, nem sequer sei se chegaremos a isso; mas é sem dúvida que para lá caminhámos, e com mais largos e mais certos passos do que nunca, desde os *Lusiadas* para cá.

AO DRAMA

ACTO PRIMEIRO

Nota A

Todo o luxo e caprichosa elegância portuguesa
dos princípios do século dezassete. . . . pag. 19

Citarei o interessante Ms. descoberto pelo sr. Alexandre Herculano na biblioteca real da Ajuda, e do qual alguns extractos já foram publicados no *Panorama* de 1843.

« Posto que Lisboa seja tamanha e tam nobre povoação, não tem palácio algum de burguês ou de fidalgo que mereça consideração quanto a matéria: e quanto a architectura, são edificios muito grandes. Ornám-os porém de tal modo, que na verdade ficam magníficos. Costumam forrar os aposentos de rasos, de damascos e de finísimos razes no inverno, e no verão de couros dourados mui ricos que se fabricam naquela cidade. »

(Ms. da Bibl. da Ajuda).

Nota B

Naquele engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito . . . pag. 19

Os *Lusiadas* eram de-certo então, no princípio do século dezassete, um livro da moda e que devia andar sobre o bafete de tôdas as damas elegantes. Hoje está provado que só no primeiro ano da sua publicação se fizeram em Lisboa duas edições, que por sua grande similitude confundiram muito tempo os críticos e bibliófilos. Até o ano de 1613, época da separação de Manuel de Sousa Coutinho e D. Madalena de Vilhena, as edições dos *Lusiadas* eram já nove, desde a primeira de 1572 até à do referido ano de 1613, que é a dos célebres comentários de Manuel Correia, feita por Pedro Crasbeeck. Das *Rimas* contam-se três edições no mesmo período; a quarta fez-se no seguinte ano de 1614. Dois Autos tinham saído na colecção do Prestes.

Nota C

E assim foi seu pai antes dêle. pag. 21

Lopo de Sousa Coutinho, pai de Frei Luís de Sousa, era natural de Santarém, filho de Fernão Coutinho, e bisneto do segundo conde de Marialva, D. Gonçalo Coutinho. Serviu na Índia com muita distinção desde a idade de dezoito anos, no govêrno de Nuno da Cunha. Voltando ao reino, foi muito estimado de D. João III, que lhe deu o govêrno da Mina. Dali tornou com a merecida reputação de honestidade e zelo; e sucedendo na casa a seu irmão mais velho, Rui Lopes, que falecera, casou com D. Maria de Noronha, dama da rainha D. Catarina, de quem teve os seguintes filhos: Rui Lopes Coutinho, Lopo de Sousa Coutinho, Gonçalo Vaz Coutinho, Manuel (depois Frei Luís) de Sousa Coutinho, João Rodrigues Coutinho, André de Sousa Coutinho, N. . . (que foi provincial dos Gracianos) e Jorge Coutinho, depois Frei Jorge de Jesus. — Barbosa dá-lhe mais também uma filha, D. Ana de Noronha, freira nas Donas de Santarém.

Era Lopo de Sousa grande cultor das letras e das sciências, sabia a física e as matemáticas, foi profundo na litteratura antiga e professava, como todos os bons espiritos

do seu tempo, a poesia. « Uniu com tudo isto », diz o Sr. Bispo de Viseu, « grande religião, pureza de costumes e tal isenção no serviço do rei e da pátria, que nunca solicitou prémios, nem pediu compensações da fazenda que despendera largamente quando visitou os logares de África, e exercitou o posto de capitão-mór da armada da côrte. Tam nobres prendas e tamanhos serviços o faziam digno de respeito, a que obrigava ainda mais a sua presença venerável ; de tal sorte que até el-rei, se refere que « lhe não falava sem indícios de grande consideração. »

A frase de Frei António da Encarnação, é mais mimosa e portuguesa : « A presença e gravidade da pessoa era tal, que dizem que o mesmo rei se *compunha* quando falava com elle. »

Escreveu várias obras, que aponta Barbosa : dois livros do *Cêrco de Diu*, Coímbra por João Alvares 1556, fol., um livro da *Perdição de Manuel de Sousa de Sepúlveda*, 4.º ; — várias obras poéticas no *Cancioneiro geral* de Anvers 1570 ; — traduções do Lucano e de Séneca trágico ; e *Empresas de illustres Varões portuguezes na Índia*. Ms. — Frei António da Encarnação menciona também escritos matemáticos, provavelmente Ms. de que não há outra notícia.

V. Prólogo à II parte da *Hist. de S. Domingos* ; Fr. José da Natividade, *Agiolog. Domin.* ; *Histor. Genealog.*, t. XII ; e *Bibliotec. Lus.* : *Memor. da Academ. R. das Sc.*, de Lisboa t. VIII, p. I, 1823.

Nota D

Aquele mercador inglês da rua Nova, que aqui
vem às vezes, tem-me dito suas coisas que
me quadram. pag. 21

A rua-nova era o Chiado de então, a *rue de La-Paix*, o *Regent-street* da Lisboa, capital daquela imensa monarquia que D. Sebastião ainda deixou. Cito outra vez a *Relação ou viagem dos Venezianos Tron e Lippomani* :

« Quanto as ruas em geral são más e incómodas para andar, assim a pé como em coche, tanto é fácil, deleitosa e bela a rua Nova pelo seu comprimento e largueza, mas sobretudo por ser ornada de uma infinidade de lojas chelas de diversas mercadorias para uso de nobre e real povoação. »
(Ms. da Bibl. real da Ajuda).

Nota E

Herege desta seita nova de Alemanha ou de
 Inglaterra. pag. 21

Até em Portugal, o país mais exclusivamente católico da terra, não deixou de fazer sua impressão a luta pela liberdade religiosa que no século XVI tanto amotinou o norte da Europa. Até aqui a reforma teve, se não prosélitos determinados, pelo menos seus admiradores que sympathizavam com certos princípios proclamados pelos cristãos dissidentes. Um dos caracteres mais illustres da época, e que mais illustrava então na Europa o nome português, Damião de Góis, foi suspeito e acusado — cuidou que não sem algum fundamento — de sua intelligência com os reformistas de Alemanha.

Nota F

O escudeiro valido, o familiar quasi parente, o
 amigo velho e provado de teus amos . pag. 22

Dêstes antigos familiares das casas illustres, ou que viam a lei de nobreza, ainda na minha infância conheci alguns representantes. Nas províncias, e principalmente nas do norte, até o começo dêste século, o escudeiro não era um criado, era um companheiro, muitas vezes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna. Foi o último vestígio do pouco que havia de patriarcal nos hábitos feudais. O escudeiro é uma figura característica no quadro dos costu-

mes portuguezes, enquanto os houve ; e hoje mais interessante depois que se apagou tôda a fisionomia nacional com as modas e usos estranhos, nem sempre mais elegantes que os nossos.

Nota G

É a minha única filha : não tenho . . . nunca
tivemos outra. pag. 24

D. Madalena de Vilhena, filha herdeira de Francisco de Sousa Tavares, capitão-mór do mar da Índia e das fortalezas de Cananor e Diu, e de D. Maria da Silva, sua mulher, foi casada em primeiras núpcias com D. João de Portugal, neto do primeiro conde de Vimioso, e filho do célebre D. Manuel de Portugal que immortalizaram os versos de Camões ; teve dêle um filho que morreu moço, e duas filhas. Destas, uma casou com D. Pedro de Menezes, da casa dos condes de Linhares, e não teve sucessão ; outra, por nome D. Joana de Portuga, casou com D. Lopo de Almeida, avô do primeiro conde de Assumar, em cuja sucessão veio a reunir-se depois a descendência das duas casas, Portugal e Sousa Coutinho, pelo casamento de D. Diogo Fernandes de Almeida com D. Joana Teresa Coutinho. Singular coincidência ! observa com razão o sr. bispo de Viseu na sua Memor. cit.

Do segundo marido, o nosso Manuel de Sousa Coutinho, não teve senão esta filha, que Francisco de Santa Maria chama D. Ana, e eu D. Maria de Noronha, fundado na grande autoridade de meu tio D. Fr. Alexandre, que assim o tinha emendado no exemplar de seu uso, e era homem de escrupuloso rigor em todos os pontos.

Nota H

Tam boa linhagem como os que se teem por
melhores neste reino, em tôda Espanha pag. 27

Do que fica dito na nota C a êste acto, pag. 134, se vê

que não há amplificação nestas expressões. Olço aos práticos em genealogias que esta illustrissima familia dos Sousas Coutinhos, tam distinta por armas, letras e virtudes, se extinguiu completamente : e que os que hoje usam juntar os dois nobres apelidos ao seu nome teem muito pouco direito verdadeiro para isso — dirão os genealógicos quanto ao sangue, e a opinião do público quanto ao mais.

Nota I

Por tôdas as sejanas de Fez e Marrocos,
por todos quantos aduares de alarves af
houve pag. 28

Todos os nossos cronistas e escritores de memórias do tempo chamam *sejanas* àqueles bairros ou distritos fechados das cidades de Berbéria em que viviam os judeus, e aonde foram geralmente alojados e guardados os portuguezes cativos que esperavam seu resgate.

Nota K

Os embaixadores de Portugal e Castela tiveram ordens apertadas de o buscar por tôda a parte. pag. 29

Não só no breve reinado de D. Henrique, o cardeal-rei, mas ainda durante o do primeiro Filipe, II de Castela, estiveram lidando constantemente no resgate e protecção dos cativos cristãos em Berbéria, os dois agentes de Portugal e de Castela, que rivalizavam de zêlo e generosidade em seus nobres esforços.

Todos os escritos do tempo são testemunho dêste factotam honroso para as duas côrtes de Espanha.

Nota L

Mas não se ia sem aparecer também ao seu
aio vêlho pag. 80

Não é de invenção minha este argumento, que convence tam fortemente o bom do aio vélho, e que mē lisonjeio de ser uma das coisas mais características e originaes que o observador não vulgar encontrará talvez nesta composição. Tirei-o de um precioso tesoiro de onde tenho havido quasi tudo o que em meus escritos literários tem tido a fortuna de ser mais aplaudido. O tesoiro são as reminiscências da minha infância, e o estudo que incessantemente tenho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do crer do nosso povo, que é o mais poético e esprituoso povo da Europa.

Quero contar como me lembrou de pôr aquelas palavras na bôca de Telmo-Pais. Eu passei os primeiros anos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castelo, que era de meu pai, e a grande quinta do Sardão que era, e ainda é, da familia de meu avô materno, José Bento Leitão ; ambas são ao sul do Douro, ambas perto do Pôrto, mas tam isoladas e fóra do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que ali vivíamos, é que ficou sendo sempre para mim o tipo da vida feliz, da única vida natural neste mundo. — Uma parda vélha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino bonito entre todos os rapazes, e por quem ainda choro de saúdades a-pesar-do muito que me ralhava às vezes, era a cronista-mór da familia, e em particular da capela e da quinta do Sardão, que ela julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escurial. Contava-me ela, entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que piamente acreditava, que também naquelas coisas «se mentia muito»; que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha aparecido embrulhado num lençol passeando à meia noite em cima dos arcos que trazem a água para a quinta : o que era inteiramente falso, porque «ela estava certa que, se o sr. José Bento pudesse vir a este mundo, não se ia embora sem aparecer à sua Rosa de Lima.» — E arrasavam-se-lhe os olhos de água ao dizer isto, luzia-lhe na bôca um sorriso de confiança que ainda agora me faz impressão quando me lembra.⁵

A poesia verdadeira é esta, é a que sai destas suas fontes

primeiras e genuínas ; não são arrebiques de frases tiradas de gregos ou latinos, de franceses ou de Ingleses segundo é moda ; nem *refacimentos* exagerados — hoje da semsaboria descôrada da escola *passigráfica* que destingiu a nacionalidade de tôdas as literaturas no fim do século passado e princípios dêste — àmanhã de quanto há mais obsoleto e *irrevocável* no estilo enrevezado, nas idéas confusas, nos princípios indeterminados dos crônicqueiros vélhos. A literatura é filha da terra, como os Titãs da fábula, e à sua terra se deve deitar para ganhar fôrças novas quando se sente exausta.

Nota M

Esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu
 mais desgraçado povo ainda não quis acreditar
 que morresse, por quem ainda espera
 em sua leal incredulidade. pag. 32

A incredulidade popular sôbre a morte de el-rei D. Sebastião começou logo com as primeiras notícias que chegaram ao reino da derrota de Alcácer-Kebir. Querem alguns que as esperanças do povo fôsem adrede sustentadas pelos que mais haviam instigado aquella triste jornada, para evitarem a responsabilidade de seus fataes conselhos. O facto é que no público nunca se acreditou bem na morte de el-rei. E nenhum, de tantos que escaparam, nenhum disse nunca que o vira morrer. No epitáfio de Belém pôs-se a ressalva *si vera est fama*. Os vários impostores que em diversas partes appareceram tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruírem, confirmaram as suspeitas nacionais. O verdadeiro ou falso Sebastião que foi entregue em Veneza e atormentado em Nápoles, deixou dúvidas profundas nos ânimos mais seguros.

Menos bastava para dar côr e crença à multidão de fábulas romanescas e poéticas de que se encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianista é outro carácter popular que ainda não foi tratado e que, em hábeis

mãos, deve dar riquíssimos quadros de costumes nacionals. O romancista e o poeta, o filólogo e o filósofo acharão muito que lavrar neste fertilíssimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas.

Nota N

O (romance) da batalha . . . que diz :

Postos estão, frente a frente,
Os dois valorosos campos. pag. 35

Este romance que se cantava, diz Miguel Leitão, ao som de uma melodia simples e plangente, de que êle na sua *Miscelânea* nos conservou as notas, vem ali em castelhano; achei-o em português nos Apontamentos do cavalheiro de Oliveira, e também o publicou em português A. L. Caminha, na sua *Colecção de Inéditos*.

No lugar competente do meu *Romanceiro* o dou em ambas as línguas, sem me atrever a decidir em qual delas fôsse originalmente composto.

Nota O

D. Sebastião . . . que há-de vir um dia de névoa muito cerrada. pag. 35

Era opinião firme e corrente entre os derradeiros sebastianistas, e talvez ainda hoje o seja, porque me dizem que alguns há ainda, que el-rei D. Sebastião havia de vir num dia de névoa muito cerrada. Assim rezavam certas Profecias populares.

Outro tesouro de poesia nacional são estas Profecias que ainda ninguém examinou filologicamente como elas merecem. No meu *Romanceiro* procurei restituí-las ao lugar e categoria literária que estou convencido lhes compete. . .

Nota P

- ¿ Pois não tens ouvido a teu tio Frei Jorge,
a teu tio Lopo de Sousa, contar como
aquilo foi ? pag. 35

Lopo de Sousa, irmão de Frei Luís de Sousa, ficou ca-
tivo na batalha de Alcácer. *Hist. Geneal.*, t. XII.—Frei Jor-
ge, estou persuadido que foi frade graciano — posto que
as conveniências dramáticas me fizessem adoptar a opinião
de Touron e Echard, dando-o aqui por dominico.

Entre os que se renderam às promessas de Castela para
entregar Portugal foi, com bastante probabilidade, Rûl Lo-
pes Coutinho, o irmão mais velho de Frei Luís de Sousa ;
donde, não se dariam muito irmãos de tam diferentes sen-
timentos. Por isso aqui não é apontado o seu nome, ainda
que se achasse, como sabemos, na jornada de África.

V. Faria e Sousa, *Europ.*, t. III, p. I. ; e a *Mem.*, cit. do
sr. Bispo de Viseu.

Nota Q

- Êles que andam tam crentes nisto, alguma
coisa há-de ser pag. 35

Veja a nota M a êste acto. E consulte o dizer de todos os
escreitores do tempo : ver-se há que o engano popular, se o
era, recaía com efeito em muito grandes e fundadas suspei-
tas. Nunca uma pura falsidade chega a obter crédito geral ;
é preciso que tenha algum fundamento : a imaginação do
povo não é criadora, aumenta, exagera, mas não tira do
nada.

Nota R

- Êle não é por D. Filipe. pag. 35

• Se é como parece, somos obrigados a admitir com lãs-

tima êste labéu (de se ter vendido a Filipe de Castela) na descendência de Lopo de Sousa Coutinho, e a confessar que muito desdisse do desinterêsse e dignidade de um pai tam illustre, e muito desprezou as lições da primeira idade o seu mesmo primogénito. (V. not. P a êste acto). Contudo, à vista da mágoa profunda com que Manuel de Sousa Coutinho fala da fatal jornada de África em tantos logeres, e do patriótico entusiasmo de que a cada passo nos oferece argumentos, é muito de presumir que o contágio nem tocou levemente o seu delicado pundonor. *

Memór. cit. do sr. Bispo de Viseu.

Nota S

Para que deixou êle o hábito . . . porque não
ficou naquella santa religião pag. 39

Manuel de Sousa foi a Malta, pouco mais ou menos, no ano de 1576, para noviciar naquella religião. Duvidam Frei António da Encarnação, e Frei Lucas de Santa Catarina se efectivamente êle seria já noviço quando o aprisionaram os Argelinos em uma galé da ordem, pois que o deixaram resgatar; e é sabido que tal não permitiam nunca aos cavaleiros maitezes. A opinião mais geral dos escritores é porém que êle chegou a noviciar. E é certo que no ano de 1577 (segundo êle próprio escreve na P. I, Liv. VI, cap. 3 da *Hist. de S. Domingos*) estava cativo em Argel. Daí computa o sr. Bispo de Viseu que seria cativado pelo ano de 1576. Tomaram-no saindo de Sardenha, conforme refere no prólogo às obras de Jaime Falcão.

Qui in Melitensi triremi adversa tempestate pene eversa a piratis ad Sardiniam capti, Algerium que in Africa trajecti.

«Aí « achou entre os cativos, » diz Barbosa, « o célebre Miguel Cervantes Saavedra, com quem contraíu muito estreita amizade. » Ficou-nos testemunho desta amizade na linda novela de Cervantes, *Trabalhos de Persiles e Sigismunda*.

Nota T

Agora que ela (a peste) está, se pode dizer,
acabada . . . é que por fôrça querem mudar
de ares. pag. 41

A peste começou no fim de Outubro de 1508, estava quasi
extinta pelos fins de Agosto do ano seguinte ; mas no Outu-
bro immediato começaram a picar novos rebates, não acabando
de levantar de todo até Fevereiro de 1602.

Hist. de S. Domingos, P. III, L. VI, Cap. 10.

Nota V

A minha donzela Teodora. pag. 41

Ainda hoje, na frase comum, a *Donzela Teodora* é o tipo
da sabedoria feminina mais superior. Todos conhecem o ro-
mance provençal, de género e estilo bizantino que, traduzido
em português, obteve igual aceitação e popularidade ao *Ro-
berto do Diabo*, à *Formosa Mangalona* e seus pares.

Nota X

Para côrte e « buen-retiro » dos nossos cinco
reis pag. 42

« *Quinqueviratus ille invidiam sibi non levem conflavit,
mihi inopinatum exilium peperit.* »

Prólogo de Fr. Luís de Sousa ás *Obras de Jaime Falcão.*

Nota Y

O terço de meu pai tem mais de seiscentos
homens. pag. 42

« Præfecturam mihi imposuerat rex septimgentorum pedum, equitum ferme centum. »

Prolog. às *Obras* de Jaime Falcão.

Nota Z

O conde de Sabugal, o conde de Santa Cruz. pag. 46

Quando Filipe II safu de Lisboa em 1583, deixou por governador o Arquiduque Alberto, auxiliado pelo arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, Pedro de Alcáçova, e Miguel de Moura, secretário. Em 1594, chamado o Arquiduque para o Arcebispado de Toledo, deu o govêrno a D. Miguel de Castro, novo arcebispo de Lisboa, aos Condes de Portalegre, de Santa Cruz, do Sabugal, e a Miguel de Moura.

Nota Aa

A (casa) que foi de . . . a que péga com Sam-
-Paulo pag. 47

D. João de Portugal, primeiro marido de D. Madalena de Vilhena, tinha bens e casas do lado de Almada. E não foram de-certo estas as que incendiou Manuel de Sousa para resistir à prepotência dos Governadores do reino : tôdas as probabilidades são que a scena do romeiro se passaria em uma casa que tivesse sido de D. João, pois estava ali o seu retrato. Ser ela pegada com a igreja e convento de Sam-
-Paulo, é que sòmente foi probabilidade poética ou dramática.

Nota Bb

Meu pai morreu desastrosamente caíndo sô-
bre a sua própria espada : ¿ quem sabe se
eu morrerei nas chamas ateadas por mi-
nhas mãos ? pag. 53

Sucedeu isto na vila de Povos em Janeiro de 1577.

V. Frei António da Encarnação, Prolog. à P. II da *Hist. de S. Domingos*.

Nota Cc

Ilumino a minha casa para receber os muito poderosos e excelentes senhores Governadores d'êstes reinos. pag. 53

« Cum vehementer animo commotus essem, nova et inaudita metamorphosis indignantes parietes injuriæ subduxit, in fummum et cineres abiire . . . »

Prolog. às *Obr. de Falcão*.

O epigrama latino do mesmo Frei Luís de Sousa, segundo o refere Barbosa, ainda é mais veemente e elevado :

*Quos flamma absumpsit reddet mihi fama Penales,
Ponet et æternam, non moritura, domum.*

ACTO SEGUNDO

Nota A

As armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança. pag. 55

V. *Memórias dos Grandes de Portugal* por D. António Caitano de Sousa.

Nota B

É o princípio daquele livro tam bonito. . . pag. 57

São efectivamente estas, que Maria cita gracejando, as primeiras palavras do misterioso livro das *Saúdades* de Ber-

nardim Ribeiro, que tam popular foi entre nós, a-pesar, ou talvez pela mesma obscuridade, de seus enigmas e anagramas. Na rara edição, que agora alcanço, de 1559, teem alguma diferença.

Nota C

Faredes o que mandado vos é. pag. 58

É o antiquado de «fareis», que Maria aqui emprega com graciosa affectação, para falar em estilo de donzela romanesca dando ordens ao seu escudeiro.

Ponho isto aqui porque sei que me notaram o arcaísmo como impróprio do tempo; era-o com efeito no século XVII em que aí estamos, se não fôra trazido assim.

Nota D

A ousadia reflectida que está naqueles olhos rasgados, no apertar daquela bôca . . pag. 61

De todos os retratos de D. Sebastião que sei existirem, creio que o mais autêntico é o que está, ou estava pelo menos até 1832, em Angra na ilha Terceira, no palácio do governo que antigamente fôra Colégio dos Jesuitas. É tradição ter sido para ali mandado por el-rei mesmo em sua vida. Muitas vezes contemplei longamente aquele retrato na minha mocidade, e por êle é feita a descrição que pus na bôca de Maria.

Nota E

¿ Pois não há profecias que o dizem ? . . . pag. 61

Veja a nota O ao primeiro acto.

Nota F

Quando o vi a última vez . . . foi no alpendre de Sam-Domingos em Lisboa pag. 61

É sabido que o nosso illustre poeta passou os últimos tempos da sua vida na conversação e intimidade dos bons padres de Sam-Domingos de Lisboa, e que reviu e alterou em muitas coisas o seu poema pelo conselho e aviso de alguns varões doutos que abundavam naquela ordem, e de quem era tam estimado quanto foi mal visto e perseguido dos Jesuitas. O alpendre de Sam-Domingos é dos sítios mais históricos de Lisboa. Ali se passaram muitos dos memoráveis sucessos das nossas revoluções, ali se fizeram e desfizeram reis, ali levaram os povos muito engano e desengano. Era lugar de comum freqüência para ociosos e negociosos, que o hábito geral e a popularidade dos padres ali atraía.

Nota G

Sam-Telmo seja comigo neste cabre da navegação pag. 62

Sam-Telmo (Sam-Pedro Gonçalves Telmo, da ordem dos dominicos) é o advogado dos mareantes. Todos sabem o que é o fogo de *Sam-Telmo* em que a nossa gente do mar não quis nunca ver o fenómeno natural senão o anúncio da protecção do seu santo.

Nota H

Lá foi Luis de Camões num lençol para Sant'Ana pag. 62

A igreja de Sant'Ana, hoje do convento de freiras do mesmo nome, era então paróquia. Veja o que a este respeito escrevi nas notas ao poema *Camões*.

Nota I

¿ Não te lembrás o que lá diz do nosso rei D. Sebastião ? pag. 62

A invocação a D. Sebastião, nos *Lusiadas*, parece escrita depois da primeira jornada de el-rei a África; não é um tributo de vã lisonjaria, como a do *Orlando* ou a de *Jerusalém* e as de quasi tôdas as outras epopeias modernas; mas o entusiasmo ardente do guerreiro, a oferta sincera do patriota que põe à disposição do seu rei mancebo e empreendedor « o braço às armas feito » e « a mente às musas dada. »

D. Sebastião era talvez homem para sentir o valor da oferta: mas tinha uma côrte, como são tôdas as côrtes, em que só tem valia e valimento a baixeza covarde e a intriga sem mérito: Camões foi tratado como devia ser.

Nota J

¿ Então para que fazeis vós (versos) como
 êle ? pag. 65

Além do belo epigrama que já citei na nota Cc ao primeiro acto, pag. 146, restam-nos alguns outros fragmentos de poesias de Frei Luís de Sousa que bem mostram quanto era íntimo no comércio das musas. Alguns versos do seu poema *Navigatio antarctica* conservados por Barbosa, e em que êle encarece as saúdades da mulher e da filha, são dignos de se recordarem:

*Quin et curarum fluctu contundor acerbo
 Dum, procul a patria, toto jam divisor orbe,
 Ea subeunt conjux, et natae dulcis imago.*

No prólogo às *Obras* do seu amigo e mestre, Jaime Fallação, assim descreve êle Almada e a vida poética e descuidosa que ali vivia antes que o obrigasse a emigrar a prepotência dos Governadores. *Locus Ulyssiponi imminet brevi fretis interfluente Tago, saluber caelo, fontibus exuberans musarum otis commodissimus.*

Mas que não tivéssemos nenhum destes documentos, na suave melancolia, nas sinceras belezas da prosa de Frei Luís

de Sousa, tínhamos segura prova de que, na mocidade e no século, devia ter sido grande poeta quem, na velhice e na religião, escrevia daquela prosa. Há, na *Vida do Arcebispo* e na *História de Sam-Domingos*, trechos de poesia descriptiva — de drama — aspirações de quanto há mais sublime e elevado no coração humano — que são modelos perfeitísimos d'arte, verdadeira reverberação do ideal em que unicamente está, e esteve sempre, a genuína poesia.

Nota K

É raro ver tam perfeita similhaça pag. 67

Devia de ser extremamente parecido um retrato que pôde ser imediatamente reconhecido pelo peregrino que apenas tinha visto a D. João em Jerusalém no fim de tantos anos e depois de tantos trabalhos. E assim é como a história se conta pelos biógrafos de Frei Luis de Sousa. No pressuposto do presente drama, a explicação é mais fácil e podia ser outra.

Nota L

O vosso convento novo de freiras abaixo de Sam-Vicente. pag. 69

Este convento, instituído por causa do religioso divórcio dos condes de Vimioso, D. Luis de Portugal e D. Joana de Castro Mendonça, esteve interinamente, desde 1607, numas casas que foram de morgado, dos campos abaixo de Sam-Vicente-de-Fóra e sôbre o bairro de Alfama. Só em 1616 é que se mudaram as freiras em solene procissão para a nova e própria casa sôbre o rio, junto à ponte de Alcântara.

V. *Hist. de S. Dom.*, T. III, Cap. XV.

Nota M

Sexta-feira ! ai que é sexta-feira. pag. 71

Em algumas partes do reino a terça é mais aziago dia ainda do que a que a sexta-feira. Esta, porém, não só entre nós mas em quasi todo o mundo, é havida por dia nefasto e de mau agouro.

Nota N

Olha a condessa de Vimioso, esta Joana de Castro, que a nossa Maria tanto deseja conhecer. pag. 78

É altamente interessante ver como o mesmo frei Luís de Sousa narrou depois a história desta separação, que fôra o exemplar da da sua.

V. *Hist. de S. Dom.*, P. III, Cap. XV.

Nota O

¿ Um cativo, um remido? — Não, senhora, não traz a cruz. pag. 82

Os remidos traziam um escapulário branco com a cruz da ordem das Mercês ou da Redenção, que entre nós se chamou da Trindade. São freqüentes nos nossos escritores as descrições da solene procissão em que davam como a sua entrada pública no selo da cristandade a que eram restituídos os cativos. Com aquele sinal, que a todos inspirava respeito e simpatia, esmolavam depois pelas terras e muitos ajuntaram quantias avultadas.

ACTO TERCEIRO

Nota A

Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica, e também vigário do Sacramento. pag. 101

« Frei João de Portugal foi prior de Bemfica, vigário do

convento do Sacramento, inquisidor da mesa grande, e finalmente bispo de Viseu de 1625 até 1629 em que acabou uma carreira de bom exemplo. »

Memor. do sr. bispo de Viseu ; V. Frei. Luc. de S. Cat., P. IV, L. I ; Colecção dos Doc., da Acad. R. de Hist., etc.

Nota B

O segredo do seu nome verdadeiro está entre
mim e ti pag. 101

Seja verdadeira ou não a história da aparição do peregrino em casa de D. Madalena, ela foi geralmente acreditada até às judiciosas dúvidas do sr. bispo de Viseu, que não passam de dúvidas contudo. Fazer do peregrino o próprio D. João de Portugal, foi suposição poética, todavia bem provável e possível, e que mais facilmente explicaria tôdas as circunstâncias misteriosas daquela aparição e das suas conseqüências.

Nota C

Para a cabeça (encanecer) bastou uma noite
como a que veio depois da batalha de Al-
cácer. pag. 108

Há muitos exemplos de encanecerem gentes de repente por grandes mêdos ou desgostos. São justamente celebrados os versos de Lord Byron que se referem a êste notável fenomeno, no *Prisioneiro de Chillon*.

My hair is gray, but not with years,
Nor grew it white
in a single night
As men's have grown from sudden fears.

Nota D

Diz-lhe que tudo isto foi vil e grosseiro em-
buste dos inimigos dêsse homem. pag. 110

Talvez assim fôsse, com efeito. Nem o padre Encarnação, nem nenhum dos outros que referem a história do peregrino, dizem o que foi feito d'êle : e a explicação mais plausível que a tam estranho successo achou o bom do padre, foi que seria talvez um anjo mandado por Deus para chamar aquelas duas almas ao céu, pelo caminho do claustro. É quási uma saída dramática, das que tanto incorreram na censura de Horácio : *nec Deus ex machina*.

Nota E

¿ E teem um filho êles ? . . . Eu não. . . pag. 111

D. João de Portugal teve, de D. Madalena de Vilhena, os filhos que vão enumerados na nota G do acto I, pag. 129, Não designando Telmo o sexo do filho de Manuel de Sousa, fica natural e possível a reflexão de D. João aqui. — Além disso, ao drama e á posição das suas pessoas, como o autor a concebeu, e ao interêsse que êle queria concentrar todo nesta única filha de Manuel de Sousa, não convinha considerar por nenhum modo os filhos da primeira união de D. Madalena de Vilhena.

Nota F

Tôdas estas coisas são já indignas de nós, pag. 117

As palavras que Frei António da Encarnação põe na bôca de Manuel de Sousa, nesta ocasião, merecem apontar-se aqui :

«Chegando êle (Manuel de Sousa) de fóra, ella lhe relatou tudo o que tinha passado com o peregrino, e o mais que tinha visto seu irmão, o mestre Frei Jorge, e assim, que visse o que na matéria se devia fazer. Não se suspendeu, mas respondeu logo, dizendo : « Até agora, senhora, vivi em boa fé convosco ; e creio de vós, que na mesma fé vivestes comigo : porque fio de vós que não casaríeis outra vez senão tivésseis por

certa a morte do vosso primeiro marido . . . O que convém mais, é fugir para o sagrado da religião . . . etc. †

Prólogo à II P. da *Hist. de S. Dom.*

Nota G

De profundis clamavi ad te, Domine . . . pag. 118

Tive conselhos para não pôr em latim êstes belos versos do Salmo penitencial que faço cantar aos frades. Não cedi, porque era faltar à verdade, e diminuir a solenidade da impressão que a lingua latina inquestionavelmente produz nas cerimónias da igreja. Mostrou-me a experiência que eu tinha razão.

Num poema narrativo, teria feito como fiz no segundo canto do *Camões*, que traduzi os versos de Job : em drama, o que se representa deve ser o mais próximo possível do que efectivamente se passou, ou devia de passar.

ERRATA — Na pag. 65, onde se lê: — † Então para que
fazeis vós como êles? — deve ler-se: — † Então para que
fazeis vós versos como êle?

UM AUTO DE GIL-VICENTE



INTRODUÇÃO (1)

Em Portugal nunca chegou o haver teatro ; o que se chama teatro nacional, nunca ; até nisso se parece a nossa literatura com a latina, que também o não teve. A scena romana viveu sempre de empréstimos gregos, nunca houve renda própria ; a nossa andou fazendo « operações mixtas » com a Itália e Castela, até que, fatigada de uma existência difficil, tôda de privações e sem glória, arreou a bandeira nacional, que nunca içára com verdadeiro e bom direito, e entregou-se à invasão francesa.

Napoleão mandou à conquista de Portugal um dos seus generais mais brilhantes. Mas a gente que, bons trinta anos antes disso, tinha vindo, em nome das perfeições francesas, apoderar-se do nosso teatro, era bicha réles — algum trôço de guarda-barreiras de provincia.

¿ O que se traduziu, o que se traduziu, e como ?

(1) Do autor.

E todavia Gil-Vicente tinha lançados os fundamentos de uma escola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino. Os alicerces da escola eram sólidos como os do « erário novo » à Cotovia ; mas não houve quem edificasse para cima, e entraram a fazer barracas de madeira no meio, e casinholas de taipa, que iam apodrecendo e caíndo, até que vieram os reformadores, como é moda agora, destruíram tudo, alicerces e tudo, fizeram muitos planos, e não construíram nada, — nem sequer deixaram o terreno limpo.

A causa desta esterilidade dramática, desta como negação para o teatro em um povo de tanto engenho, em que outros ramos de literatura se teem cultivado tanto . . . não se pode explicar, dizem todos, e eu também o tenho dito. Mas é que nada se acha sem procurar. Ora vamos a ver.

O teatro é um grande meio de civilização, mas não prospéra onde a não há. Não teem procura os seus productos enquanto o gôsto não forma os hábitos e com êles a necessidade. Para principiar, pois, é mister criar um mercado factício. É o que fez Richelieu em Paris, e a côrte de Espanha em Madrid ; o que já tinham feito os certames e concursos públicos em Atenas, e o que em Lisboa tinham começado a fazer D. Manuel e D. João III.

Depois de criado o gôsto público, o gôsto público sustenta o teatro : é o que succedeu em França e em Espanha ; é o que teria sucedido em Portugal, se o misticismo belicoso de el-rei D. Sebastião, que não tratava senão de brigar e rezar, — e logo a dominação estrangeira que nos absorveu, não tivessem cortado à nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo.

A restauração veio melancólica e ascética. O Senhor D. João IV era músico excelente, mas de igreja. Seus dois filhos, nem eu sei se eles tinham gosto por alguma coisa : acho que não. Cada qual por seu modo, mas ambos foram bem tristes e infelizes reis.

O Senhor D. João V, esse teve paz e fortuna, e era magnífico e grande amigo das artes e dos livros — mas livros em fólio, muito grandes, muito pesados, com muita nota marginal, como se faziam naquela sua santa Academia de História, que deitava cada volume em papel imperial — e tam belas edições !

Dizem que queria imitar Luís XIV de França : que pena que o não imitasse em proteger e animar o teatro ! Talvez foram escrúpulos de consciência ou beatério estúpido de alguma Maintenon bastarda . . .

Mas com o gosto que então dominava a literatura, quasi que foi fortuna abandonarem o teatro. Havia de ter que ver um drama laureado pela Academia dos *Singulares* — ou pela dos *Humildes e Ignorantes* ! (1)

O marquês de Pombal, sobretudo depois que travou luta de morte com os Jesuitas, com a corte velha — e com toda a sociedade velha — quis servir-se do teatro ; mas o estado de guerra social era já muito violento demais, andava no ar muito furacão de filosofias abstractas que não deixavam medrar o que se plantava, e a terra não se revolveu ainda bastante para lhe dar substância nova.

Neste primeiro começar das transições sociais não se cria nada.

(1) Duas mais notáveis das infindas Academias daquele tempo, cujo gosto era o mais refinado e insuportável gon-gorismo.

¿ Como se há-de então criar hoje ? Hoje o estado é outro, já se revolveu a terra, já mudou todo o modo de ser antigo ; não está completa a transição, mas já leva um século de começada — que a principiou o marquês de Pombal.

Drogas que se não fazem na terra, que remédio há senão mandá-las vir de fóra ! O marquês de Pombal mandou vir uma Ópera italiana para el-rei.

O povo compôs-se a exemplo do rei : traduziam em portugûes as óperas de Metastasio, metiam-lhes graciosos, — chamava-se a isto *acomodar ao gôsto portugûes* ; — e meio rezado, meio cantarolado, lá se ia representando. Vinha o entremez da *Castanheira* no fim, ou outro que tal : ¿ e que mais queriam ?

O povo antes queria as óperas do Judeu. — Tinha razão ; mas queimaram-lho e o povo deixou queimar.

Coitado do pobre povo !

Com o dinheiro que êle suava para as óperas italianas, para castrados, para maestro e maestrinos, podia ter quatro teatros nacionais : e o Garção que lhe fizesse comédias que haviam de ser portuguesas de véras, porque o Garção era portugûes às direitas.

Tinham-lhe queimado o António José porque diz que não comia toucinho ; mataram-lhe o Garção numa enxóvia por escrever uma carta em inglês. (1)

E o povo deixou matar. Por isso ficou sem teatro. Não seja tólo.

E eram duas calúnias atrozes, ambas elas : o António José comia um prato de torresmos como qualquer cristão vélho, e o Garção nunca escreveu tal carta em

(1) Veja nota no fim do volume.

inglês. Com o primeiro foi vingança ignóbil de algum frade fanático ; com o segundo foi mais ignóbil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de filósofo !

No reinado seguinte era pecado subirem mulheres à scena. Façam lá Zairas ou Ifigénias para representarem barbatolas !

De mais a mais, a invasão literária francesa, de que falei, veio por este tempo.

Completa ela, já não era possível haver teatro : a literatura dramática é, de tôdas, a mais ciosa da independência nacional.

Estas poucas e deslavadas tragédias que se fizeram, — clássicas puritanas da gema, — eram francesas na mesma alma, não tinham de portuguezs senão as palavras . . . algumas — uma ou duas, apenas o título e os nomes das pessoas.

E a Academia das Sciências a oferecer prémios aos dramas originaes ! E escritores de bom talento a traduzir Racine, Voltaire e Crebillon e Arnaud ! Nada ; não renascia ; ou propriamente, não nascia o teatro nacional.

Nem elle tinha onde nascer, o pobre : que só a humildade da Eterna Grandeza escolheu para nascer um presepe. Havia aí duas arribanas, uma no Salitre, outra na rua dos Condes, onde alternada e lentamente agonizava um velho decrepito que alguns tafúis de bo-tequim alcunhavam de teatro portuguez ; e iam lá de vez em quando ouvir o terrível estertor do moribundo : — que atroz divertimento !

O povo não ; esse não ia lá. Conhecia o estrangeiro, não lhe tinha amor nem ódio, mas deixava-o morrer e berrar com dores e com fome. Não ia lá.

O povo tinha razão.

E mais razão teria se fôsse pôr dali fóra o vélho e os tafúis, e queimasse as arribanas que eram um insulto e uma desonra para êle povo que não tinha culpa.

Tinha ; mas em sofrer.

Fizeram-se revoluções ; as primeiras sem o povo saber : eram desavenças entre frades, fidalgos, desembargadores e soldados, sôbre quais haviam de governar. E o povo a ver.

Cairam uns, levantaram-se outros ; disputaram muito dos direitos do homem, depois do trono e do altar ; cada um puxava para a sua banda pela vélha máquina social, até que ela desabou tôda e quebrou a cabeça à maior parte dos disputantes.

O povo começou a levantar a sua.

« Vamos ver o que isto é », disse por fim a Nação. Aquelas conclusões magnas que as suas oligarquias tinham estado defendendo e argüindo durante bons vinte anos, não as entendia bem o povo : mas começavam-lhe a agradar algumas palavras.

Dáí, quis as coisas que essas palavras significavam.

Aqui é que são elas. Os utopistas, os teóricos eram liberais de palavras. Coisas nem as queriam muito fazer, nem sabiam fazê-las.

Glosavam o mote de Junot : « estradas, canais, comércio, indústria, artes — um Camões para o Algarve : » é a suma de tôdas as proclamações de há quarenta anos a esta parte — que as assinem reis ou demagogos, príncipes ou tribunos.

O povo riu-se das proclamações. Mas tanto teimaram com elas, que principiou a murmurar.

— Vamos a fazer alguma coisa, não há remédio : disseram os poetas.

— ¿ O quê ?

— O que sair : deitar a baixo, destruir por aí essas coisas, que é o que tem menos que saber e que fazer.

Por fim, foram-se embora os frades, puseram-lhe os deputados em S. Bento. Foram-se os fidalgos, entraram os agiotas ; acabaram-se as procissões, vieram as lógeas dos pedreiros.

¿ E o Camões e as estradas ? Estavam a fazer em Londres, creio eu, e a contrair-se um empréstimo *muito favorável* para os trazer — quando veio a revolução de Setembro, que desarranjou tudo.

Coitada da pobre revolução, como se ela se fizesse a si, e não fôsse a tal gente das estradas e do Camões os que a fizeram ! — os tais poetas que em perene outeiro tem estado sempre a glosar o inexaurível mote de Junot.

¿ E tudo isso que tem com o teatro ? — Tem que houve aí três meses, ou coisa que o valha, um govêrno que era nacional, embora fôsse extra-legal — que errou em muita coisa sem dúvida, mas que desejava acertar, e que, sobretudo, *não mentia*.

Glosou o mote . . . oh, isso é de rigor ; não se dispensa a ninguém nesta terra. Glosou o mote também : mas quis, mas começou a pôr muito verso em prosa, muita palavra em obra.

Fizeram-se Escolas e Academias, decretou-se o Panteon . . .

Foi poesia ; mas não da glosa sedição dos tais poetas de outeiro que nos trepanam a cabeça há tantos anos. — Mofaram dêle os semsaborões : pois deviam-se envergonhar, que era um pensamento nobre, nacional, útil, exequível, necessário, que podia salvar tanto monumento para a história, ressuscitar tantas memórias

que se apagam, levantar tanto ânimo baixo que decál, fazer renascer talvez o antigo entusiasmo português pela glória, que morreu afogado nas teorias utilitárias. — Cá nesta pobre terra nem sequer de teorias passaram !

Decretou-se também o Teatro Nacional e o Conservatório Dramático. — « Foi o irmão gémeo do Panteon : » disse ainda o outro dia um dos tais. — Seria, foi : e fizeram-lhe a mesma chacota a mesma gente, — os poetas do outeiro perpétuo, que nunca fizeram, nem podem, nem sabem, nem hão-de fazer nada, — mas não querem que ninguém ó faça.

Êles aí estão outra vez a glosar o seu mote, a fazer promessas e proclamações. Vejam as estradas que macadamizam, os canais por que navegam — e os Camões que os cantam !

Ora eu, que sou um pobre homem, gostei do Panteon e do Teatro Nacional e do Conservatório ; mas não cria muito neles — não por êles em si que são muito possíveis e fazíveis — mas porque sei onde vivo e com quem.

Acanharam-se, recuaram com o Panteon ; fizeram mal. É preciso ter ânimo para afrontar até com o ridículo : é o pior inimigo que há, mas é necessário encarar com êle de olhos direitos, e não lhe ter mêdo, quem quere fazer qualquer coisa útil e boa, em terras pequenas sobretudo, e onde há tanta gente pequena.

Ê o que eu fiz com o Conservatório e o Teatro. Fui por diante, não fiz caso dos semsaborões, e levava-os de vencida.

Mas tem maus figados a tal gentinha. Quebrou-se-lhes a arma do ridículo, tomaram sem escrúpulo a da calúnia. Veio a religião, veio a economia, chamou-se

tudo para anatematizar um pobre instituto inocente cuja despesa é insignificante, cujo proveito é tamanho.

— ¿ Que proveito ?

— O de criar um teatro nacional que não temos.

— ¿ Como ?

— Dirigindo a censura teatral, como faz ; encaminhando os jovens autores na carreira dramática, como fez a tantos : formando actores, como está fazendo — devagar, que isso é o mais difficil de tudo — edificando uma casa digna da capital de uma nação culta, como também já principiava a fazer.

Se há defeitos na instituição, emendem-nos, mas não destruam, que é de bárbaros ; não caluniem, que é de vilões.

Ora, quando me encarregaram dêste que, em meu conceito, era mui grande empenho nacional, disse eu a Sua Majestade a Rainha que se dignára mandar-me consultar : (1)

• Entre as jóias que da corôa portugueza nos levou a usurpação de Castela, não foi a menos bela esta do nosso teatro. Como o senhor rei D. Manuel deixou pouco vividoura descendência, também o seu poeta Gil-Vicente deixou morredoiros sucessores. Outros pendões foram fazer a *conquista, navegação e comércio* dos altos mares que nós abandonámos ; outras musas occuparam o teatro que nós deixámos. E desta última glória perdida, nem sequer memória ficou nos títulos de nossos reis.

• Mas tudo nos tem sempre assim ido em Portugal,

(1) Por portaria de 28 de setembro, a que satisfiz em 12 de novembro de 1836.

cujo fado é começar as grandes coisas do mundo, vê-las acabar por outros — acordarmos depois à luz — distante já — do facho que acendêramos, olhar à roda de nós, — e não ver senão trevas !

• Com efeito, desde aquella época nunca mais houve teatro português. Todos os povos modernos foram, um de-pós o outro, pelo caminho que nós encetáramos, adiantando-se na carreira dramática ; nós voltámos para trás, e perdemos o tino da estrada, nunca mais acertámos com ela.

• Alguns esforços, algumas tentativas se teem feito, assim por indivíduos como pelo govêrno ; todos infructuosos, porque se não deu impulso simultâneo aos três elementos, que é preciso criar, porque nenhum dêles existe.

• Nem temos um teatro material, nem um drama, nem um actor. Os Autos de Gil-Vicente e as Óperas do infeliz António José foram nossas únicas produções dramáticas verdadeiramente nacionais. Umas e outros, inda que por motivos diferentes, são obsoletos e incapazes da scena.

• Mas em Portugal há talentos para tudo ; há mais talento e menos cultivação que em país nenhum da Europa !

• Basta que Vossa Majestade se digne evocar do caos os elementos que aí lutam, e uma criação bela e grande surgirá à sua voz ; tal que Vossa Majestade se comprazerá na sua obra, e alcançará na opinião do mundo um dos mais illustres títulos com que a história honra os príncipes — o de protector das boas artes •.

Mas para fazer a casa era preciso muito dinheiro, e eu sou pobre ; para formar actores, muito tempo, e eu tenho pouco ; para fazer um repertório, a isso posso eu

ajudar (em terra de cegos), e apenas tive um instante de descanso pus-me a fazer um drama.

Foi em junho de 1838.

O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso teatro — seu fundador Gil-Vicente — seu primeiro protector el-rei D. Manuel — aquella grande época, aquella grande glória — de tudo isto se fez o drama.

Não foi sòmente o teatro, a poesia portugueza nasceu tôda naquele tempo; criaram-na Gil-Vicente e Bernardim-Ribeiro, engenhos de natureza tam parecida, mas que tam diversamente se moldaram.

Gil-Vicente, homem do povo, cubiçoso de fama e de glória, todo na sua arte, querendo tudo por ella e persuadido que ella merecia tudo, viveu independente no meio da dependência, livre na escravidão da côrte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de epigramas e *chacotas* (1) quanto fidalgo se atrevia a despezá-lo, quanto frade ou desembargador — e não lhes faltaria vontade — vinha com intrigas e hipocrisias para o mortificar.

Original e atrevido em suas composições, sublime por vezes, o seu estilo era todavia de poeta cortesão: conhece-se. Os cinismos que hoje lhe achámos, ou não soavam tais nos ouvidos daquele tempo, ou permitia a singeleza dos costumes mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas coisas sérias e de-véras.

Bernardim-Ribeiro, ao contrário, nobre e cava-

(1) Espécie de cantigas satíricas e jocosas — talvez o que em sua origem foi o *vaudeville* francês.

lheiro, cultivava as letras por passatempo, e a côrte por officio. Mas a poesia, que em casa lhe entrára como hóspeda e convidada, fez-se dona dela e tomou posse de tudo. Foi poeta não só quando escrevia, mas pensou, viveu, amou — e amar nêle foi viver — amou como poeta.

Tais são os dois caracteres que eu quis pôr defronte um do outro.

Desta comparação fiz nascer todo o interêsse do meu drama ; foi o pensamento dêle : fixei-o num factó notável, cujas circumstâncias exteriores minuciosamente nos deixou descritas (1) uma testemunha respeitável, e de cujos particulares misteriosos apenas se adivinha alguma coisa confusamente por um livro de enigmas e alegorias (2) que não entendia talvez nem quem o escreveu. Já se vê que falo da partida da infanta D. Beatriz para Sabóia — factó à volta do qual se passa o drama.

Para a parte íntima dêle as *Saüdades*, de Bernardim-Ribeiro ; a memória de Garcia de Rezende para a parte material e de fôrma ; o Gil-Vicente todo, mas especialmente a tragi-comédia (3) que naquella ocasião compôs e foi representada na côrte, para o estilo, costumes e sabor da época. — Tais foram as fontes donde procurei derivar a verdade dramática para esta que ia ser a primeira composição nacional do género.

Digo *verdade dramática*, porque a histórica própria-

(1) Garcia de Rezende. — Veja notas no fim.

(2) Veja o livro : *Saüdades*, de Bernardim-Ribeiro.

(3) Cujo título é : — *As Côrtes de Júpiter*. Veja notas no fim.

mente, e a cronológica, essas as não quis eu, nem quere ninguém qué saiba o que é teatro.

O drama de Gil-Vicente que tomei para titulo dêste não é um episódio, é o assunto mesmo do meu drama ; é o ponto em que se enlaça e do qual se desenlaça depois a acção ; por conseqüência a minha fábula, o meu enrêdo ficou, até certo ponto, obrigado. Mas eu não quis só fazer um drama, sim um drama de outro drama, e ressuscitar Gil-Vicente a ver se ressuscitava o teatro.

Os caracteres de Gil-Vicente e da infanta estão apenas delineados ; não podia ser mais : tive mêdo do desempenho.

E o desempenho todavia foi muito além de minhas esperanças. Os actores fizeram gôsto de cooperar neste primeiro impulso para a libertação do teatro, e obra-ram maravilhas.

O público entrou no espirito da obra e aplaudiu com entusiasmo, não o autor, mas certa e visivelmente, a idéa nacional do autor.

Aqui tem o que é o *Auto de Gil-Vicente* ; e nunca pretendeu ser mais.

Foi uma pedra lançada no edificio do nosso teatro, que já chamou outras muitas.

Tenho fé que há-de ir crescendo o monte e se há-de vir a rematar o edificio.

Parou tudo com a perseguição do *Salvatério* : a casa com o terreno e parte do material já comprado — e boa soma de contos de réis já assinada — o repertório com um bom par de dramas, em que há alguns com muito mérito, tudo parou.

¿ Consumará esta gente, com efeito, a sua obra de vandalismo brutal e estúpido ?

Creio que sim. O povo que lho agradeça.

É a quinta crise do teatro português.

A primeira trouxe-lha o fanatismo de el-rei D. Sebastião e a perda da independência nacional.

Na segunda queimaram-lhe o pobre António José.

A terceira veio com a Ópera italiana e a perseguição do Garção.

A quarta fôï a invasão dos macaquices francesas. Esta quinta é a do Salvatério.

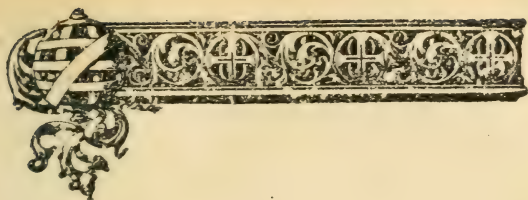
E tôda a glória pertence a . . .

— Não quero ainda dizer a quem pelos seus nomes. Por pouco que vivam êstes meus livrinhos, sempre hão-de viver mais alguma coisa do que êles; não lhes quero dar mais êsses dias de vida.

E talvez ainda se envergonhem. — Duvido. — (1)
Pois viva o Salvatério!

Bemfica, 24 de agosto de 1841.

(1) Veja nota no fim.



PREFÁCIO DOS EDITORES

A aparição d'êste drama fez uma época na história literária de Portugal. De então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver teatro português. Tôda Lisboa foi à Rua dos Condes aplaudir Gil-Vicente; todos os jovens escritores quizeram imitar o Gil-Vicente. Tôda a imprensa periódica celebrou êste acontecimento nacional com entusiasmo. Se ladrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as aclamações gerais. Dois escritos, entre tantos que êste drama fez aparecer, sobressaíram avantajadamente pela superioridade do estilo e dos pensamentos, e formam, para assim dizer, o relatório do seu processo; são documentos que devem conservar-se, e que julgamos indispensável colocar aqui ao pé do drama. O primeiro appareceu no *Diário do Governo*, o segundo na *Crónica Literária*, de Coimbra.

I

A restauração das artes é impossível sem o auxilio do génio ; e o génio não é a imitação. Felizmente, um drama original portuguez, engenhosa produção de um talento que assaz avultava já na nossa literatura, veio trazer-nos a aurora da verdadeira restauração do teatro portuguez, e marcar uma época em nossa história dramática.

O pensamento dêste belo drama do snr. Garrett é o mesmo do seu poema *Camões* : celebrar a nossa glória literária, reanimar a memória dos patriarcas e fundadores da nossa literatura, recordar o nosso antigo esplendor.

Gil-Vicente, o pai do nosso teatro — e do espanhol todo, — o Plauto nacional, o que obrigou Erasmo a aprender portuguez só para gostar o sal de suas comédias, o poeta da côrte e da sociedade, aparece em scena formando gracioso contraste com Bernardim-Ribeiro, o trovador, o poeta ideal, o cantor da solidão, e também o primeiro que ao alaúde romântico dos menestreis juntou uma corda da lira grega, uniu as duas poesias e imprimiu na literatura nacional êste cunho de melancolia e *abandôno* que ainda hoje a caracteriza.

Estas são as duas grandes figuras do drama. Paula-Vicente, a filha do poeta cómico, de quem sabemos quanto o ajudava em suas composições, e que grande génio tinha, fica entre os dois ligando a acção das duas figuras, e formando o capital grupo do quadro, aquele em que bate a principal luz. Tudo o mais é acessório.

Bernardim-Ribeiro, colocado em uma posição social mui superior, tinha cortejado levianamente a Paula (supôs o autor do drama) por mero capricho e sem

afeição verdadeira. Paula, honesta e orgulhosa, o repe-
liu. Cessou o galanteio, mas Paula ama secretamente
o poeta.

Todavia, criada e válida no paço, a filha de Gil-
-Vicente tem sincera devoção pela infante D. Beatriz,
princesa de grande talento, como sabemos, e de grande
virtude, segundo nos diz o autor da peça, que, cativada
dos versos e do engenho de Bernardim, tem por êle
uma oculta, e tanto mais violenta paixão, quanto é
uma paixão honesta e virtuosa, que as conveniências
sociais, o seu próprio carácter e nobres sentimentos lhe
não deixam nem a esperança de satisfazer jâmais.
Paula-Vicente protege esta paixão com sacrifício de
seus mais caros sentimentos. Situação muito dramá-
tica, e de que o autor tirou grande partido.

O autor escolheu a véspera da ida da infante para
Sabóia, para levantar o pano do seu drama. Há uma
grande função na côrte, de que Garcia de Rezende nos
conservou os mais minuciosos detalhes. Existe ainda o
próprio auto que Gil-Vicente compôs para as ditas fes-
tas, e que foi representado no paço em plena côrte.
Este auto vêlho faz realmente todo o entrecho da peça
moderna. Uma figura que falta, e que Bernardim-
-Ribeiro, d. concôrto com Paula, se oferece a fazer para
ter ocasião de falar à princesa, precipita a catástrofe.
O namorado poeta, em vez de dizer o seu papel, impro-
visa uns versos que só Paula e a infante entendem, mas
que sobressaltam e espantam a todos. O terror cómico
de Gil-Vicente nesta ocasião é do melhor efeito.

Uma figura secundária, e que, por falar no estilo de
Vitor-Hugo, fórma antes a moldura do quadro, do que
parte dêle, é a de el-rei D. Manuel. Contudo parece-nos
excelente. Como pintura histórica, êle é realmente

o que nô-lo descrevem seus biógrafos ; e como carácter do drama, hábilmente desenhado e com finura. El-rei sabe da inclinação da infante, sabe que são amores de criança, inocentes e fáceis de desvanecer, se imprudentemente lhe não derem importância com procedimentos que só podem motivar escândalo. Como rei e como pai, o seu procedimento é perfeitamente regulado. Dissimula sem fechar os olhos — repreende e admoesta sem dar escândalo — e salva talvez do opróbrio, não merecido por um crime (pois que a princesa aparece sempre em tôda a rigidez da virtude e em tôda a pureza da inocência), mas até certo ponto incorrido por levezas de pouca idade — a fama de sua filha e o decôro de sua familia e casa.

A-pesar, contudo, da grande e finíssima política de el-rei, da virtude e resplandecente inocência da princesa, da vigilante, zelosa e *interessada* guarda de Paula, D. Beatriz, sem um átomo de crime em sua consciência, ficaria, contudo, difamada se não fôsse a generosa devoção de sua criada particular, e a heróica resolução do homem que ousou amá-la.

Já a bordo do navio que vai levantar ferro, Bernardim-Ribeiro tinha conseguido ir fazer suas últimas despedidas à infante. Esquecidas as horas em um terno e honestíssimo, mas extremamente apaixonado adeus, — el-rei chega que vem dar o derradeiro abraço a sua filha. Tudo está perdido, não há remédio. Duas mulheres inocentes, vítimas da irreflexão e leviandade própria do seu sexo, vão ficar cobertas de infâmia, como se fôsem rés do mais detestável crime. — ¿Que fará Bernardim-Ribeiro, o poeta meio doudo, e agora tresvariado de todo ? — Fugir, não pode ; esconder-se, ¿ aonde que, mais tarde ou mais cedo, o não achem ? —

¿ Apunhalar-se ? — Ai fica o seu cadáver para denunciar a aparente culpa daquela que ama com tanto excesso como respeito. — Neste extremo de perigo sua razão lhe volta tôda: — « Não tenhais receio », diz êle; e beijando pela última vez a mão da princesa — salva de um pulo as varandas da nau e se arremessa ao Tejo. — A infante desmaia, Paula fica extática — el-rei entra, e attribui a outra causa o desmaio da filha e o drama termina com esta situação bela e original.

Não nos diz nem podia dizer o autor se Bernardim-Ribeiro morre, ou não, afogado nas águas do Tejo. O que êle queria era tirá-lo dali, e tirá-lo bem. — Conseguiu-o, e não se importou com mais nada.

Pela tradição, mais que pela história, sabemos, ou supomos que o autor da *Menina e môça* sobrevivera à partida da infante para Sabóia, e até dizem, que lá fôra ter com ela, esperando outro acolhimento que não teve, e que, voltando ofendido e desencantado a Portugal, morrera nas brenhas de Sintra. Outras conjecturas o dão esquecido dos seus extremos e casado pouco depois.

O livro das *Saúdades*, em que, debaixo do disfarce de cavalarias, contou a história de seus amores, de-certo appareceu depois. — O autor do drama, com todo o tacto, faz bem entender que a cópia do dito livro que pôs nas mãos da princesa é *manuscrita*, e que ainda não foi multiplicada por essa *nova arte que veio da Alemanha*, a imprensa, nova ainda na Europa e novíssima em Portugal.

Em suma, o drama tem suas partes extra-históricas, mas nenhum anacronismo. E ainda extra-histórico é êle muito menos que nenhum outro dêste género.

Achámos feliz o desenho do carácter de Gil-Vicen-

te; mas notámos que só nô-lo mostrou do lado cómico: **convinha** que vissemos alguma cousa também do reverso triste e melancólico que êstes caracteres teem sempre, como tinha Molière, e como sabemos, até por suas obras, que o tinha Gil-Vicente. — É bôa, mas talvez imperfeita esta figura, perdôe-nos o nosso illustre literato. (1)

Bernardim-Ribeiro, D. Beatriz, D. Manuel são completos cada qual no seu género. O secretário da embaixada de Sabóia, excelente. Sentimos, porém, o pouco, antes nenhum, desenvolvimento que o autor deu a dois interessantes caracteres que pôs em scena e em presença — Garcia de Rezende, o cronista, — e o conde de Vila Nova de Portimão : a côrte nova e a côrte vélha. Estão tanto no fundo do quadro estas duas figuras importantes, chega-lhes tam pouca luz, que faz pena não os ver quâsi. Admiramos que tendo pôsto na scena o eminente literato e profundo arqueologista Rezende, (2) lhe fizesse a *desfeita* de o colocar entre as pessoas mudas. — Nestas *côrtes literárias*, que celebrou no palácio de nossos reis, seu antigo berço e também seu capitólio, apparecem os representantes de todo o saber e gôsto da feliz era de Quinhentos. ¿ Porque havia o nosso autor de *dar* sòmente a *palavra* ao poeta erótico e romântico, e ao poeta dramático ? O historiador apenas fala, o antiquário e moralista nem abre a bôca ; o navegador diz duas frases, e os matemáticos só indirectamente ouvem citar o nome de Pedro Nunes !

(1) Veja nota no fim.

(2) Veja nota no fim.

Ainda que lhe custasse um anacronismo, o autor de uma composição tam nacional, tam quinhentista, tam calculada para celebrar e reviver aquella grande época, parece que devia pôr-nos ali na scena, vivos, animados e falando, os *deputados* de tôdas as artes e sciências que se reüniram em tórno do grande rei D. Manuel para fazer de seu reinado o mais brilhante da história portugueza. (1)

Perdõe-nos o autor esta censura, que lhe não fazemos por desmerecer em sua bela, útil e portugueza obra, mas porque desejávamos que fôsse ainda melhor, que fôsse perfeita.

O estilo é correcto e clássico, e sòmente antiquado quando a verdade e fidelidade dos caracteres o demandam. Haverá talvez duas ou três frases que nos deixaram alguma dúvida de sua legitimidade assim ouvidas no teatro. Temos muita confiança no autor de *Camões* e *Adozinda* e do severo *Catão*, e de muito pêsso julgamos o seu testemunho quanto à linguagem. Mas, a não ser que os actores as estropiassem, repetimos que nos ficam escrúpulos das tais frases, e que o autor deve a seu estabelecido crédito de purista da língua o fazê-las justificar. (2)

Tal é o nosso cândido e imparcial juízo desta peça, que é a primeira verdadeira nacional tôda, no assunto, nos ornatos, no estilo, em tudo inteira e plenamente portugueza. O género pertence ao que talvez se possa chamar *clássico-romântico*, ou romântico moderado; é um meio termo entre a *absoluta* e *republicana* indepen-

(1) Veja nota no fim.

(2) Veja nota no fim.

dência poética de Shakespeare — e os servis regulamentos do *pautado* Racine e de seus imitadores. — Está nos princípios da moderna escola anglo-alemã ; mas seguramente se não parece com as tam engenhosas quanto depravadas produções da novíssima e exagerada escola francesa. — Contudo algumas scenas alegres são afinadas pelo tom das do *D. João de Austria* de Delavigne que, assim como o nosso compatriota, tem desprezado os asquerosos, ainda que fortes, efeitos da orgia trágica e das bacanaes de coturno. Por isto, sobretudo e mais que tudo, devemos sinceros elogios ao autor do *Auto de Gil-Vicente*, em nos mostrar que era possível criar e sustentar um grande e vivo interesse no delírio das paixões mais cegas, sem nos dar crimes e horrores ; que pode haver amor, amor apaixonado, delirante, infeliz e que excite profundamente a alma, sem os incestos, adultérios, envenenamentos, parricídios, infanticídios que a moderna escola nos quer fazer acreditar como elementos indispensáveis da tragédia e do grande drama.

Esta é daquelas obras de que se pode dizer com razão :

La mère en permettra la lecture à sa fille.

Seja-lhe muito louvor ao nosso distinto literato por haver entrado na grande reacção moral a que se prepara a literatura moderna para expurgar de seu seio os sedutores e meretricios enfeites da devassidão em que ia caíndo por outra reacção inevitável — a que tinha feito a natureza sôbre a affectada e falsa literatura hipócrita dos dois últimos séculos.

Não será a litteratura portugueza a última a entrar

nesta grande confederação moral, em que Walter-Scott, Crabbe, Chateaubriand e Lamartine tam nobremente levantaram seus nobres escudos, e estão combatendo contra os Vitor Hugos, os Byrons e outros engenhos não inferiores àqueles certamente, e portanto do mais danoso exemplo.

Por isso, repetimos, lhe votamos os louvores que tanto merece, e não menos também por nos dar o exemplo — tam raro entre nós, quanto é comum em nações civilizadas — de um homem entregue a graves cuidados, e útilmente occupado de sérios negócios, dando suas horas de descanso ao trato ameno das belas-letras, e não se envergonhando de vir ao teatro instruir e deleitar aos seus concidadãos. Criticá-lo há o orgulho estúpido e a vaidade brutal dos ignorantes, soberbos da sua elevação social, que devem ao acaso ou à intriga. Os que prezam o mérito real dir-lhe hão sempre que prossiga pela estrada que lhe apontam os Addisons, os Cannings, os Chateaubriands e os Martinez de la Rosa ; que já lá vai — até entre nós ! — o tempo da bruta e presunçosa ignorância de que dizia um dos nossos bons engenhos :

*Almolacé que queiras ser dum bairro,
Excluido serás, sendo poeta.*

Hoje os poetas *sobem* à tribuna para a ilustrar, *des-cem* á administração para a honrar, e servem a pátria sem abandonar as musas.

Se a eminente capacidade do illustre autor o habilita para servir útilmente o seu país nesses graves e difíceis encargos, nem por isso deve êle deixar de seguir a vocação dos seus brilhantes talentos ; e pela nossa

parte muito desejamos que afaste de si tôda a idéa que o embarace de continuar a nova e *regenerada* carreira que o *Gil-Vicente* nos promete dêle.

Se o censurarem e caluniarem, que se ria e zombe de seus detractores, que a nação tomará a sua causa : — no actual estado da civilização, a posteridade começa ainda na vida dos sábios. Desgraçados os Camões que morreram de fome num hospital sem a ver nem em esperança ! — os Tassos, que expiraram de desgosto na véspera de seu triunfo ! — os Chéniers em quem a guilhotina republicana puniu o crime atroz do talento, a *escandalosa aristocracia* do génio ! (1)

II

Nesta época de transição, em que até a sciência e a literatura sofreram tamanho abalo, não era possível que sòmente a arte dramática permanecesse estacionária, que resistisse ao desejo de mudança e melhoria, espirito do século presente. A revolução e progresso universal também devia tocar-nos, fôrça era que se-guissemos o exemplo que nos fôra dado, e que da luz do nosso aperfeiçoamento social reflectisse algum clarão sôbre o teatro portuguez. E na verdade, se no resto da Europa a arte dramática sempre acompanhou o andamento da civilização, sendo talvez difficil de determinar qual delas abriu caminho à outra, não é certamente em Portugal que a experiência falece.

(1) Do *Diário do Govêrno*, n.º 214, de 10 de Setembro de 1838.

Enquanto jazíamos na ignorância e barbaridade, nenhuns passatempos conheciam nossos avós ; se pouco a pouco se foram introduzindo alguns recreios, nestes se espelhava ao vivo o espirito daqueles tempos cavalheirescos ; e as justas e torneios não eram mais do que uma similhaça dos combates e das batalhas, tam freqüentes no décimo-terceiro e décimo-quarto século. Com os progressos da civilização tiveram bom acolhimento novos divertimentos que nos trouxeram os mouros e os judeus ; e com a dança e canto, com mômos, entremezes, touras e guinolâs, D. Afonso v e D. João II abrilhantaram os saraus da sua côrte. Por este tempo começaram-se a compôr algumas comédias ; o espirito religioso havia succedido ao gênio guerreiro, e as Escrituras deram o assunto aos primeiros autores : farças ridiculas, em que não duvidavam pôr em scena os mistérios mais sagrados da religião, foram os primeiros passos da arte ainda sem fôrça.

Foi Gil-Vicente nosso primeiro poeta dramático, e afóra o conhecimento do latim, espanhol, francês e italiano, era-lhe estranha a literatura ; nem rastos apparecem nos seus dramas das obras dos antigos dramáticos, e daqui vem a falta de actos e de unidade com que deparámos em seus Autos ; a Biblia era o seu livro, os entes mais sagrados os seus actores. E se acaso declamassem hoje em algum teatro êsses dramas, poucos haveria que entendessem a linguagem, mistura de castelhano e portuguez, ou estimassem em muito as scenas soltas e sem nexos que tanto promoveram o riso de nossos avós. Mudámos, e talvez para pior ; pois que eu não sei qual seja preferível, se aqueles antigos Autos extravagantes no enredo, mas ricos de admiráveis lances cómicos e cuja linguagem era verdadeiramente na-

cional, se éstos modernos entremezes escritos em frase incorrecta e chula, recheados de chocarrices que não podem agradar a ouvidos delicados.

E com acêrto diz o snr. Trigoso numa Memória sôbre o Teátro portuguçs, falando das obras de Gil-Vicente : « Quando julgamos os antigos dramáticos, a-pesar-das lições dos sábios e do fruto da experiência de muitas idades, não somos talvez de todo isentos de prevenções ; conhecemos mais a inverosimilhança daqueles dramas que eram destituídos das três unidades, do que conhecemos o que quási sempre se segue da escrupulosa observação das mesmas unidades, e sabemos melhor vestir os nossos actores com os trajes próprios de seu país e do seu século, do que representá-los com os seus verdadeiros costumes e com a sua própria maneira de vida. » Parece que o ilustre académico antevia a necessidade da nova escola dramática.

Na arte dramática nunca Portugal pôde ombrear com os mais países ; tal sempre tem sido seu triste fado ! Se enumeramos insignes poetas nos outros ramos de poesia, neste é-nos preciso abater bandeiras. Assim como descobrimos nova derrota para ganhar aquelles países da Ásia, e d'êste achado sômente se aproveitaram os estrangeiros, assim em tempos remotos appareceu um Ferreira, que fez surgir na Europa civilizada o génio da tragédia ; e nós satisfeitos com abrimos novo caminho aos poetas das mais nações, parámos no que devêra de ser o incentivo da cultura e aperfeiçoamento da nossa literatura dramática. Se um Gomes, um Xavier ainda enriqueceram nosso teatro, são quais scintilantes estêrêlas em céu nebuloso ; não temos uma série de autores dramaticos, como possúi a França, a Alemanha e a

Inglaterra. Ficámos por muito tempo sepultados em noite escura, saciando nosso mau gôsto com entremeses ridículos e comédias em que eram desprezados todos os preceitos do gôsto.

Onde as armas imperam as letras não dão saborosos frutos ; e esta talvez seja a causa da principal decadência do nosso teatro de 1820 até agora. Entregues todos aos negócios públicos, não havia quem cultivasse as artes ; tudo quanto não tinha relação com a politica era votado ao esquecimento, e dest'arte foi-se empobrecendo o nosso teatro, ao passo que os estranhos se aperfeiçoavam. Não havia bons actores, porque ninguém queria seguir uma profissão envilecida pelas prevenções daquela época ; a muito custo ainda pisavam o palco scénico homens que passavam o dia trabalhando com o martelo ou sentados na tripeça. ¿ E quem haveria que compusesse dramas para tais actores ? ¿ quem se sujeitaria a ver recitada por êles alguma obra filha de muitas noites de trabalho e de estudo ? Ninguém. Algumas traduções tôscas e mal feitas eram as únicas composições de que vivia o nosso teatro, e cujas funestas conseqüências foram a introdução de uma linguagem bastarda e mesclada de português e francês.

E neste misero estado jazia o nosso teatro quando teve logar a restauração ; nestes poucos anos que a seguiram, várias foram as tentativas para restituí-lo a seu antigo esplendor, mas foram baldados todos os esforços ; foi continuando a incorrecção no falar e a má escolha dos dramas. Os poucos que eram originaes portuguezes melhor fôra que nunca os tirassem a público, pois que não eram mais do que um triste reflexo dos medonhos sucessos da nossa guerra civil. O teatro do

Salitre era o único regular de Lisboa, e este mesmo, que mais se assimilava a uma baiúca do que a um lugar de recreio público, só era freqüentado pela classe ínfima da sociedade; ali as graças mais obscenas eram unicamente applaudidas, os ditos mais desonestos os que melhor soavam àquela plateia. No belo teatro de Sam João da cidade do Pôrto não era mais feliz a arte dramática. A selecção dos dramas estava a cargo de homens indoutos; a execução dessas mesmas peças era confiada a uma companhia que mais do que uma vez apresentou em scena actores embriagados. Parecia que o nosso teatro já estava arquejando nos últimos arrancos, e que para finar-se o mísero só esperava pela morte daquele que ainda o presenteára com uma obra prima, qual último canto do cisne. Mas a este nosso grande poeta também estava reservada a glória de resuscitá-lo, e levantar aquele antigo e já arruinado edificio das nossas glórias literárias.

Entre a aluvião de leis que desde o começo da nossa revolução inundou Portugal, uma passou desapercibida, talvez taxada ainda de injusta e despótica, e todavia ela salvou a arte dramática da sua completa ruína: falo da lei que estabeleceu a Inspeccção dos teatros. Este cargo só podia ser cometido ao autor de *Calão*; e grandes louvores devemos dar nós os amadores desta arte, a quem fez tam acertada escolha.

O snr. Garrett entendeu o mandado com vistas mais largas; só lhe haviam encarregado inspeccionar os teatros, êle resolveu dar-lhes vida; havia sido nomeado para conservar restos que ainda existiam, êle determinou formar com êstes mesquinhos cabedais um novo edificio, começar nova era teatral. E não foi sòmente com preceitos que trabalhou para tal reforma; mas

sim deitou mãos à obra, abrindo caminho que há muito ninguém se atrevia a trilhar, pois que ao génio maduro e confiado em suas fôrças cumpre sacudir o jugo invertebrado das preocupações. Lançou mão de alguns actores ainda mal ensaiados que um estrangeiro havia amestrado a recitar mal péssimas traduções, e lhes entregou, como vitima para o sacrificio, um drama composto por êle. A impaciência e génio do poeta dobrou o cantor de Camões a ensaiar pessoalmente a linda comédia, *Um Auto de Gil-Vicente*; a delicadeza do homem cortês forçou êle a sofrer submissa as intrigas de bastidores, que só avalia quem de perto as conhece. Mas tantos trabalhos teve por bem empregados quando universais aplausos amostraram ao autor de *Catão* o aprêço em que todos tinham aquella nova obra, e os cuidados que lhe devera a sua execução.

Seja-me perdoado querer eu, mesquinho engenho, juntar mais uma fôlha aos louros que há muito cingem a fronte dêste nosso poeta; mas êstes ainda são poucos para quem foi de tanta valia à scena portuguesa. Da representação do *Auto de Gil-Vicente* data uma nova época teatral; é a méta que separa o nosso teatro antigo do comêço da sua restauração. As palmas dadas a esta comédia, repercutidas em muitos corações, foram uma fâisca que despertou no peito da juventude portuguesa o estro dramático; muitos exclamaram:

Anch'io son pittore

e levantando a luva, que lhes fôra lançada, aceitaram o desafio, e quizeram ter seu quinhão na gloriosa justa que lhes abrija o cantor de *Dona Branca*.

Quem escrupulosamente analizasse o *Auto de Gil-*

-*Vicente*, talvez encontraria alguns defeitos, depararia com algumas scenas menos dramáticas, com falta de nexo e ligação entre estas; mas quanto acima dêstes pequenos descuidos transluz a pureza do estilo e a linguagem tam limada e portuguesa; melodiosa música soando a nossos ouvidos quási esquecidos de!a! Quanto não são para admirar os pensamentos finos e delicados, os ditos jocosos que esmaltam esta comédia! Não tem a fôrça dos conceitos, o esplendor das idéas de Victor-Hugo; carece talvez do enrêdo forte e arrebatador de Alexandre Dumas, porém enxergamos neste drama a perfeição e interêsse de Casimir Delavigne, a agudeza e engenhosa crítica de Molière. Não é raio lançando um clarão que cega e desaparece, mas sim mimoso brilho, plácida luz em que os olhos descansam gostosos.

A. B. (1)

(1) Da *Crónica Literária* de Coimbra, n.º 2, de 1840. — Este artigo é da elegante e esperançosa pena do sr. Anselmo Braamcamp Júnior.

UM AUTO DE GIL-VICENTE

DRAMA

Representado pela primeira vez em Lisboa,
no teatro da Rua dos Condes, em 15 de Agosto de

MDCCCXXVIII

PESSOAS

EL-REI DOM MANUEL
INFANTE DONA BEATRIZ
BERNARDIM-RIBEIRO
GIL-VICENTE
PAULA-VICENTE
PERO-ÇAFIO
CONDE DE VILA-NOVA
GARCIA DE REZENDE
BARÃO DE SAINT-GERMAIN
DR. JOFRE-PASSERIO
CHATEL
BISPO DE TARGA
MORDOMO-MÓR D'EL-REI
UM PAGEM D'EL-REI
DONA INÊS DE MELO
JOANA DO TACO

QUATRO ACTORES E DUAS ACTRIZES DE GIL-VICENTE

Damas, cavaleiros, escudeiros, falcoeiros,
moços-fidalgos, moços-do-monte, reis-de-armas, arautos,
passavantes, menestreis, archeiros,
remeiros, marinheiros, pagens, escravos indios,
pretos e chins

Logar da scena — Lisboa e Sintra.



ACTO PRIMEIRO

O pátio ou largo dos paços de Sintra com a antiga escadaria descoberta e praticável, fontes e tanque. À esquerda o palácio real ; à direita e no fundo montes e arvoredos. Começa o crepúsculo da madrugada. Pelo meio da terceira scena terá amanhecido.

SCENA I

Pero-Çaflo

Traz um papel de solfa meio enrolado, na mão, e passeando lentamente como quem decora, canta por entre dentes :

Niña la casó su padre,
Muy hermosa a maravilla,
Con el duque de Saboya
Que bien le pertenecia . . .

Pertenecia ! . . . -- Perteneçia, diz cá o castelhano do romance : em português tem mais que se lhe diga . . .
— Pschiu ! que as paredes teem ouvidos e paredes de palácio ouvidos e bôças. (*Deita os olhos à roda de si como quem se acautela ; e torna a cantar :*)

Niña la casó su padre . . .

Ora onde foi êste mal-aventurado de Gil-Vicente buscar solfa tam encatarroada como esta para uma função de vodas — e vodas reais! — ¿ Pois as coplas? sem-sabores. — Se letra e música as não animar cá a brilhante e donosa garganta de uma certa pessoa . . . (*afagando o pescoço*) desta feita perdes tua fama e nome, Gil-Vicente, meu amigo e mestre, compositor-mór de mômms e chacotas, comédias, tragi-comédias e auto: por el-rei meu senhor que Deus guarde. (*Canta:*)

Ya se parte la Ifanta,
La Ifanta se partia
De la mui leal ciudad
Que Lisbona se decia;
La riqueza que llevaba
Vale toda Alejandria . . .

SCENA II

Pero-Çafio, Bernardim-Ribeiro, Paula-Vicente

Enquanto Pero-Çafio canta os últimos versos, Bernardim-Ribeiro embuçado na capa, o chapéu sôbre os olhos, apparece com Paula-Vicente no patim da escadaria à esquerda. Paula faz sinal a Bernardim de que ali está Pero-Çafio.

PAULA

Olhai quem ali está.

BERNARDIM

Pero-Çafio, vosso devoto. ¿ Receais que tenha ciúmes? — Não me conhecerá.

PAULA

Receio que . . . Não quisera que êle soubesse tanto como sabe.

BERNARDIM

Antes êle que outro. — E deixai-o comigo.

(Desce as escadas pé-ante-pé, que o não sinta Pero-Çafio. Paula fica imóvel contemplando Bernardim com ternura e ansiedade até lhe parecer que está fóra de risco de ser visto).

SCENA III

Pero-Çafio, Bernardim-Ribeiro

Bernardim vai-se retirando cautelosamente, mas no momento de passar por trás de Pero, êste se volta e dão face a face um com outro.

PERO

Oh, não se esconda, senhor embuçado, que já o desembuçou a minha perspicácia.

BERNARDIM, *tirando a espada* :

Arreda, que hei-de passar.

PERO

Passareis, passareis, senhor das Saúdades ; passareis como quiserdes, mas não sem vos eu conhecer. Que por estas madrugadas por aqui, e tam recatado . . só

um homem que eu conheço — um louco de atrevidos pensamentos e desmesurada confiança . . . só êle e ninguém mais. — Ide, ide, que êste último capítulo da *Menina e Mõça* não está para durar muito . . . e Deus queira que não acabe mal !

BERNARDIM, *desembuçando-se e embaílhando* :

Amigo, pois que me conheceste, — que me não posso encobrir de ti — amigo, tem compaixão, não me percas. Confio da tua lealdade que ma guardarás a mim desgraçado e desvalido, a mim o mais infeliz . . . *(Dá com os olhos num anel que traz no dedo, beija-o repetidas vezes e prossegue em tom diferente:)* antes o mais afortunado homem que hoje vê nascer aquele sol radioso, destoucarem-se de nevoeiros aquelas serras, viçarem êsses arvoredos tam belos — tam belos e tam verdes como as minhas esperanças ! . . . — Pero, meu amigo, eu sempre em ti descobri, com tôda essa tua galhofa e zombaria, uma alma elevada, um pensamento grande, capaz de compreender as coisas altas. — Conhecem-te por cantares nos Autos de Gil-Vicente e em similhantes mômôs, não sabem de ti mais que os trejeitos e ledices com que tanto ri essa côrte sem alma, essas damas sem espírito, êsses fidalgos sem coração. Mas o teu é para muito, Pero : tu és capaz de me entender. Para mais é a poesia da tua alma que para a do teu mestre Gil-Vicente . . . que o tenho em muito, e muito vale ; mas pesa-me que se avalie êle em tam pouco. — Pero, tu sabes que ninguém é por mim, que me não posso fiar de ninguém ; que só, isolado no mundo . . . vivo com minha saúde, e para ela é por ela . . . Pero, eu preciso de um amigo : ¿ queres sê-lo tu ?

PERO

Precisas de um amigo, de um amigo que te entenda, com uma alma grande, capaz . . . não sei de quê — de subir, de trepar até à tua, aos teus pensamentos, à altura de tuas sublimes inspirações — e não sei que mais coisas de versos e trovadores, que aí embrulhaste em prosa, mas que sôam como cascaveis de coplas! — Assim costumais sempre. — Ora traduzamos isto em romance, *id est*, em língua vulgar, e vem a dizer: — Bernardim-Ribeiro, homem de prol e cavaleiro de ousadas empresas, meteu-se em camisa de onze varas por certos amores que lho diabo meteu na cabeça; andou a sonhar — ou a trovar que é o mesmo — por essas serras de Sintra, falou com as mouras encantadas do Castelo, encomendou-se à Senhora da Pena, esconjurou a lua em verso, as estrélas em prosa . . . Ninguém lhe acudiu. E vendo-se extraordinariamente entalado, em vez de tomar a única resolução prudente e de siso que em tal caso podia tomar . . .

BERNARDIM

¿ Qual era ?

PERO

Ir de passeio por Colares fóra, esperar maré propícia, — e atirar consigo da *Pedra d'alvidrar* abaixo — único termo verdadeiro de seus fantásticos e desvairados amores.

BERNARDIM, *com paciência* :

Ah !

PERO

Sim, senhor. O deus do amor, e tôdas aquelas nin-

fas e deusas que nos mostra cá, em seus autos e comédias famosas, o amigo Gil-Vicente, viriam recebê-lo ; e passaria vida alegre e ditosa em terra . . . terra não, que a coisa era no mar — mas entre gente da sua iguinha, coisas do outro mundo ; que trovadores e poetas não são naturais dèste nem andam correntes por cá.

BERNARDIM

É bem certo o dizes, amigo. Um mundo de vaidades e fingimentos, um mundo árido e falso, em que a fortuna cega, os sórdidos interêsses, as imaginárias distinções corrompem, quebram o coração ; — cujas leis iníquas fazem violência à liberdade natural das almas ; — em que a amizade é um tráfico — e o próprio amor, o mais nobre, o mais sublime affecto humano, é mercadoria que se vende e troca pelas vis e mesquinhas conveniências da terra . . . Oh ! . . .

PERO, *arremedando-o com ênfase ridícula :*

Oh ! êste mundo está inabitável desde que as donzelas nobres deixaram de fugir com os escudeiros de seus pais, — e que os reis entraram a usar da tirania de casar as infantas suas filhas com príncipes de sua liança, sem esperar que algum Amádis de Gaula ou de Grécia, ou . . . — ? Como se chama aquele vosso, aquele famoso cavaleiro do vosso livro das *Saüdades* ? Bimnardel — Narbindel ? coisa assim parecida — ou qualquer outro, lhas safe pelas seteiras do castelo, e vão fazer vida santa para uma choupana à borda de um ribeiro, já que fortuna injusta não deu ao guapo cavaleiro

Nem tórre em que hasteie sua nobre bandeira,
Nem porta de vila que lhe encha a caldeira.

(*Muda para tom sério*) Senhor Bernardim-Ribeiro, tomai conselho de um fraca figura, — Pero do Pôrto ou Pero-Çafio, segundo mais vos j'raza, que ambos os nomes tenho, — vosso servidor, meço da capela d'el-rei, e uma das principais figuras dos Autos e comédias do pœta Gil-Vicente — espôso que espera ser da senhora Paula-Vicente, sua filha e minha dama, môça de espantoso saber e aviso, mas ingrata se as há, e desdenhosa como as que o são. I-vos em paz, que só eu, por ora, vos vi sair daquela aziaga porta. Paula guardará segredo, e eu também. Assim i-vos com Deus para vosso esconderijo da serra conversar com as fadas e duendes do castelo vélho — em que, tam louco sois que estais vivendo como um anacoreta. — Olhai : a côrte vai amanhã para Lisboa. Depois de amanhã se recebe a infante com Messer de Balaison, barão de Saint-Germain, em nome do Duque seu amo. À noite sarau, e o nosso Auto, (ou tragi-comédia, segundo se diz agora por moda) — no qual eu Pero do Pôrto — ou Pero-Çafio, como me chama o excomungado de Gil-Vicente . . . — E pegou a alcunha ; que até el-rei meu senhor — e as Senhoras, já não há se não : « anda cá, Pero-Çafio — canta lá, Pero-Çafio — vai-te daí, Pero-Çafio . . . » — Só nunca tal me chamou Paula-Vicente, minha dama ! . . . Ora ainda hei-de averiguar a razão desta cortesia . . . ; Será que me não queira dar confiança ? — Cachopa é ela para tanto, que a não vi nunca mais sôbre si. — Veremos. — O caso é que depois de amanhã sarau, dança e Auto. E ao outro dia . . . acabou-se tudo. — ; Entendeis-me ? — Acabou-se tudo : porque a muito illustre e muito excelente senhora infante D. Beatriz, filha do muito alto e poderoso rei e senhor, o senhor D. Manuel, rei de Portugal e Algarves

d'aquém e d'além-mar, etc., e, agora depois que voltou Vasco da Gama — da conquista e navegação da Etiópia, Arábia, Pérsia, Índia . . . Ah! não ouvis o que vos digo! (*Vai atrás d'ele repetindo com muita pausa*) A senhora infante Dona Beatriz — Dona Be-a-triz parte no alteroso e soberbo galeão de teca, Santa Catarina do Monte Sinai, obra-prima da Ribeira das Naus de Goa, feita por calafates naires, carpinteiros çamorins e mestres-velas çabaíos. — Que Deus nosso senhor a leve a pôrto e salvamento. — E acabou-se tudo. Entendeis-me, senhor D. Bernardim ou D. Binnardel . . . ¿ como quereis que vos chame?

(*Bernardim, que tem estado distraído quási todo o tempo que falou Pero-Çafio, repara apenas em uma ou outra palavra que o faz estremecer, inquieto e passeando à tóa, e Pero-Çafio atrás d'ele falando sempre: agora estaca de repente*).

BERNARDIM

Mofino de mim! que farei em tanta desventura! Quem se viu já tam feliz e tam desgraçado! (*Repara no anel que traz no dedo e torna a beijá-lo muitas vezes*). Doce penhor de uma esperança que mal eu via em sonhos — que me começa a parecer realidade, oh se é verdade o que prometes . . . Mas quê! Não foi êste o sinal da despedida — última, derradeira! Que ventura pode haver para mim se não torno a vê-la! Que me fazem as memórias do prazer onde me não ficam senão mágoas! Fez-se-me o prazer mágoa maior; e já me pesa mais do bem que tive que do mal que me aguarda. Oh pensamento de minha alma, porque tam alto subiste! E se tanto ousaste, por que não morres aí que te não torne a ver a terra!

PERO

Essa é minha opinião e voto em côrtes. Que morra, já que para viver não é.

BERNARDIM

Amigo Pero, tu sabes o meu segrêdo, o segrêdo da minha vida, o mistério inefável de minhas divinas tenções . . . Há segredos que matam : ¿ sabes ? Que trazê-los na memória, é trazer a morte consigo — que deixá-los vir aos beiços é como sorver peçonha com êles. ¿ Entendes-me ? Ver-nos hemos em Lisboa amanhã.

PERO

Sempre ao vosso dispôr. (*À parte*) Maldito seja êle e o seu segrêdo ! (*Alto*) De manhã Pero-Çafio vosso cativo ; à noite, Marte, deus da guerra que vou às *Côrtes de Júpiter*, no Auto assim intitulado de meu digno mestre Gil . . .

BERNARDIM

Basta com êsse bôbo de Gil-Vicente e seus Autos, que já me enfadam êle, tu e vossas comédias, que assim trazem embelecada esta côrte de comediantes, que de mais não cuidam. — Oh sublime inspiração dos anjos, ardente linguagem de querubins, vida, fogo, amor, luz — cântico de serafins que amam e adoram, divina poesia ! e por vilancetes de salões, por coplas de jograis, saltimbancos te trazem prostituída ! E assim, e só assim te conhecem e te entendem, — que em tua singela e severa beleza não é para tais compreender-te ! — Bem me chamam louco : devo de o parecer ; não há dú-

vida. E até eu me tenho já por tal. ¿ Que importa ? — Uma só vez tornar a vê-la ; uma só vez ainda o céu cá na terra ; e para que quero eu mais a vida !

PERO

Oiço vezes. — Hão-de ser os Italianos que costumam madrugar aqui em Sintra para andarem embaixados por essas devesas. — Deve de não haver pedras nem despenhadeiros em Itália, para fazerem tanto espanto dèstes quebra-cestas de Sintra. Bom será que o não vejam no pátio a esta hora. — (*À parte*) Aqui estou eu, sem querer : feito confidente e protegedor da mais perigosa aventura . . . que me pode custar . . . (*Afugando a garganta*) uma afinação de gorgomilo que nunca mais desentõe. — ¿ E que lhe hei-de eu fazer ? — (*Alto*) Senhor Bernardim, vem gente : creio que são os Italianos, os embaixadores de Sabóia. Vá-se, por Deus, se não quere ser causador de grandes desgraças, se é que tem em alguma conta a fama, a vida, a honra de quem . . . de quem . . .

BERNARDIM

De quem não é para teus lábios nomear — para os de nenhum homem que queira viver um minuto mais. (*Lança mão ao punhal que traz no seio ; Pero estremece, e êle continúa*). Eu vou-me, Pero. — ¿ A que horas é o Auto ?

PERO

Às oito horas começará.

BERNARDIM, como quem lhe acode de repente uma lembrança:

¿ Levam máscara as figuras ?

PERO

¿ Máscara ? . . . Só se fôr a moura — a moura encantada que vem no fim. É verdade, sim, de máscara há-de ir a moura Taes, a que entrega o anel à infante-duquesa.

BERNARDIM

¿ Como disseste ? ¿ um anel ?

PERO

¿ Pois não sabeis o enrêdo do auto, das *Côrtes de Júpiter*, composto para êste casamento e festas reais ? As *Côrtes de Júpiter*, coisa magnifica, são os deuses todos principais que se juntam em côrtes no céu para avisarem e concertarem no melhor modo e mais grandioso de ir ao bota-fôra do galeão, e acompanhar a infante-duquesa por êsses mares abaixo ; fazer-lhe léda e próspera a viagem, e a levar sã e salva a terras de Sabóia. (*Bernardim suspira, Pero continúa*) ¿ Suspirais ? Também eu ; mas é porque ainda não sei de cór todo o maldito papel de Marte que me arrumaram. E Paula que faz a Lua ! E eu ao pé dela ! Temos eclipse, e perco-me ; estou vendo.

BERNARDIM

Aviai já, e concluamos.

PERO

Agora, agora mano da minha alma. Hoje por vós, amanhã por nós : chegou-me a minha vez de ternura. — Mas isto comigo passa de-pressa. — Já lá vai. —

Vêm então os Deuses a côrtes por ordem de Júpiter. Gil-Vicente é o Júpiter desta feita ; eu Marte, como já vos disse ; Garcia-Peres o Sol ; Paula também já vos contei . . .

BERNARDIM

A lua, bem sei, bem sei. Por vida tua acaba, homem. Juntam-se as côrtes ; falam muito, não fazem nada. Êsse é o costume ; sabemos. — Não me enfades mais.

PERO

Pois fazem alguma coisa desta vez as côrtes (e não fique de mau exemplo :) distribuem os logares para o cortejo da partida — e por fim desencantam a famosa moura Taes, filha do antigo fei do Algarve, mágica afamada ; a qual moura tem um anel de condão que adivinha tudo ; e o anel é obrigada a moura por Júpiter, creio eu, a entregá-lo à infante minha senhora. Com o quê acaba o auto ; e nós todos cantando e dançando co'a linda chacota

Por el rio me llevad,

bailando e folgando, nos vamos cada um a seu poiso. Senhores e damas ficam dançando no sarau. E els-aqui como amanhã à noite se diverte e passa o tempo o muito alto e poderoso rei D. Manuel de Portugal, e tôda a sua côrte.

BERNARDIM, *impaciente :*

Bem, bem. ¿ Quem faz a moura ?

PERO

A moura ! Oh isso é a mal entrouxada de Joana

do Taco. Aquele demónio, Deus me perdõe e eira má a tome — que é tal como a Maria Parda das trovas de mestre Gil. Nunca tal papel fará em termos: se ela está sempre De profundis!

BERNARDIM

¿Folgaria bem o meu amigo Gil-Vicente que outrem lhe apparecesse para a figura da moura?

PERO

Se folgaria!

BERNARDIM

Bem: não lhe digas nada.

PERO

¿Que lhe hei-de eu dizer se Vos não entendo?

BERNARDIM

Não digas que falámos nisto. Cala-te que é o maior serviço que me podes fazer.

PERO

E acha que é pouco!

BERNARDIM

Não acho, não. Bem sei quanto te há-de custar. E mais será se falares que a vida te custará. ¿É grande o papel da moura?

PERO

Nada. Três ou quatro coplas *pronunxiadas á moirixa* com muitos *axxes e exxes*. É o mais soez e ranço que ainda compôs mestre Gil.

BERNARDIM

Embora. — ¿ Canta a moura ?

PERO

Não.

BERNARDIM

Óptimo. — Feliz, feliz lembrança !

PERO

Alegre estais ! Tam pezado e triste ainda agora ! — ¿ Dar-vos-ia no miolo ser comediante ? Olhai que acertáveis : escoreito de tristezas vos prometo eu que ficarieis. É a mais bela, mais ditosa profissão.

BERNARDIM

Tens razão, amigo : e a melhor, a mais útil que há. Oh minha vida, que ainda uma vez te viveret. Uma só e derradeira ! Mas que importa !

PERO

I-vos já, que realmente oiço vozes, e devem de ser os Italianos. (*Vai ver*) — Eles são. Por vida vossa que não fiqueis mais aqui.

BERNARDIM

Até amanhã, meu Pero. (*Abraça-o*),

SCENA IV

Pero-Cafio, só :

Até amanhã ! E dia de juízo seja esse amanhã para ti, mofoino poeta namorado, que tam dolorido e saúdozo és. E mais, saúdaes me não deixas : assim eu viva e com minha senhora Paula me case. — O pior é que ele tem razão. Eu sei, — inda mal ! — o terrível segredo que o atormenta. Maçã de sciência que se me atravessou no gorgomilo como a nosso pai Adão. Serpente que entraste no paraíso, que tentaste Eva, ¿ quem me mandou a mim ver-te a falar-te ? Se houve maçã que comer, não tive eu quinhão nela, que Pero sou, e não é de pèros roer maçãs. Mas cá a tenho engasgada todavia. Tomára-me eu ver fóra disto — ou fóra daqui, e para bem longe quem causa tudo isto. — Vamos, vamos : casarás, amansarás. Seu marido de Sabóia que se avenha lá com êsses debuxos. ¿ Que tenho eu com isso ? O negócio é de Sua Alteza Ducal, não meu. — Oh ! aí vem Monseor Chatel. Refinado sonso de Italiano, vem, que em boa hora vens. Não hás-de ser tu, com toda a tua italianisse ou saboisse, que me hás-de apanhar. — Sentido na língua, Pero-Cafio, meu amigo, que é o teu fraco, e o forte destes meninos embaixadores e de seus secretários. O tal Monseor Chatel cuida que os Portuguezinhos são umas crianças. Enquanto lá os embaixadores do duque — o senhor barão de Saint-Germain todo galante e cortêsão, o senhor doutor Passerio, todo grave como um Bártoio, andam intrigando com condes e marqueses e desembargadores do paço — vem o senhor secretario espreitar cá por

baixo, e tirar língua pela sala da Tocha. Cuida que é a sala das Pêgas ali dentro! Pois esta não há-de ser palreira, que capaz sou eu de me comer a língua se me ela comer muito — com a sua comichão costumada.

(Faz cortesia a Chatel que se vem chegando).

SCENA V

Pero-Çafio, Chatel

CHATEL

Belo dia, bela madrugada, senhor Pero! E já a aproveitastes bem. Tendes gozado a frescura da manhã neste delicioso sítio, creio eu. São de uma formosura sem igual as manhãs em Sintra. Na nossa Itália tam bela não há coisa que rivalize com êste oásis, êste jardim de delícias. — Tendes aí um papel que vos dá muito que fazer.

PERO, *que tem estado a fingir muita atenção ao seu papel:*

É o meu papel de Marte para o auto de amanhã. Estudo a solfa.

CHATEL

Ah! também admite o canto o teatro português! Verdadeiramente não se imagina em Itália, nem em França, como os Portugueses estão adiantados nas artes. O vosso Gil-Vicente é um prodígio: prodígio natural — e também pouco cultivado. Se êle conhecesse os clássicos; se, como o nosso Ariosto, soubesse imitar

erência e Aristófanés; se aprendesse as regras de arte!...

PERO

Havia de ser um sensaborão insulso e insípido segundo a arte; havia de marear seu engenho natural, e...

CHATEL

Pode ser, pode ser. O Dante também desprezou as regras, — ou fê-las novas... — Com quê, vamos amanhã até Lisboa. Vai toda a corte; e não é assim? E o sarau há-de ser esplêndido. El-rei, a rainha, os senhores todos costumam dançar nestas ocasiões, ouvi eu. Mas é impossível que não haja — há-de haver um certo resguardo, escolha nas pessoas... Nós somos amigos cá sem cerimónia: (*Pero-Çafio parece enfiar-se*) e entre amigos é que a gente fala nestas coisas... -- Dizei-me. Estas damas que vão com a duquesa minha ama... são da primeira fidalguia, sem dúvida; e gentis são, bem vejo; — galantes e avisadas... Muito cortejadas haviam de ser por tanto mancebo ilustre, tanto guapo cavaleiro que anda na corte. Não é verdade?

PERO

Perguntai-me por autos e comédias, senhor secretário; que eu criado sou d'el-rei, mas não curo senão deste meu mister de músico que Sua Alteza tanto estima.

CHATEL

E com razão, amigo Pero, com razão. El-rei D. Manuel é um Augusto, um Leão Décimo; bons exemplos segue.

PERO

El-rei de Portugal não é para tomar, senão para dar exemplos. E ainda nenhum príncipe lhe tomou a êle o de mandar descobrir mares e terras ao cabo do mundo.

CHATEL

Bem dizeis, amigo, bem dizeis. Nenhum príncipe fez tantos serviços à Cristandade! Assim êle não recusasse admitir o santo tribunal da Inquisição, que tam preciso lhe é. Mas tempo virá...

PERO

¿ É o tribunal que queima a gente?

CHATEL

Os herejes, e os Judeus, meu amigo; não é a gente.

PERO

Boa vai ela! — ¿ E então el-rei não o quere?

CHATEL

Não se resolve. — Oh, se fôsse o príncipe D. João! Santo príncipe!

PERO

Abençoado seja el-rei nosso senhor! Deus o conserve!

CHATEL

É uma excelente e exemplar família a Real Casa

de Portugal. — Que formosa e avisada não é a senhora infante D. Beatriz, que amanhã será duquesa de Sabóia e minha ama! — O duque meu senhor há-de amá-la e respeitá-la como nunca o foi princesa alguma. É a jóia mais preciosa que vai ter a corôa ducal de Sabóia.

PERO, *á parte*;

E para engaste da jóia não leva mau oiro no dote. — Que nos levem estrangeiros, a trôco de palavrinhas doces, o que tanto custa a ir desenterrar na Mina — a lavrar às espadeiradas na Índia!

CHATEL

¿ Dizieis ? . . .

PERO

Nada. — Repetia o meu papel de Marte.

CHATEL

É muito môça a infante; e tem contudo um cabedal de instrução que admira. Lê muito — folga com livros de . . . cavalerias e cançoneiros . . . protege muito os homens de letras . . . — A propósito, ¿ que é feito dô seu mestre de literatura e poesia? Homem de gôsto; ¿ não era? E raro talento. Um tanto entusiasta, cuidou eu. — ¿ E poeta? ¿ Não? Conheceis-lo — creio que ainda o não vi na côrte. Não vem já ao paço. — Era moço, ouvi dizer e gentil-homem, mas deixou-se do mundo, e foi viver como ermitão para a serra. — Dizei-me, Pero amigo, ¿ conheceis êste tal Bernardim-Ribeiro, de cujos versos e prosas tanto se fala?

PERO

Conheço-o de o ver com Gil-Vicente, a quem muito conversava.

CHATEL, *com vivacidade* :

Ah ! ¿ eram amigos ?

PERO, *à parte* :

Querem ver que disse alguma ! O diaxo te açafme a lingua, Pero de uma figa. — (*Alto*) Hum ! amigos . . . amigos . . . como homens de letras — já se sabe — oficiais do mesmo officio.

CHATEL

Mas Bernardim é pessoa de nascimento, cavaleiro...

PERO

Sim é, mas dado e lhano ; e nunca se correu de ser nosso amigo, e de nos tratar como seus iguais. — As letras . . . (*À parte*) Cala-te, maldito.

CHATEL

As letras, dizeis bem, são uma rêpública em que não há distinções. — Mas, senhor Pero, êste nosso literato ou poeta Bernardim, dizem que é homem de ativos pensamentos, orgulhoso . . .

PERO

De seu mérito, devia sê-lo ; mas não é.

CHATEL

Bem, bem: tanto melhor . . . (*Ouvem-se as charamelas e sacabuxas dos menestreis d'el-rei*) ¿ Que música é esta ?

PERO

El-rei que sai. — Já por aí senti os falcoeiros ; mas não me parece dia para caçar. É passeio talvez.

SCENA VI

El-rei Dom Manuel, Infante Dona Beatriz, Bispo de Targa, Gil-Vicente, Barão de Saint-Germain, Doutor Jofre-Passerio, Paula-Vicente, Garcia de Rezende, Chatel, Pero-Çaflo, Conde de Vila-Nova, DAMAS, FIDALGOS, ESCUDEIROS, MOÇOS DO MONTE, FALCOEIROS, ETC.

DOM MANUEL

Não tornarás a ver tam cedo — talvez nunca mais — êstes belos montes, esta verdura tam viçosa, estas águas tam frescas, Beatriz. Dize-lhes adeus, que bem to merecem, filha.

DONA BEATRIZ

E que saüdades levo delas, meu pai ! Oh ! ninguém é capaz de as sentir como eu.

DOM MANUEL

As saüdades queremos nós para nós, eu e teus irmãos, e a rainha que tanto te quere. — Oh ! e por saü-

dades — *(Com intenção, e observando os embaixadores de Sabóia)* o nosso Bernardim-Ribeiro, o homem das Saúdades, ¿ que é feito d'êle ? Não te vem beijar a mão, Beatriz ; despedir-se de sua ama, que deixa partir tam despedadamente . . . Ora creiam em afeições de poetas ! Belamente escreve de saúdades e amores. Ninguém o fez melhor em nossa língua. — ¿ Não é assim, Garcia de Rezende, *(Garcia de Rezende inclina-se)* que depois que a êle tratou, parece outra ? Mas êstes escritores costumam-se a sentir e pensar com o papel e a pena ; tirados daí, não são já os mesmos. — Se êle quisesse ir para a Índia, far-lhe-ia mercê. Carecemos de quem faça crónica de tantas gentilezas que por lá se obram. — ¿ Serás contente, Beatriz, que desenterremos o teu apaixonado, dessas brenhas por onde anda, e o tornemos ao mundo ?

DONA BEATRIZ, *que suspira e estremece por vezes durante a fala de el-rei :*

Meu senhor e meu pai, já que de mim dispusestes, e pois que Vossa Alteza me dá a outrem, não devo ter, nem tenho, pensamento ou empenho senão para minhas novas obrigações.

DOM MANUEL

Obrigações, vamos, e prazeres também : que hás-de ser uma ditosa e festejada noiva : espôsa de um galante príncipe, senhora de grande estado, e feliz como merece a minha adorada Beatriz. — ¿ Não é assim, barão ? *(A Saint-Germain que se inclina)* — Doutor Passerío, *(o doutor inclina-se)* a duquesa, vossa ama que há-de ser amanhã, é grande devota de letras e letra-

dos : na vossa Itália, onde estão em tanta honra, há-de achar-se como em terra sua.

PASSERIO

Todos receberão das inspirações de tam excelsa musa o incentivo para serem dignos dela.

CHATEL, *baixo a Saint-Germain* :

El-rei que fala assim . . .

SAINT-GERMAIN, *baixo a Chatel* :

Não há nada do que se pensava. A infante é virtuosa e sisuda.

CHATEL, *à parte* :

Será ; mas aqueles olhos são de namorada — eu eu não sou genovez.

DONA BEATRIZ, *baixo a Paula-Vicente* :

Paula, eu sinto morrer-me. Se me não deixam, se continuo neste passeio, com este tormento — aqui ficarei de vez em Sintra — morro. Oh ! se o permitisse Deus !

PAULA, *baixo a D. Beatriz* :

Animo, senhora ! vêde el-rei que parece conversar com Garcia de Rezende — e que não tira os olhos de nós,

DOM MANUEL

Doutor Jofre-Passerio, respondido como digno poe-

ta italiano — sempre brilhante ! Também fazeis traição a Bártolo — cá me disse Garcia de Rezende. — Hei-de-vos denunciar ao reverendo Bispo de Targa que presente se acha, e a quem também às vezes succede trocar-se-lhe o breviário pelo Virgílio. ¿ Não é Virgílio, meu digno prelado ?

BISPO DE TARGA

O exemplo de Santo Augustinho . . .

DOM MANUEL

Bem sei — e que era bispo africano como vós — mas cansava-se um tanto mais com as suas ovelhas gétulas e numidas. — ¿ Não é assim, Garcia de Rezende ? (*Garcia de Rezende inclina-se*) Lá ides para Itália, senhor bispo ; e o santo padre que componha essas coisas. Sua Santidade folga com versos latinos. Se lhos não quereis fazer, aí tendes André de Rezende que vo-os fará como qualquer poeta pontifício. — E André que os faz em tôdas as linguas, cuido eu. — Mas perdõem-me todos, que para mim ninguém compõe trovas que tam bem me saibam como o nosso Gil-Vicente nos seus autos — que são meu único refrigerio e distracção de tantos cuidados e trabalhos. — Gil-Vicente, vinde cá, homem, não vos escondais, que sois homem para se mostrar em qualquer parte. Todos aqui são vossos amigos. ¿ Reccais que o Auto das *Barcas* vos pusesse em mau cheiro para além dos Alpes ? Êstes cavalheiros são de Sabóia e não mandam dizer nada para Roma.

GIL-VICENTE

Vossa Alteza bem sabe que não sou medroso. Quando eu fiz o *Clérigo da Beira* . . .

DOM MANUEL

Essa é a melhor farça que nunca fizeste.

GIL-VICENTE

Nunca me escondi de priores nem de cônegos, e mais . . .

DOM MANUEL

E mais não lhes faltaria vontade de te ensinar.

GIL-VICENTE

E no dia depois do *Juíz da Beira* jantei com dois desembargadores dos agravos. Tudo pode o exemplo de tolerância e liberdade com que Vossa Alteza nos ensina a todos.

DOM MANUEL

Barão, podeis dizer em Itália que nem só de marfim e especiarias se trata na côrte de Lisboa. Trazemos guerra, e mandamos nossos galeões a pelejar e traficar, nas quatro partes de que hoje — graças aos nossos pilotos ! — se compõe o mundo ; mas em casa cultivamos as artes da paz.

PASSERIO

Os soberanos de Portugal são a admiração do uni-

verso. ¿ Mas Vossa Alteza não se digna permitir que os nossos pilotos genoveses reclamem alguma parte na glória marítima de suas descobertas ?

DOM MANUEL

Por Deus ! que bem pouca lhes poderemos conceder, Micer Jofre. Aqui esteve Cristóvão Colon ; e a falar a verdade, grande navegador era e homem de altos pensamentos e ânimo grande. Mas os nossos cosmógrafos não entendiam (e tinham razão) que fôssemos cometer tamanhos riscos para ir encontrar terras do Tártaro. Que a essas ia, e essas cuidou descobrir o vosso Colon, que supunha o nosso globo mais pequeno do que lhe êle saiu. — E assim mesmo, se não fôsem os papeis de Perestrelo que levou para Castela, não seriam hoje tam aumentados os Estados do imperador meu cunhado. — Nós não fomos perguntar a Génova eu a Veneza como se dobrava o Cabo das Tormentas, — nem Pedr'alves descobriu a terra de Santa-Cruz pelos roteiros de Colon e Vespúcio. — Mas isto é tarde. A manhã não está para gaviões. Daremos uma volta passeando. — Amanhã em Lisboa não faltarão negócios. Monteiro-mór, mandai embora os falcoeiros.

(Dona Beatriz senta-se em um poial de pedra como quem está angustiada. Todos a rodeiam).

DOM MANUEL

¿ Que é isso, Beatriz ? Cansamos-te com tanta conversa aqui parados. ¿ Não é assim ?

DONA BEATRIZ

Não estou boa ; passei muito mal a noite. Se Vossa

Alteza me permite, ficarei em casa. Não é nada : estou fraca, e custa-me ir passear.

DOM MANUEL

Fica embora. Deixar-te hei o conde de Vila Nova . . . ou o bispo para te fazerem companhia.

DONA BEATRIZ

Não, meu pai, não preciso de tanta gente. Paula ficará comigo, e é quanto basta.

DOM MANUEL

Senhor bispo capelão-mór, ficai com vossa ama. Adeus, filha ; não tardaremos.

SCENA VII

Dona Beatriz, Paula-Vicente, Bispo de Targa

DONA BEATRIZ, *levantando-se* :

Senhor bispo capelão-mór, é nossa real vontade ficarmos aqui sós com Paula-Vicente, nossa criada. Vossa Reverência há-de ter provávelmente as suas devoções . . .

BISPO DE TARGA

Tenho, minha senhora ; e obrigações também : agora principalmente a de obedecer a Vossa Alteza. (*Beija-lhe a mão, e parte*).

SCENA VIII

Dona Beatriz, Paula-Vicente

DONA BEATRIZ

Eu abafô, Paula, estalo ! — Sinto que se me esmaga o peito debaixo dêste pêso. — Ai meu Deus ! —
¿ Tu ouviste o que aquelle homem me disse esta noite ?
¿ Ouviste tudo ? — Que homem, que louco ; mas que amor ! Mas que alma, mas que coração aquelle ! —
¿ Sabes que mais, Paula ? eu amo-o como êle me ama.

PAULA

Já o sabia.

DONA BEATRIZ

¿ Quem to disse ? Não eu.

PAULA

Não.

DONA BEATRIZ

Nem êle, que o não sabe. — Espera, adivinha . . .
E eu que lho encubro, Paula !

PAULA

Muito bem, dando-lhe um anel em sinal de fidelidade e . . .

DONA BEATRIZ

E amizade, Paula : ¿ pois não há fidelidade entre

amigos também ? Tomára-lhe eu dar a minha vida, o meu sangue, e tudo quanto sou e valho. — E mais ainda lhe ficava devedora. Oh como aquele infeliz me ama !

PAULA

Mas casais-vos amanhã.

DONA BEATRIZ

Meu Deus, meu Deus, Paula, ¿ que lhe hei-de eu fazer ? — ¿ Que farias tu no meu caso ?

PAULA

Oh ! cá eu é muito diferente. Quem não é princesa . . .

DONA BEATRIZ

¿ Que faz, Paula ?

PAULA

Morre.

DONA BEATRIZ

Morrer ! tomára eu. Mas meu pai . . .

PAULA

Aquele homem era digno de melhor fortuna.

DONA BEATRIZ

Fortuna, fortuna ! ¿ Que me importa a mim com a fortuna, ou a elle ? Amor, amor é que nós precisá-

mos . . . Paula, minha querida amiga, se eu pudesse vê-lo outra vez ! Se tu quisesses . . .

PAULA

Eu !

DONA BEATRIZ

Tu ; que não temos outro ninguém que nos valha : tu que juraste proteger-nos, tu que . . .

PAULA

Eu que sou . . .

DONA BEATRIZ

A minha amiga, a minha verdadeira amiga. Paula, quero vê-lo. Aquela despedida de ontem não me basta. Amanhã serci italiana ; hoje sou portuguesa ainda, pertenço-me a mim. ¿ Que me pode suceder ? ¿ Morrer, matarem-me ?

PAULA

Difamar-se, perder a honra !

DONA BEATRIZ

Isso nunca. Sou filha de el-rei Dom Manuel, sou uma infante de Portugal, sei o que devo a mim e aos meus.

PAULA

A maledicência não poupa os príncipes.

DONA BEATRIZ

¿ Porquê ? ¿ Já o vi, já lhe falei alguma vez que

não estivesses tu ao pé de mim ? ; Não ouves quanto me diz, não lês quanto me escreve ?

PAULA, *à parte* :

Inda mal !

DONA BEATRIZ

; Há maledicência, há calúnia que possa manchar amores tam inocentes ?

PAULA

Inocentes ! Vossa Alteza é desposada, e êle é . . .

DONA BEATRIZ

Não digas, Paula, não digas, que me matas. Tem dó de mim. Vamos, minha amiga, vamos ao meu quarto, e concertaremos . . . Oh meu Deus, que eu não resisto ; morro, morro desta angústia !



ACTO SEGUNDO

Os paços da Ribeira. Grande salão no estilo de Belém : é gótico florido inclinando fortemente à renascença. Tochas e placas com luzes.

SCENA I

Paula-Vicente só, Gil-Vicente de dentro, depois um pagem mourisco

Paula vestida de túnica e manto roçagante está sentada ao pé de um bufete e como absorvida em profunda meditação. Sôbre o bufete corôa e scetro, — alguns papéis.

PAULA

E aqui está a minha vida ! O que eu sou, o que eu valho, o para que me querem — uma comediante ! . . . É o meu destino, vivo para isto, nisto se gasta uma existência. — E deu-me Deus alma para compreender a vida ! Sente-me o coração, concebe-me o espírito quanto podia, quanto devia ser alta e sublime a minha missão na terra — e pobre, e sujeita, e humilde, e mulher sobretudo . . . até estas aspirações me são vedadas,

hei-de afogá-las ; hei de afogá-las, hei-de enterrá-las no peito antes que ninguém saiba que nasceram, e cobri-lo de levandades e abjecções para não ser criminosa ou ridícula !

GIL-VICENTE, *dentro* :

Paula !

PAULA

Meu pai !

GIL-VICENTE, *dentro* :

Ouve cá, filha.

PAULA, *levantando-se* :

Eu vou, meu pai. — Mais algum aborrecimento com esta maldita comédia ! Comédia, comédia ! Tudo é re-representar e fingir nesta vida de côrte. Que fôsse para os grandes em quem é natureza, não lhes custa. Mas para os pequenos também . . . é suplicio. — Aqui está a minha corôa, o meu sceptro : vou ser rainha meia hora ; vou ser grande, vou ser admirada, aplaudida, festejada meia hora. (*Pegando na corôa*) É de ouripel o meu diadema : ¿ os outros de que são ? — ¿ Acabada a comédia valem mais do que êste ? — Oh vida, vida !

GIL-VICENTE, *dentro* :

Paula, que é tempo de começar o ensaio.

PAULA

Estou estudando a minha parte.

GIL-VICENTE, *dentro* :

Pois avia.

PAULA

Quem tivera aquela paixão d'arte que o domina, aquele entusiasmo pela beleza ideal dêsse mundo de ficções que se criou e em que vive ; aquela cegueira ditosa que lhe não deixa ver a miserável realidade que o cerca ! Meu pobre pai, como êle vive enganado ! Inda bem. — Cuida que o avaliam, que o entendem. As sublimes criações do seu engenho, as graciosas pinturas de seu estilo, aplaudem-nas, ¿ como, porquê ? — Porque é moda, porque os fazem rir às vezes. Sem o salvo-conduto de bôbo e chocarreiro, morria de fome o grande poeta. — ¿ Não o conhecerá êle ? Às vezes desconfio que sim : quer-me parecer que de propósito busca iludir-se, e foge da realidade porque a teme. — Assim fizera essoutro infeliz, essoutro espírito elevado que de suas imaginações tam altas aí se despenhou agora. — Que duas almas tam semelhantes e tam diversas !

(Entra um pagemzito mourisco e entrega-lhe um bilhete).

Um bilhete ! ¿ De quem ? *(O pagem faz sinal de não saber)* — Agora verei. *(Abre e lê)* Ah ! sim. — Já me admirava, desde esta manhã que chegámos de Sintra, não ter novas d'le. — Veio, está aqui. — Isso esperava. — Está bom, *(Ao pagem que logo se retira)* podeste ir. — ¿ Que me quererá êle ? A mim deseja falar por caso de vida e de morte . . . e a meu pai também ! E não se esconde de Pero ; antes parece . . . *(Afirma-se na carta)* que dêle faz confidência. Grande estranheza ! —

(*Torna a olhar para a carta*) Não assinou o prudente cavaleiro. Nem era preciso; bem sabe como lhe conheço a letra.— Oh! e quem se havia de enganar com este teor de escrever! Mas que viesse de outra mão, só Bernardim-Ribeiro podia escrever assim. (*Le*) * Se me não desamais já tanto, que me queirais ver morto de paixão e angústia, fazei com que vos possa falar já, nesta hora, e a sós com vosso pai.— Não é segredo para o nosso bom Pero.— Sabeis que vos amo . . . quanto quereis, e que vos mereço compaixão *. (*Fala*) Que vos amo quanto quereis! — Porque enjeitei seu galanteio atrevido, porque eu, Paula-Vicente, a filha do comediante, do jogral, do chocarreiro — como lhe êles chamam ao maior poeta que ainda teve esta nação de bárbaros — porque eu, eu filha do poeta pobre, não quis aceitar o cortejo do poeta senhor e cavaleiro . . . — cuida que o não amo, o louco! — Que mal entendem o coração da mulher êstes homens dos livros — e êles todos! — Que o não amo, que não quero o seu amor, que me contento desta amizade que fingimos entre nós, êle para cobrir sua indiferença, eu para enganar minha paixão! — Eu, eu que daria a vida para ser amada (mas *amada* — requestada, não) por um homem como Bernardim! — Que o não amo! Eu que me sinto ralar de ciúmes cada vez que penso . . . — Ê bela, é grande dama. Não representa nas comédias de seu pai — noutras o fará — não diverte o público — é senhora, rica e poderosa . . . & Mas quem lhe deu alma para entender aquela alma? Ah! — Aí vem meu pai e tôda a caterva do Auto. Dissimulemos.

SCENA II

Paula-Vicente, Gil-Vicente, Pero-Çaffo, Joana do Taco,
ACTORES e ACTRIZES, *uns já vestidos para o auto,*
outros acabando de se preparar.

GIL-VICENTE

Se to digo, Joana, desastrada Joana, que em má hora me meti a fazer-te moura.

JOANA DO TACO

¿ Tam boa cristã sou eu?

GIL-VICENTE

Não eras má, não. Judia serás tu por mal-pecados, que assim judias comigo. Mas o que tu não hás-de nunca ser, é uma moura capaz que se mostre, moura que fale mourisco, que saiba o seu papel, que possa aparecer num auto, que possa dizer com graça e chiste:

Exte anel de condon
Perguntalde box a el,
Y el dará a box razon
De quantos xacretos xon.

Ora anda lá, mal-amanhada, repete isto.

JOANA DO TACO, *repete muito semsabormente :*

Exte anel de condon
Perguntalde box a el . . .

Não sei ; não me lembra. Dai-me outro papel, que me não avenho com êste.

GIL-VICENTE

Oh excomungada mulher, negregada Joana do Taco, (que um taco de Belzebuth te carambole nalma!) pois a esta hora, nós já vestidos, a côrte aí junta tôda, el-rei que não tarda a aparecer — a esta hora te daria eu outro papel! — ¿ Que vos parece, mana, que estou tonto? — ¿ E como, e que papel te havia de eu dar, mal entrouxada?

JOANA DO TACO

O de *Providência*, que é para que eu tenho geito. Coisa heróica e grande. Isto de fazer rir não sei. Ali está Paula, que fazia a *Lua* e que não descansou enquanto não apanhou a *Providência*. — Paula que faça êste papel. Eu não quero; tenho dito.

GIL-VICENTE

Mofino de mim! Em que dia! nestas vodas reais! -- E os italianos, que é o que me dá mais cuidado, queria-lhes mostrar que coisa é um auto português — que vissem quem é Gil-Vicente. Castigo de Deus! — ¿ Paula?

PAULA

Já vou, meu pai. — Estou aqui... (*Torna a ler a carta*).

PERO

Oh, bilheteinho! que curiosidade tamanha!

(*Anda à roda de Paula a ver se percebe o que é, e rosnando a cantiga*).

À minha dama lhe escrevem
 Os galantes cada dia ;
 Ela, que a mim só queria,
 A mim só me respondia.
 Tra le, la re.

PAULA

E mais a êste tamblém. — E sois vós, Pero, que lhe ireis levar a resposta.

PERO

Beijo-vos as mãos pela mercê. — Assim me encartais em officio de boa lotação !

PAULA

E não menos honra : — correio-mór de minhas cartas e alviçareiro de meus favores. — Olhai, dizei a meu pai que venha cá, que deixe essa pasmaccira. Temos que falar todos três aqui em segredo. Ide já.

(Pero-Cafio vai para Gil-Vicente e lhe fala ao ouvido).

GIL-VICENTE, *meio enfadado* :

¿ Então que queres, filha ? ¿ que quere êste homem com os seus segredos ? — há uma hora que quero começar o ensaio geral ; e é sempre isto. Uma vez faltas tu, depois é êste, logo aquele. — Agora temos negócios particulares. — ¿ Que é, que é ? ¿ É o vosso casamento ? Já disse que sim : não me apoquentem mais ; não estou agora para casamentos.

PAULA

É isso, é !

GIL-VICENTE

¿ Queres êste semsabor, tu ? — Dou-to : lá te avem, e acabemos com isto. (*Olha para Pero-Çafio com complacência*). Representou como um homem o papel de Aires Rosado. Entendeu-me o magano. Desde êsse dia fez de mim quanto quis. — Mas agora, aqui, a estas horas . . .

PAULA

Bem cuidamos dessas frioleiras agora. — Meu pai, está ali fóra no cais Bernardim-Ribeiro que me escreve êste bilhete. (*Dá-lho*) Mandai retirar essa gente ; e Pero o irá buscar, que venha já.

GIL-VICENTE

Filha da minha alma, ¿ mas tu não sabes que êste homem está doudo ? varrido, perdido ! ¿ E não o vês nesta carta ? — ¿ Queres que nos ponhamos agora a palestrar com doudos a estas horas ? — Todos aí fóra à espera do auto. El-rei que não tarda a mandar-me recado. A infante — quero dizer, a senhora duquesa que hoje é, e que não está nada boa—que se quiere acomodar cedo e que o sarau não deite a muito tarde. — E eu perdido, perdido sem uma moura ! Joana do Taco não sabe o papel — e parece-me que está borra-cha, Deus me perdôe !

PAULA

Deixai ; que em piores nos temos visto, e sempre nos saímos bem.

GIL-VICENTE

Não hoje, Paula, não hoje : tenho cá uma coisa que me diz, uma coisa que me agoura mal dêste auto da infante. Desde Sintra que ando co' esta freima. Gil-Vicente, hoje ficas mal, meu amigo.

PAULA

¿ Então, meu pai ?

GIL-VICENTE

Que eira-má tolhesse os doudos, mais quem . . .

PAULA

Mandai agora buscar êsse homem, que à fé de quem sou, não farei eu de *Providência* se lhe não falo, e já.

PERO

A peito o tomais, senhora Paula !

PAULA

Tomo-o como quero e é minha vontade. — Ide vós já ao cais, aí achareis um homem de capa caída e chapéu de romeiro : trazei-mo aqui aforrado, que o não conheçam os moços do monte e escudeiros que aí estão fóra. ¿ Ouvis ? — É uma figura que vem para o auto, se preguntarem.

(*Pero-Çafio parte de má vontade*).

GIL-VICENTE

Assim o quere a senhora minha filha, assim o manda : seja feito. — Vão-se, vão-se embora.

(Retiram-se os actores todos).

SCENA III

Gil-Vicente, Paula-Vicente

GIL-VICENTE

El-rei que fique sem auto.

PAULA, *passeando com enfado* :

Tem auto de mais.

GIL-VICENTE

A senhora infante-duquesa que se amofine.

PAULA

Amofinada seja ela ! — Pelo bem que lhe eu quero . . .

GIL-VICENTE

Paula, Paula, a ingratidão é a coisa mais feia que há. — Hei-de fazer um auto da ingratidão . . . *(Pensando)* em que há-de figurar . . . o Diabo, pai da Mentira . . . com sua neta D. Ingratidão . . . Dona, sim, com dom, — que é vicio mais azado de andar pelos

grandes. — Mas tu bem pequena és, Paula, e por essa parte tinhas serviços decretados para condessa — pelo menos.

PAULA

Condessa, condessa — duquesa . . . — ¿ Que são elas mais que eu ?

GIL-VICENTE

Boa vai ela ! — Estás nos teus dias, Paula. — Ora vem cá : ¿ pois aquele anjo da infante que te trata como sua igual, que não pode viver sem ti — que tu és a sua maior amiga ? . . .

PAULA

Amiga !

GIL-VICENTE

A confidente de seus segredos . . .

PAULA

¿ E quem lhos pede os seus segredos ? ¿ Quem lhos quiere saber os seus Reais segredos, os seus segredos de princesa ? — Que os diga às da sua igualha . . .

GIL-VICENTE

Que todavia não são mais que tu . . .

PAULA

Não por certo ; — nem tanto : — que eu sinto, penso, entendo — sei — vivo ! — E elas existem para aí.

GIL-VICENTE, *com entusiasmo*:

Oh ! tu és a minha Paula, o meu braço direito, a minha musa. Sem ti que fôra da reputação de Gil-Vicente que já assombrou João da Enciña, que já não tem a quem temer para cá dos Pirenéus, e de pressa irá desafiar êsses poderosos de Roma e de Florença. — De ti me vem quanta inspiração grande tenho tido, por ti tem brilhado na scena. Ó minha Paula ! — Assim te quero eu . . .

PAULA

Como à vossa melhor comédia. — Não falemos hoje de amizades ou de amores, que não estou em veia de amar.

GIL-VICENTE

Oh Paula, Paula, como me dirás tu aqueles versos da *Providência* ! . . .

PAULA, *sêcamente*:

Que eu fiz.

GIL-VICENTE, *ressentido*:

Que fizeste, não há dúvida, foste tu ; e quem te nega ? — Fizeste-los — para glória de teu pai. — Que te criou (*com as lágrimas nos olhos*) — que te trouxe ao colo — que te serviu de pai e de mãe . . . — Levou-no-la Deus, tua mãe — e eu fiquei para velar as noites ao pé do teu berço, roendo nas unhas muita noite de inverno, e fazendo trovas enquanto dormias, acalentando-te quando rabujavas. — Fizeste, Paula, são teus os

versos : e eu que em ti pus minhas esperanças, ensinei-te quanto soube, dei-te mestres de tudo. Poucos letrados sabem tanto em Portugal : disso presumes e tens razão : mas eu é que te fiz o que és, minha filha ; cuidei que te lembravas mais disso que dos versos que compunhas . . .

PAULA, chorando, e abraçando-o :

Perdoai-me, meu pai ; perdoai-me, que não sei ora o que digo. Devaneia-me esta pobre cabeça de tanto padecer e sofrer.

GIL-VICENTE

¿ Pois que tens tu, minha filha, minha querida filha ? — Tudo está perdoado. Eu sei quanto te devo ; e nunca me esqueço, Paula, nunca. — Mas hás-de representar logo. ¿ Não ?

PAULA

Sim, meu pai.

GIL-VICENTE

Hás-de-me entrar por aquela sala dentro, de scetro na mão, corôa na cabeça — a túnica roçagante — a cauda sobraçada. — E os italianos embasbacados — corridos, metidos num chinelo de mouro. — E tu bela — mais bela de teu espírito e formosura de expressão e alma que . . . (*abaixando a voz*) — que essas condessas — princesas e infantas tôdas. — E quando tu diges (*Declama com ênfase :*)

Júpiter há-de fazer
Côrtes logo em um momento ;
Porque Deus me deu a mim
Que o fizesse rei do mar
E dos ventos outrosi,
E dos signos. Venha aqui
Para logo começar.

(*Falando*) — Bravo, bravo ! Que o façam melhor em Florença ou em casa do Papa.

SCENA IV

Gil-Vicente, Paula-Vicente, Pero-Çaflo, e Bernardim-Ribeiro, *que entra embuçado e de chapéu desabado, como no 1.º acto.* — *Paula estremece, Gil-Vicente impacienta-se : observam-se todos alguns segundos.*

GIL-VICENTE, *indo para êle como quem descobriu alguma coisa :*

Meu amigo, já adivinhei o que querieis. Ver o auto : ¿ hein ? Andais arredio da côrte — não sei porquê : tanto vos querem todos — e a nossa infante, a nossa querida infante, que isso era por demais ! — Princesa e trovador . . . É o que vale, que não fica mal, senão tinham que falar linguarudos. — Mas enfim é geito que tomastes, fugis de todos. — Ora pois, quereis ver o auto, e não quereis que vos vejam. Sou o vosso homem. Próprio tenho um lugar de amigo para um escudeiro embuçado e encapelado, que pode ver tudo, e não o ver ninguém a êle. — Vá por santo Apolo

e suas manas. — Vós sois quási do officio, que també^m rimais, senhor cavaleiro : (*Canta*)

Trovador por minha dama
 Me fiz, trovador.
 Que não fará quem ama
 Por seu amor !

Rimais, e como os mestres. Assim, a propósito, vêde-me estas coplas, êste romance da partida da infante, que logo se há-de cantar . . .

PAULA, *significativamente para Bernardim* :

E chorar ; que . . .

GIL-VICENTE

E são para isso as coplas. Por menos tenho visto mais. (*Repete com animação* :)

Niña era la infanta,
 Doña Beatriz se decia,
 Nieta del buen rey Hernando,
 El mejor rey de Castilla,
 Hija del rey Don Manuel
 Y reyna Doña Maria,
 Reys de tanta bondad
 Que tales dos no habia.
 Niña la casó su padre
 Mui hermosa a maravilla
 Con el duque de Saboya
 Que bien le pertenecia,
 Señor de muchos señores,
 Mas que rey es su valla . . .

PAULA, *com impaciência e olhando para Bernardim* :

Basta, meu pai : logo nos fartaremos disso. Agora veja que *enfadam* e estão *mortificando* essas vossas coplas

GIL-VICENTE, *à parte a Paula* :

Porque não são tuas estas, Paula. — Valha-te não sei quê, rapariga.

PAULA, *a Gil-Vicente* :

Sim, nisso pensava eu agora ; é o que me dá cuidado ; (*a Bernardim*) Já vêdes que tendes logar para ver o Auto.

BERNARDIM, *desembuçando-se e levantando o chapéu* :

Não sei o Auto que eu quero, é entrar nêle.

GIL-VICENTE

Como assim !

PAULA

Praz-lhe ao senhor Bernardim-Ribeiro zombar de nós e de nossa humilde profissão.

BERNARDIM

Não sei dela mais nobre, meus amigos. Sois criados d'el rei, dum príncipe que sabe a valia das artes, que estima e cultiva as letras ...

PERO

E premeia como vemos aos seus cultivadores ...

BERNARDIM

Mesquinharias de ruins conselheiros e de soberbos invejosos. El-rei é liberal, e o será convosco. Cultivais uma gentil arte . . .

PERO

Já é gentil !

BERNARDIM

Sempre e quando quere que se não prostitue, como tôdas as artes, como tôdas as coisas dêste mundo. — Vós, digo, cultivais uma gentil arte, honrais e aformoseais a língua ; sereis a glória dos nossos e a inveja de estranhos : ¿ que mais é preciso para ser nobre e grande — maior que ninguém na tua terra ?

PAULA

Adular os grandes e oprimir os pequenos . . .

BERNARDIM

Paula, a bela e a desdenhosa Paula está de uma severidade, — que lhe fica bem de-certo — que lhe dá uma expressão . . .

PERO

Satânica . . .

BERNARDIM

Enérgica . . .

PAULA

Dá-lhe a que me praz dar a boa ou a má cara que Deus me deu, e de cujas felções se não trata agora.

BERNARDIM, a Paula, galanteando, — que lhe volta a cara :

Mil perdões se . . . — Amigo Gil-Vicente, peço-vos um papel no vosso auto. Alguns tendes com máscara, dai-me um dêsses. Verei assim tudo, sem me verem ou me conhecerem ; e tenho o gôsto, porque sempre suspirei de vos ajudar em vossa bela empresa. Dai-me já o papel e o vestido.

GIL-VICENTE

¿ Que capricho é este ? ¿ Estais de-véras ?

BERNARDIM, ao ouvido de Paula :

À fé que estou. Não tenho outro modo de a ver, de lhe falar. Juraste ajudar-me, prometeste ainda ontem ser fiel a ambos. É preciso que me dêem o papel da moura, que seja eu quem lhe entregue o anel . . .

PAULA, afastando-se um pouco, à parte e com impaciência :

E quere a sorte mofina que seja eu quem por minhas próprias mãos me esteja dilacerando assim ! — (*A Bernardim*) Farei como quereis. (*Alto*) Meu pai, temos um bom achado. Joana do Taco vos perderia o auto : daremos o papel a este cavalheiro, que o fará à maravilha.

GIL-VICENTE

Oh ! se êle quisesse !

BERNARDIM

¿ Como vos hei-de dizer que quero ? — Venha máscara e vestido.

GIL-VICENTE

¿ E o papel ? Inda o não vistes.

(Pero-Çafio lhe traz uma espécie de opa larga, um turbante e uma máscara).

BERNARDIM, *enfiando a opa e cingindo-se :*

Já sei tudo o que hei-de dizer.

GIL-VICENTE

¿ Quem vo-lo ensinou ?

BERNARDIM, *ainda vestindo-se e destraido :*

Não se ensina, não se aprende — sente-se . . . Louco que eu sou ! *(Olha para Gil-Vicente que está pasmado)* — Ensinou-mo Paula.

PAULA

Estais enganado : reflecti no que dizeis . . . Não é comigo.

BERNARDIM

Pois então foi Pero. — Pero foi, Pero-Çafio. Por sinal que tem muito *xe, xe* mourisco, muito trejeito. — Farei tudo.

GIL-VICENTE

Óptimo ! Assim é, assim é. Vesti-vos pois, que é tarde. — E vamos. Oh lá de dentro ! Ensaio geral.

SCENA V

Os mesmos e os actores todos entrando

GIL-VICENTE

Cada um a seu logar. Acolá está el-rei, a rainha, os infantes — os embaixadores — ali a côrte. — Tocam os chameis. — Silêncio geral. Vamos. — Porte, dignidade, — um ar majestoso e grande. *As Côrtes de Júpiter* é o titulo da nossa comédia. Deuses e deusas: não há doutra gente aqui. — Paula, tu sabes que és a *Providência*, que vais ordenar a Júpiter que chame a côrtes os regidores de tôdas as coisas, o deus do mar, o dos ventos, da guerra, sol, lua, estrêlas.

BERNARDIM

Providência! De molde lhe vai a esta altivez natural e génio sobranceiro. — Dizia-me Pero que éreis a lua.

PAULA

Não me contento de luz emprestada, senhor cavaleiro.

BERNARDIM

Porque da própria sabeis quanto brilha.

PERO, à parte:

Em quarto minguante me saiu a tal lua. — (*Alto*) Juraria que êsse era o papel da senhora Paula. Nos primeiros ensaios em Sintra . . .

BERNARDIM

¿ Fostes Diana em Sintra ? . . .

PAULA

Para castigar Acteon.

BERNARDIM

¿ E sois a Providência em Lisboa ? . . .

PAULA

Para o salvar de seus próprios mastins.

BERNARDIM

Sempre bela e discreta !

PAULA

Deixemos êste tom de galanteria, senhor cavaleiro. Não vos fica bem a vós, e sabeis que me não agrada a mim.

BERNARDIM, *à parte* :

Porque não havia de eu amar esta mulher !

PAULA, *à parte* :

Meu Deus ! se êste homem me amasse !

GIL-VICENTE

Assim foi, Pero ; dizes bem. Mas em Sintra ainda

eu não tinha pensado no prólogo. O prólogo — vês tu — é a exposição e clareza de tudo. Para estas grandes entradas quere-se majestade, desembaraço, um não sei quê solene na voz e no gesto. Só a minha Paula. Paula, minha filha, vamos pois. (*Tomando a attitude e declamando :*)

Eu Providência chamada
Sou por Deus ora enviada . . .

PAULA

O meu papel todo agora ! Oh ! isso é impossível. Tirava-me o ânimo de o repetir logo. Demais o tendes ouvido todos. Fazei de conta que está dito.

GIL-VICENTE

Bem, bem : como quizeres ; — ¿ Júpiter ? venha Júpiter . . . Ah ! sou eu mesmo. (*Em attitude como quem entra na scena :*)

Eis-me aqui, alta senhora ;
¿ Que quer vossa majestade ?

PAULA

Que passemos ávante. De vós estamos certos. —
¿ O mar ?

GIL-VICENTE

¿ Mar, ventos, Norte e Nordeste ? (*Acodem varios actores*).

PRIMEIRO ACTOR

Aqui estou.

SEGUNDO ACTOR

E eu.

TERCEIRO ACTOR

Pronto.

GIL-VICENTE

¿ Sol ?

QUARTO ACTOR

Aqui nasço, ou aqui me ponho, segundo mandardes.

GIL-VICENTE

Nascei, homem. — Nada de ocasos. — ¿ Lua, Vénus ?

PRIMEIRA ACTRIZ

Eis-me.

SEGUNDA ACTRIZ

Pronta.

GIL-VICENTE

Excelente ! — Belas, galantes estais. Que viva tôda a côrte celestial ! Como vêm guapos ! — ¿ Marte ? — Oh ! Marte, o nosso Pero-Çafo.

PERO, entrando em scena e declamando :

Humilho-me a vós, sagrado
Júpiter. ¿ Que me mandais ?

GIL-VICENTE, do mesmo modo :

Vós sejais mui bem chegado
A estas Córtes Reais.
Manda el-rei de Portugal,

Senhor do mar Oceano,
Sua filha natural
Per conjunção divinal
Pelo mar Meio-Terrano.

PERO, *como acima* :

E mais eu tenho cuidado
Dêste reino lusitano :
Deus me tem dito e mandado
Que lho tenha bem guardado
Porque o quer fazer Romano . . .

PAULA, *interrompendo-os e parodiando o tom da declamação* :

E a Providência divina, que está secadíssima de ouvir as conversas semsabores destes deuses pagãos, ordena que vos caleis já, e guardéis isso para logo.

PERO

¿ Pois nem sequer hei-de repetir o meu romance ?

Niña era la Infanta,
Niña la casó su padre
Con el duque de Saboya ? . . .

PAULA

Não.

PERO

É que no fim dêle é que entra a moura.

PAULA

A moura que estude o seu papel. O papel é curto: vêde, são duas palavras (*Busca no bufele um papel, e o dá a Bernardim*) E que o diga o melhor que pudér. Vamos; e acabemos com isto antes que nos acabe a paciência a todos.

SCENA VI

Um pagem d'el-rei, os MESMOS

Bernardim-Ribeiro põe a máscara em vendo o pagem.

PAGEM

El-Rei meu senhor entra para a sala do dócel. Manda o mordomo-mór que se aprontem as figuras, e que saia o auto.

GIL-VICENTE

Vamos.

(Sáem todos alvoroçados, precedidos de Gil-Vicente^o do pagem. Paula depois de todos. Bernardim-Ribeiro fica como suspenso).

SCENA VII

Bernardim-Ribeiro, depois Paula-Vicente

BERNARDIM, tirando a máscara:

Incrível! incrível o que está passando por mim. Eu nos paços da Ribeira com êstes trajos! Eu diante da córte tôda representando um auto de Gil-Vicente! Eu...

PAULA, *ornando a aparecer* ;

Se vos arrependeis, ainda é tempo.

BERNARDIM

Nunca. Se de outro modo a não posso ver! — Oh querida Paula, tu és de-certo a minha Providência. Bem te acercaram o nome nesta noite. Que seria de mim sem a tua protecção!

PAULA

O mesmo que com ela. Amanhã parte a frota ao romper d'alva. ¿ E que fareis?

BERNARDIM

¿ Que me importa amanhã? Eu vivo para hoje, vivo para esta hora. Que se me dá a mim que acabe o mundo depois!

PAULA, *à parte* ;

Muito a ama!

BERNARDIM

Paula, minha Paula, ¿ tu assististe á fatal cerimónia?

PAULA

Fomos todos á sé. Casou-os o arcebispo. El-rei estava muito comovido...

BERNARDIM

¿ E ela? ¿ Não viste se?... ¿ Não pareceu sentir?... ¿ Não observaste?..

PAULA

Observo que perdemos aqui o tempo. Vamos, vêde o que fazeis, vêde a quanto me arrisco por . . .

SCENA VIII

Bernardim-Ribeiro, Paula-Vicente, Pero-Çaffo

PERO

¿ Providência, Providência ? Paula ! Meus pecados ! ainda de conversa ! — (*À parte*) Se não soubera o que sei, era capaz de ter ciúmes da moura — e como um mouro.

PAULA

Aí vou. — (*À Bernardim-Ribeiro*) Lembrai-vos do que vos disse.

SCENA IX

Bernardim-Ribeiro só, depois UM ACTOR

Passeia, lendo o papel que tem na mão ; depois de considerável silêncio :

BERNARDIM

E eu hei-de dizer isto ! — Fazer êstes trejeitos . . . Eu, diante de tanta gente ! — ¿ E para estudar isto de cór ? Impossível. ¿ Quem me deu cabeça agora ? . . .

ACTOR

Senhora moura, senhora moura Taes — de-pressa, de-pressa, que estais a entrar por instantes.

BERNARDIM

Vamos. Animo ; e suceda o que succeder. Àvante com a empresa.

SCENA X

Apenas sai Bernardim-Ribeiro, levanta-se o pano do fundo e aparece a sala do trono, ricamente adereçada e iluminada.

El-rei Dom Manuel à direita sentado em cadeira alta de espaldar, sôbre um estrado; Saint-Germain, Jofre-Passero e Chatel à direita de el-rei; à sua esquerda o Mordomo-mór, o Bispo de Targa, Conde de Vila-Nova, Garcia de Rezende e mais senhores da côrte. — No fundo, e quasi tocando na esquerda da scena, a infante Dona Beatriz em outro estrado e em cadeira alta; à esquerda do estrado da infante, em almofadas, Inês de Melo e tôdas as damas da côrte. Onde convier, PAGENS, MENESTREIS, ARAUTOS, REIS-D'ARMAS E PASSAVANTES. OS ARCHEIROS estão distribuidos pela sala. À esquerda da scena, defronte de el-rei, e ao pé do estrado da infante, está estendido um tapête e, sôbre êle, em semi-circulo, as figuras tôdas do Auto, que está quasi no fim. — Pero-Çalio, vestido de Marte, no meio do tapête, em attitude de representar. — No momento que corre o pano el-rei aplaude; tôda a corte o imita.

DOM MANUEL

Gentil romance ! E bem cantado. Não dirás que

não deixas saúdaes, Beatriz : todos estão como eu, co'as lágrimas nos olhos, só de ouvir neste romance o que amanhã, minha querida filha, há-de ser realidade. Mas não são para agora tristezas. Animo e alegria, senhores ! Continue o auto.

MORDOMO-MÓR, *chama um pagem e diz :*

Manda el-rei, meu senhor, que continue o auto.

PAGEM, *indo para Gil-Vicente, repete ;*

Manda el-rei, meu senhor, que continue o Auto.

GIL-VICENTE, *à parte :*

Só falta a moura. ¿ Teremos alguma ? — Capaz é êle de fazer das suas. — Não ; ei-lo aí vem.

SCENA XI

Bernardim-Ribeiro e DITOS

BERNARDIM, *em traje de moura, entrando gravemente, encara com a infante, fica suspenso algum tempo, põe a mão na frente, depois no coração, e logo começa :*

Quebrado está meu encanto
 Por outro poder mais forte ;
 Torno outra vez à vida
 Para mais sentir a morte.

GIL-VICENTE

Perdeu-se, perdeu-se : não é aquilo ! (*Chega-se a Bernardim, e aponta-lhe baixo :*)

Mi no xaber que exto estar
Mi no xaber que exto xer.

¿ Que diabo de versos são aqueles ?

BERNARDIM, *sem o atender, e entusiasmando-se :*

Viver que não era vida,
Sempre o mesmo, sem mudança,
Os desejos vivos sempre,
E sempre morta a esperança . . .

GIL-VICENTE, *à parte a Pero-Çafio :*

Endoudeceu. Estou perdido. E o meu auto, o meu nome ! E os italianos ! Deus se compadeça de mim. Vou empurrá-lo dali para fóra.

PERO

Deixá-lo, já'gora ; não vos deis por achado. Vejamos em que isto pára.

(*Dona Beatriz parece inquieta, e olha significativamente para Paula, que encolhe os ombros.*)

BERNARDIM, *depois de estar algum tempo, como quem reflecte* :

Cuidei que maior tormento
 Não mandava à terra o céu :
 Há mais, há pior ainda,
 E em sorte me coube : é meu.
 — Dêste anel, que o talisman
 De minha fortuna encerra,
 Já que eu gozar não podia,
 Não gozava outrem na terra.
 — E agora, entregá-lo assim,
 Agora obrigar-me o fado . . .

GIL-VICENTE

Já não há remédio : estou perdido. Pero, Pero, vê com que cara está el-rei !

PERO

Animo, mestre Gil, que, nestes casos, acobardar é o pior. — Interrompei-o com vossa autoridade de Júpiter, e acabei já com esta comédia, que me cheira que trezanda a ir desabar em tragédia.

GIL-VICENTE

Dizes bem : deixa-o comigo. (*Adianta-se em caracter e estendendo o raio a Bernardim :*)

Presentai isso à senhora
 Infanta e nova duquesa.

BERNARDIM, *como caíndo em si* :

À duquesa !

PAULA, *baixo a Bernardim* :

À infante. Ide já, ou tudo está perdido, e nós todos.

BERNARDIM, *ajoelha diante da infante, que está ao pé, e tomando o anel, diz baixo* :

Duquesa de Sabóia, êste anel deu a infante D. Beatriz de esmola a um desgraçado. O povo queria-lhe mais que à vida ; mas desde hoje lhe não pertence já. — Cuidava ter nêle uma promessa, uma esperança . . . — A duquesa de Sabóia que lhe leva tudo, — tome-lhe também o anel. (*Mete-lhe o anel no dedo. Toca a música ; dão palmas ao Auto ; os actores retiram-se*).

DONA BEATRIZ, *interdita e baixo* :

Desgraçado, ¿ não vês que me matas ?

BERNARDIM, *do mesmo modo* :

¿ Que disseste, Beatriz ?

DONA BEATRIZ, *do mesmo modo* :

Que me matas, — que te não mereço — que te . . . (*Desfelece*).

(*Bernardim-Ribeiro levanta-se sem perceber que Beatriz está desfalecida. Pero-Çafio trava-lhe do braço e o leva para dentro. — El-rei, com ar enfadado, levanta-se. Todos o imitam. — Parece haver alguma confusão : mas ninguém se apercebe do estado da infante*).

DOM MANUEL

O nosso Gil-Vicente não foi feliz desta vez na conclusão do seu auto. Costuma acabar mais alegre e gracioso. — Passemos à outra sala ; e alegrem-nos danças e folgares, já que nos deixou tam triste a comédia. Barão de Saint-Germain, a duquesa, minha filha, espera o braço de seu noivo para a conduzir ao balle — enquanto eu lhe não dou a mão para o rompermos ambos.

(Tocam os menestreis. El-rei sai precedido dos reis de armas, etc. O barão de Saint-Germain fica ao pé de Dona Beatriz. Chatel em distância. — Paula entra, já em traje ordinário, pela mesma porta porque saíra o auto. Chatel se aproxima dela cortejando. Paula corresponde friamente. Vão continuando a sair as damas e senhores da corte).

SCENA XII

**Dona Beatriz, Saint-Germain, Chatel, Paula,
Inês de Meló, DAMAS, ETC.**

SAINT-GERMAIN

El-rei, que já está na outra sala, me concede a honra de conduzir a Vossa Alteza . . .

DONA BEATRIZ, acordando:

¿ Para onde ? ¿ Já embarcar ? oh ! não, por piedade ! Ainda não.

SAINT-GERMAIN

Embarcaremos quando mandar Vossa Alteza . . .
Agora só tomo a liberdade de lhe lembrar que el-rei
a espera.

DONA BEATRIZ, *catndo em si* :

Tendes razão. Vamos. — Paula, vinde comigo.
(*Paula inclina-se duvidando*). Vinde, que mando eu.

(*Paula, inclinando-se com respeito, obedece. Olham
uma para a outra significativamente, e prosse-
guem*).

CHATEL, *à parte* :

Aqui há mistério ! E eu hei-de descobri-lo.



ACTO TERCEIRO

Recâmara do galeão Santa-Catarina, ricamente tapeçada de veludo carmezim com franjas de ouro. No fundo as varandas de pópa abertas. — A um lado a porta que leva ao camarim da Infante com reposteiro igual á tapeçaria, e nêle as armas partidas de Portugal e Sabóia. — Do outro lado vê-se o principio da ponte ou comunicação de pranchas que une o galeão ao cais. — A um canto almofadas como a tapeçaria formando uma espécie de divã.

SCENA I

Bispo de Targa, Conde de Vila-Nova, Garcia de Rezende, Saint-Germain, Jofre-Passerie, Chatel. OS REIS DE ARMAS E ARAUTOS *postos à porta do camarim da Infante*; ARCHEIROS *no principio da ponte*. OS SENHORES DA CÔRTE *formam grupos e conversam entre si.*

CONDE DE VILA-NOVA

Sabereis, senhores, que lhe obedecem os astros ao nosso Gil-Vicente, como se fôra a Pedro Nunes que se entendia com êles. — A lua cumpriu a palavra que

inda agora nos deu. lá no Auto. Ela aí está bela e radiante para acompanhar a armada. E Júpiter quasi que não brilha menos. Como ele bate nestas águas do Tejo com seu raio de prata! — Deliciosa noite! (*Entra para dentro*) E a alvorada não promete ser menos.

PASSERIO

¿ E é de servir o vento, senhor conde-almirante ?

CONDE DE VILA-NOVA

Ótimo. Teremos uma monção de rosas. — Ora deixe-me ver : a maré da uma às quatro. Isto é meia noite. — Daqui a três horas começarei a manobrar . . . não mandando Sua Alteza Ducal o contrário ; que o meu pendão de almirante não se ala senão por baixo do estandarte partido de Portugal e Sabóia.

GARCIA DE REZENDE, *falando com o bispo de Targa :*

Quando el-rei Dom João — o príncipe Dom João que então era — foi à jornada de África, levava . . .

CONDE DE VILA-NOVA

Eram fortes viagens essas ! Agora vamos a Malaca como então se ia a Ceuta, e bordejámos ali no Mar-Vermelho como então se bordejava aqui no Restelo.

GARCIA DE REZENDE

Sois para muito, e muito se faz agora, senhor conde : mas de lá vem, de lá vem. — Lembrai-vos que.

foi el-rei Dom João quem vos pôs a caminho da Índia , e se lá chegastes, a êle o deveis. Fostes mais felizes; êle trabalhou mais.

CONDE DE VILA-NOVA

Não me parece isso de leal vassalo, senhor Garcia de Rezende : desmerecer assim na glória d'el-rei nosso senhor ! Tam criado sois dêle como fostes d'el-rei Dom João.

GARCIA DE REZENDE

Perdoareis, senhor conde de Vila-Nova : sou mais criado d'el-rei que Deus guarde do que fui de quem está em glória. — Lá creio firmemente que descansa aquela grande alma ! — Êsse chamava-me *seu amigo*. — Mas nem a memória do defunto nem a presença do que reina me farão dizer o que não é. — O felice reinado do senhor Dom Manuel é o tempo da cõlheita ; seu primo gastou a vida a semear. Vamos, senhor conde, que a ambos devemos muito. — Isto é achaque de vêlhos estar sempre com o passado. Não sei se fazem melhor . . . os moços que se esquecem dêle.

CONDE DE VILA-NOVA, *olha com desdém para Garcia de Rezende e vai para Saint-Germain que está entretido com Chatel :*

El-rei demora-se bastante, senhor barão. Há mais de uma hora que ali está fechado com a senhora infante no seu camarim. É natural. A ambos lhes custará separarem-se. Mas faz-se tarde e . . .

SAINT-GERMAIN

Dizeis bem : é uma longa entrevista, senhor conde ; mas devemos respeitar o motivo.

CONDE DE VILA-NOVA

Certamente.

UM ARAUTO

El-rei !

(Levantam-se todos e se compõem em atitude de respeito).

SCENA II

OS MESMOS, **Dom Manuel**, *saíndo do camarim*, **Dona Beatriz**, *que fica à porta* **Inês de Melo**, *etc.*

DOM MANUEL

Basta, não venhas cá fóra, minha filha. — Outro abraço, *(abraça-a)* minha Beatriz. — E não saias da tua câmara, que está muito fresco aqui. — Filha ! *(Volta para trás outra vez, e fala-lhe ou ouvido)* *(Alto)* Toma sentido, lembra-te do que me prometeste. — Vê se to mereço, Beatriz.

DONA BEATRIZ *soluçando :*

Meu querido pai . . .

DOM MANUEL

Bem, bem : estou satisfeito : não falemos mais nisso. — Se puder, ainda te irei ver ao Restelo . . . Nossa Senhora de Belém quero que lhe chamem agora. — Verás que bela figura já fazem do mar as arcadas da minha igreja — a memória que levantei a êste grande

feito, em que Deus foi servido que eu tivesse minha pequena parte. — De há muitos séculos é o maior acontecimento do mundo, senhor barão. — É o monumento da descoberta da Índia, a nossa igreja de Belém — que já vistes mas que vos parecerá melhor do mar. — Há-de ser o nosso jazigo, meu e de meus filhos. — A Batalha é de outra magnificência : não há dúvida. Mas deixei-me das capelas que ali comecei, porque me quero aqui ao pé do mar. Somos gentes do mar nós agora.

SAINT-GERMAIN

Reinam vossos pendões sôbre êle, senhor : justo é que Vossa Alteza esteja perto para receber a vassalagem.

DOM MANUEL

Adeus, minha filha !

DONA BEATRIZ

Meu pai !

DOM MANUEL, abraçando-a :

Não é a última despedida, filha. Até logo. — Senhores, os que somos de terra deixemos repousar os navegantes ; que já pouco lhes fica para isso. — Conde de Vila-Nova, escuso encomendar-vos cuidado : sempre fostes bom servidor. — Vamos, senhores. — Minha filha, adeus !

(Dona Beatriz beija a mão a el-rei : o mesmo faz o conde de Vila-Nova, bispo de Targa, damas e senhores da casa da infante).

SCENA III

Dona Beatriz, Conde de Vila-Nova, Saint-Germain, Jofre-Passerio, Bispo de Targa, Chatel, Inês de Melo, DAMAS, ETC.

Dona Beatriz deixa cair-se sôbre as almofadas que estão a um canto da recâmara, e fica como absorvida em seus pensamentos.

CONDE DE VILA-NOVA

¿ As ordens de Vossa Alteza Ducal são ?

DONA BEATRIZ

¿ Que ordens, conde ?

CONDE DE VILA-NOVA

Para a partida, para levantarmos ferro.

DONA BEATRIZ

Que se cumpram as ordens de el-rei meu senhor.

CONDE DE VILA-NOVA

Então começaremos a suspender à volta das três ; e às quatro desceremos com a maré.

DONA BEATRIZ

Sim, sim : o que el-rei mandou. — E ide descansar,

que o haveis mister. -- Esperai, conde. Mandar-me heis esta carta já para o paço.

(Saint-Germain e Chatel deitam olhos suspeitosos à carta. O conde a mete nas prégas do saio ; beija a mão à infanta e parte).

SCENA IV

OS MESMOS, menos o Conde de Vila-Nova

CHATEL, à parte a Saint-Germain :

¿ Vistes, senhor barão ?

SAINT-GERMAIN à parte a Chatel :

É uma carta : não se segue que . . .

CHATEL, falando consigo :

Para mim segue-se muito. — Parece-me que ainda temos grande tormenta antes de começar viagem. — Estarei àlerta.

DONA BEATRIZ

Podeis retirar-vos. — Estais dispensados de todo o serviço por agora.

(Beijam-lhe todos a mão e saem, menos Inês de Melo).

SCENA V

Dona Beatriz e Inês de Melo

DONA BEATRIZ

Ide repousar, que é tarde. — Inês de Melo, encostaí-vos aí no meu camarim, para se eu chamar ; que

nestas almofadas fico por ora, quero respirar este ar puro — é da minha terra ainda. Esperai, Inês : dai-me daquele cofre que aí há-de estar dentro, aquele que me trouxe da China Fernão Pires, a viagem passada — um livro que lá heis-de achar. Não o desabrocheis, que tem papeis dentro. (*Inês de Melo sai e volta com um livro de quarto, grosso, com broches de prata*). Esse é : acertastes.

INÊS

Vossa Alteza não lê por outro : tinha-o à mão para lho dar.

DONA BEATRIZ

Bem está. — Ide descansar.

SCENA VI

DONA BEATRIZ

Este livro ! . . . São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém. E aqui está a verdade toda — mas posta por elle com aquella alma que sabe dar a tudo ! — E de tudo o que me fica é este livro. — Nada é já do que foi : está em história como as coisas passadas ! — Se vierem a escrevê-lo por esta invenção que agora veio da Alemanha, e que chegue às mãos de todos, quantos não chorarão sobre nossas desgraças ! — Eu sei ! Carpi-lo hão talvez a elle, acusar-me hão a mim. — A mim não, que bem delicadamente encobertos deixou os nomes todos — menos o seu. — Generoso coração de homem ! (*Levanta-se*). Oh ! que tem o mundo para me dar que me compense

o que perco aqui ! — Ah, meu pai e meu senhor, o soldado que por vós vai morrer nas areias de África, ou nos palmares da Índia não vos faz tamanho sacrificio. (*Torna a recostar-se*). — SAÜDADES ! Que título lhe pôs ! — Adivinhava que de lá havíamos de morrer. (*Lê :*) « Sôbre um verde ramo, que por cima da água se estendia veio pousar um rouxinol ; começou a cantar tão docemente que de todo me levou após a si o meu sentido de ouvir ; e êle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que como cansado queria acabar ; senão quando, tornava como que começava ; então — triste da avezinha ! — que estando-se assim queixando, não sei como se caiu morta sôbre aquella água . . . »

SCENA VII

Dona Beatriz e Chatel

DONA BEATRIZ, *erjuendo os olhos de repente do livro, dá com Chatel que a estava espreitando e que não pôde fugir sem ser visto. Levanta-se com dignidade.*

¿ Que fazeis aí, senhor secretario ? ¿ Não mandei eu a todos que fôssem repousar ?

CHATEL

Tinha saído ali — a tomar ar . . . Pareceu-me ouvir que Vossa Alteza chamava.

DONA BEATRIZ

Quando o fizer não será por vós. — Não chamel ninguém agora. — Obrigais-me a ir fechar-me no meu ca-

marim para estar livre de . . . Bem. Ficai, pois, aí. — Alguém virá do paço em minha procura : chamai logo Inês de Melo . . . Mandai-a chamar. (*À parte*). Impertuno de italiano !

SCENA VIII

CHATEL, só :

Ofendeu-se minha augusta ama. — Poh ! — Mas aquela história do auto tem segredo que é preciso penetrar. E se eu chego a ser bem senhor dele . . . ¿ que farei ? — ¿ Deitar a perder a infante, declarar tudo ao duque ? — Tam louco sou eu ! Nada. — Basta que a duquesa saiba que eu sei o que ela não quer que se saiba : está feita a minha fortuna. — Quem temos ? — Oh ! a bela Paula. — Esta é do conselho íntimo, como dizem os tudescos. — E fina como um flamengo de Carlos v. — Mas vejamos sempre se pesco alguma coisa nestes mares.

SCENA IV

Chatel, Paula-Vicente

CHATEL

¿ Por aqui, formosa e discreta Paula ? — Não vi o vosso nome na lista : de que muito me pêsá. — Mas sabeis que foi el-rei de Portugal quem nomeou os officiais, damas, cavaleiros e todos os que hão ser da viagem. — Para mim já ela será triste com a falta de uma pessoa . . .

PAULA

Sei muito bem que não tenho a honra de ser da viagem da senhora infante-duquesa. Nem aqui venho a estas horas senão porque me ordenou que lhe viesse beijar a mão, de última despedida.

CHATEL

Pode ser . . .

PAULA

E é.

CHATEL

É certamente : basta afirmá-lo bôca tam formosa. — Mas é muito mais de meia noite. El-rei já se retirou. A senhora duquesa fechou-se no seu camarim. Não tardará a começar a manobra da nau. E não sei, bela Paula, se é possível . . .

PAULA

Nem eu. Mas sei que há um quarto de hora, e já depois de el-rei estar de volta no paço, me mandou a senhora infante recado, por letra de sua mão, para que viesse logo e sem detença. — Eu obedeci : vós fazei como quizerdes. — Mas . . . não me irei daqui sem que Sua Alteza me mande. (*Sentando-se nas almofadas*).

CHATEL

O meu desejo é servir-vos como mereceis . . . — Vou mandar ver se a senhora Dona Inês . . .

PAULA

Avisai a quem quizerdes. O nosso costume das que somos criadas é entrar sem essas formalidades. — Eu, ainda que humilde, sou criada de Sua Alteza, e sempre mereci a minha ama . . .

CHATEL

Bem, bem ; tudo mereceis. — ¿ E porque não havíeis de ser desta viagem, bela Paula ? Queria que as nossas italianas, tam presumidas de seus olhos pretos, vissem uns olhos portuguezes que as matassem de inveja.

PAULA, *sêcamente* :

Sois galante.

CHATEL

De galantes vos veríeis vós perseguida em Turim. Sabeis lá que terra é Itália para galantes !

PAULA

Inda bem que não vou ; é raça que muito me enjôa, a dos galantes.

CHATEL

Como assim ! tam bela e tam discreta, e galantes vos enfadam ! — Percebo. (*Com finura*) — A *Providência* dispôs já talvez de seu coração . . . Lá me pareceu que naquelas *Côrtes de Júpiter*, naquele parlamente celeste havia oradores inspirados por um senti-

mento mais vivo . . . Eram tam poderosos, tam irresistiveis os feitiços e esconjuros daquela moura . . .

PAULA, *à parte* :

Confirmemo-lo neste engano: duvida ainda. Oh meu Deus, quem me diria ! Até a verdade precisa fiagida, e se engana com ela ! (*Alto*) Vejo que sois penetrante, senhor secretário. E bem dizem que não há esconder nada da finura de vossa nação. — (*À parte*) Com italiano, italiano e meio. — (*Alto*) Pois bem ; confessar-vos hei tudo, já que sabeis tanto. — Estou em grande ansia e abertura. Era um homem o que fez de moura no auto ; um homem que me amou, que . . . endoudeceu de puro amor. — Ia-nos perdendo hoje a meu pai e a mim . . . fez um estranho alvorôto na cêrte. Misturou os seus loucos amores com o papel do auto . . . — Verdadeiramente ainda não estou em mim com o susto que tive. — Mas se eu o amo ; se a-pesar-de tudo, não posso deixar de amá-lo ! (*Com entusiasmo*) — Se para o adorar e servir — nem a morte nem a infâmia diante de mim . . . Oh meu Deus !

CHATEL, *à parte* :

Não era com a outra, — está visto : assim não se finge, vem-lhe do coração.

PAULA

A senhora infante que me protege — (*À parte*) — ou eu a ela ; horrorosa situação a minha ! (*Alto*) quiere . . .

CHATEL

Interessar-se por vossas coisas... Entendo: negócio de casamento, é a madrinha...

PAULA, *à parte*:

Sou eu, eu é que sou a madrinha...

CHATEL

Cousa tam natural, tam louvável. — É um anjo a senhora infante. — Vou já fazer chamar Dona Inês... — (*À parte*) e tranqüilizar de todo os escrúpulos do barão. — Enganei-me com efeito: perdi o meu tempo: vou ver se o reparo, dormindo um pouco antes que comece a maldita algazarra da manobra.

SCENA X

Paula-Vicente, Inês de Melo

PAULA, *apenas Chatel se retira, corre com os olhos rapidamente a câmara, palpa as tapeçarias, — sente que uma do lado oposto ao camarim da infante está em vão, levanta-a. Imediatamente chega ao lado com que comunica a ponte do cais, e faz sinal com um lenço. — Bernardim-Ribeiro acode. — Paula, sem lhe dizer uma palavra, o toma pelo braço e empurra violentamente para o vão da tapeçaria, que deixa cair: e diz pondo o dedo na bôca:*

Silêncio!

(*No mesmo instante se abre a porta da infan e, e sai*).

INÊS

Manda a senhora infante-duquesa que aguardeis um instante, e já vos falará.

SCENA XI

PAULA-VICENTE

E eu . . . eu é que assim arrisco minha vida, minha fama para lhes valer em seus amores ! — Tôdas as delícias dêste adeus derradeiro — a mim mas devem ! A mim que o amo, — que a detesto . . . Oh, não detesto, não. — Pobre Beatriz, tam boa, tam inocente, tam tímida ! . . . Tu amas, desgraçada, e muito ! Dêle te apartam, para longe te levam aos braços de outrem ! — Reclinada no peito do estrangeiro, mesquinha ! — tu estremecerás com as aborrecidas carícias de um espôso indiferente ; e o asco dos beijos de um marido que não amas, que em teu coração traíste já — te arripiará os cabelos, te engulhará como peçonha ! — Mas vais . . . E vives ! E acabarás por te acostumar. — Sintra e suas árvores tam verdes, Colares e suas relvas tam viçosas, tam estreladas de flores — te parecerão como um sonho de infância — singelo de mais, inocente que enfada, para quem passcia pelos recortados florões de teu magnifico jardim italiano . . . Costumar-te hás á natureza affectada e factícia ; e a natureza verdadeira te parecerá impossível. — E que importa ! — As grandezas, o poder, a fortuna, a ambição, aí estão para compensar o perdido. — Mas aquelle infeliz, que não tem outra glória, outros desejos, outra existência, outra vida,

mais que esse funesto amor que o mata — desgraçado ! — oh, para esse é que todo vai o dó do meu coração. — Inexplicável martírio que é o meu ! — Amo-o ; e já não é possível que eu ame outro homem senão êle. Amo-o ; e assim me empenho em seus amores com outra, — com uma rival que devia detestar, e não deteste — quero-lhe antes, sirva-a, deixe caluniar a minha para salvar a sua honra ! . . . (*Longo silêncio*) E se alguém disser : — « Paula-Vicente, filha do comediante, tu fizeste como os chocarreiros do palácio ; serviste os amores de tua ama — e pelo pão com que matavas a fome, vendeste a uma princesa o teu amante ». — Di-lo hão, meu Deus ! — di-lo hão : — e eu ficarei infame . . . (*Reflecte ; e já resoluta*) — Que o digam. Vil seria eu a meus olhos, se, para servir a este ciúme que me rala as entranhas, que me confrange os ossos — negasse a dois infelizes o amparo que só eu posso dar-lhes . . . (*Fica por muito tempo com os braços cruzados, olhando fita para o sítio em que está escondido Bernardim-Ribeiro*). Ei-lo ali está, ali que, escondido e protegido por mim, conta os instantes que espera . . . — E não é por mim que êle espera. — Oíço-lhe quasi as pulsações impacientes do coração que lhe bate d'ânsia . . . E não é por mim que êle bate. — Vê-la há, e a mim mo deve. — Protestar-lhe há de seu amor eterno . . . e eu serei testemunha do juramento que todas minhas esperanças destrói. — Ouvirá que é amado . . . saberá . . . receberá . . . — E eu, eu . . . — (*Com amarga alegria*) Mas em poucas horas este pavimento há-de começar a mover-se, estes lenhos tomarão asas e fugirão por mares a fóra com todos esses votos de fidelidade e ternura . . . Oh ! quem não suspiraria pelo dia de amanhã ! — Eu. — Eu não sei que êle há-de

ser mais negro ainda que o de hoje. — Eu, a orgulhosa filha do comediante, eu, que de frente ousaria lutar com minha poderosa rival, eu não hei-de valer-me da sua ausência — não me aproveitarei de seus despojos. — O mundo que fale. A filha do comediante é grande a seus olhos.

SCENA VII

Paula-Vicente, Dona Beatriz

DONA BEATRIZ, *abrindo a porta do camarim :*

Paula, minha boa Paula, venho eu mesma abrir-te, que não quero ninguém entre nós nestas horas derra-deiras de nossa despedida. — Meu Deus, eu não tinha senão esta amiga: mandam-me desterrada, e até dela me privam! — Entra, Paula, que se me arromba o peito se não desabafo contigo de tanta mágoa que aqui está. Vem: tenho muito que te dizer.

PAULA

A mim, senhora! — a mim tendes que dizer! — Se fôsse a...

DONA BEATRIZ

Não, Paula; já agora não! Depois do que meu pai me disse, depois do que lhe eu prometi...

PAULA

¿ Pois el-rei? ...

DONA BEATRIZ

Sabe tudo: — não que mo dissesse, Paula; mas falou-me de um modo... deu-me uns conselhos... Oh que se me partia a alma de o ouvir! Não me repreendeu, não me quis envergonhar; chorou comigo... Tam bom pai! — Oh, que mocidade a minha! — Não, não quero ver mais aquele homem. E que lhe havia de eu dizer se o visse! Que lhe havia de eu dizer àquele infeliz que me ama tanto, e que eu... que eu devo esquecer para sempre... (*Ouve-se ruído detrás da tapeçaria. Beatriz estremece*) ¿ Que seria isto? — Não estamos bem aqui, Paula: — entra. São de-certo, boas duas horas. Às quatro dizem que sairemos: Ai! daqui a duas horas começará a mover-se isto tudo; — e a minha terra a fugir para sempre — a minha terra, e quanto nela me prendia a esta vida... vida que já agora não sei para que me serve. — Oh Paula, Paula, que noite a de ontem para ser a última! — Que terrível surpresa aquela do auto! E o anel, o fatal anel... — Pois não mo entregou o insensato! Não me restituiu o anel que lhe eu dera! — Não me disse!... Oh! queimam-me ainda aqui no ouvido as terríveis, as desdenhosas palavras que me disse aquele louco. — E eu que me sentia morrer! — E meu pai ali, e todos... Tremo ainda quando me lembro que o podiam descobrir.

PAULA

Certo que maior imprudência se não fez ainda. Acuso-me a mim mesma de ter concorrido para vos pôr em tamanho perigo.

DONA BEATRIZ

O meu perigo ! — Bem pensava eu em mim naquele instante. Ai ! por êle é que eu tremia, Paula. Se o descobrissem, meu Deus ! — Mas que amor, que fôrça de amor não é necessária para cometer ousadia tal ! — Dir-lhe hás, Paula, tu que o hás-de ver ainda, tu que és tam afortunada . . .

PAULA

Eu !

DONA BEATRIZ

Que hás-de tornar a vê-lo — dir-lhe hás que . . .

PAULA

¿ Que muito lhe estranhais seu atrevimento ?

DONA BEATRIZ

Estranhar-lho ! — Se prazer como eu tive então — misturado, é verdade, de pena tam cruel ! — se eu nunca senti o que senti então — se aquele transe . . .

PAULA

Grande abertura seria, senhora : não a quiséreis tornar a passar . . .

DONA BEATRIZ

Oh Paula, a minha vida por outro instante como aquele.

SCENA XIII

Dona Beatriz, Paula-Vicente, Bernardim-Ribeiro saindo

DONA BEATRIZ

Ai! (*Desfalece: acode-lhe Paula*).

BERNARDIM

E eu que não soube morrer naquele instante! Fui um covarde: não merecia viver até este; não merecia ouvir de teus lábios que morro amado, que morro ditoso. Beatriz, Beatriz, eu venho morrer a teus pés. (*Ajoelha e toma-lhe as mãos*) — Tenho padecido o que nenhum homem sofreu ainda; tenho levado uma vida... que, — se eu fôra amaldiçoado de Deus... se neste mundo me começara o inferno por meus crimes — não a podia ter pior nem outra... — Oh Beatriz, foi dura a provança, longa a expiação. — Mas este céu, mas esta bemaventurança não tinham preço. — Oh Beatriz, deixa-me que te beije estas mãos, que te adore aqui, que de joelhos diante do anjo que me vem buscar, que me despena — que me remiu — eu viva estes minutos de êxtasi, de felicidade que não é, não pode ser, não é da terra. — Tu és princesa, — eu sou um pobre trovador. Mas esta corôa de glória, não a teem os reis. De donde a houveste! — Do céu, anjo, do céu que te manda a este baixo mundo confortar uma alma que se perdia, que descreia já de Deus, — que ia quási a blasfemar! — Estive, estive a ponto de blasfemar de ti! — Oh Beatriz, eu sou um monstro, eu não te mereço. —

E mais, olha se não fór eu, nenhum outro homem te merece. — Tu és uma princesa, bem sei ; eu sou um triste menestrel, já to disse. Mas, ¿ sabes tu ? Aquella formosa rainha de Inglaterra beijou o trovador que dormia . . . — Meu Deus, dormirei eu, sonharei eu ! — Oh deixem-me morrer antes de acordar. — Deixa-me aqui morrer a teus pés, Beatriz, — Beatriz, não te peço senão que me deixes morrer aqui a teus pés.

DONA BEATRIZ

¿ E qual outra esperança há para nós, Bernardim ?
— Era piedade da sorte que nos matasse aqui a ambos.

PAULA, à parte :

Não posso ouvir isto. Parte-se-me a alma : e já não sei que sentimento é o que tenho no coração, se é paixão se é dó, — ou se ainda tenho zelos ! (*Vai precipitadamente para a varanda*).

BERNARDIM

Ouve : a flor dos meus anos murchou-se na tristeza e no desconsôlo, — mirrou-se na esterilidade ; sacudiu-lhe o vento do deserto as fôlhas desbotadas e sêcas. -- Que a hâstea espere pelas águas do inverno que a apodreçam, — ou que a segue já a foice do ceifello . . . ¿ importa alguma coisa ? — Nunca vivi até agora ; tive êstes instantes para avaliar a mercê do Criador em me dar o sêr. — Morrer, para mim, é necessidade. Não sou eu que o quero, que o desejo ; é que por força há-de ser assim, — Poeta, dizes tu agora,

— perdeste o juizo a fantasiar, — enlouqueceste. — Não, Beatriz, nunca me subiu a fantasia tam alto. (*Ouve-se o apito de bordo*).

DONA BEATRIZ

¿ Que será isto ? . . .

PAULA, *friamente entrando da varanda :*

O apito do mestre. — É mais tarde do que supúnhamos : vai começar a manobra. — Senhora, eu tive dô dêste homem : prometi-lhe de fazer com que vos visse um instante. — Deve a mim, a si próprio, e a Vossa Alteza sobretudo, não abusar agora. — Se nos demoramos um momento mais, estamos perdidos todos . . .

(Segundo apito prolongado. Sente-se grande ruído de manobra e vozeria da tripulação que trabalha).

DONA BEATRIZ

Santos do céu ! que já o galeão se move.

PAULA

Ainda não ; ainda é possível escapar. (*Olha para o lado respectivo*) Ainda está fixa a ponte que toca do galeão no cais. — Senhora, adeus ! Não sabereis nunca tudo o que fiz por vós. Adeus, lembrai-vos alguma vez da pobre Paula.

(O ruído cessa : Paula vai beijar a mão da infante).

BERNARDIM, em desvario afastando-a com violência e pondo-se em pé :

Desgraçado do que tocar nesta mão. — ¿ São duques, são reis, são príncipes ? — Eu sou Bernardim-Ribeiro, o trovador, o poeta, que tenho maior corôa que a sua. O scetro com que reino aqui, ganhei-o, não o herdei como êles. — Beatriz é minha. (*Ouve-se musica de chameis*).

PAULA

Nossa é a desonra e a morte.

DONA BEATRIZ

Paula, Paula, ¿ que é ?

PAULA

El-rei que chega. — Já não há remédio — (*Vai ver*)
Já lá vem ao princípio da ponte.

BERNARDIM

¿ Quem ?

PAULA

El-rei, que vem achar a infante sua filha com um nome escondido em sua câmara. — Devaneai agora á vontade : já completastes a vossa obra.

BERNARDIM, caindo em si, e com tranquillidade :

Não tenhais receio. Estou perfeitamente em meus sentidos. — Beatriz, um derradeiro adeus — um adeus até ao céu ! — A rôla que perdeu o companheiro, deixo-se morrer de míngua sôbre o ramo lascado da ár-

vore em que lho mataram . . . — Estas águas, em que já baloiça o navio em que te levam — Beatriz! . . . (*Ajoelha e esconde o rosto entre as mãos da infante*) estas águas que me roubam tudo . . . (*Ouve-se grande alarido*).

PAULA

El-rei que entra . . .

BERNARDIM

Que tomem também a minha vida. (*Arremessa-se pela varanda do galeão, ao mar*).

DONA BEATRIZ

Ai! (*Cái sem sentidos*).

PAULA, olha para o rio, e volta em desespero:

Já vai seguido o galeão!

SCENA ÚLTIMA

**Dona Beatriz, Paula-Vicente, El-Rei Dom Manuel
e SÉQUITO.**

Paula ajoelha junto à infante estendida no chão, e lhe beija a mão muitas vezes, leva-a ao coração, e levanta-se precipitadamente. — Neste mesmo instante entra el-rei.

DOM MANUEL

O último adeus, minha filha, um abraço ainda! (*Todos rodeiam a infante*) Já o galeão vai navegado! Tomou-a o susto. — Filha! (*À parte*) Eu constrangi sua vontade. — Meu Deus, se eu matei a minha filha!



NOTAS

Nota A

Mataram-lhe o Garção numa enxóvia por escrever uma carta em inglês pag. 160

Contam que certo Lovelace alfacinha da amizade do Garção, querendo escrever a uma menina inglesa a quem galanteava, pedira ao poeta que lhe trasladasse para a língua da bela insular os seus « lusos namorados requebros ». Pamela não era para graças, ou não engraçou com o autor da missiva, e foi mostrá-la ao papá, que a foi mostrar ao marquês de Pombal, que mandou prender o pobre eremita de Águas-santas, cuja letra conheceu ou lha denunciou alguém. Não faltou quem esclarecesse o caso e mostrasse a inocência do poeta ; mas o suposto delicto era pretexto e a causa verdadeira o ódio do Pombal pela famosa « Fala do duque de Coimbra, recusando a estátua », que o Garção compusera para fustigar a vaidade com que o marquês se esculpira em bronze no pedestal do Terreiro-do-Paço.

Foi preso em 9 de Abril de 1771, sem processo ; oito meses esteve no segrêdo : e só expediram, pela secretaria de estado dos negócios do reino, a ordem de soltura, muito dan-tes prometida por el-rei à desconsolada espôsa, em 10 de Novembro de 1772, algumas horas depois de o saberem morto.

Morreu no Limoeiro, nem o deixaram vir expirar em sua casa e pôr os últimos olhos moribundos na luzidia calva do padre Delfim! — Do mais que se passou na prisão não pude sabê-lo. Acaba-nos a história do Garção na sua entrada para os ferros de el-rei. Se éle era homem de bem, de engenheiro e português! — Êle e a sua história deviam ter êste remate.

Nota B

Para fazer um repertório, a isso posso eu
ajudar. pag. 166

A formação de um repertório nacional é a mais urgente das três grandes necessidades do nosso teatro, e cuja satisfação mais há-de facilitar a das outras duas. A experiência de tôdas as nações — tôdas, tôdas sem excepção alguma — tem mostrado que, por mais e melhor que se traduza, não se consegue formar com traduções o teatro de um país onde o não há, nem sequer aditar o que já exista. Não há um só drama inglês que se sustente nas scenas de Paris. Os Ingleses traduziram todo o repertório francês de Luis XIV; e não foram quaisquer tradutores, até Dryden meteu mãos à obra; e de nem um só desses ricos trabalhos hoje há memória em Drury-Lane ou em Covent-garden. O mesmo se está vendo em Espanha.

Entendi, e estou firme, que formar o repertório nacional era uma grande missão civilizadora, que todos, que a Nação, que o govêrno — onde há govêrno — deviam, não só auxiliar e proteger, mas promover e estimular. Esta convicção me fez provocar o decreto de 12 de Outubro de 1838 que facilitou os prêmios do Conservatório Real para as peças originaes, e me fez aturar com paciência os despeitos e malquerenças que dessa instituição resultaram. Todos os que, levados do impulso que efectivamente se tem dado a êste género de literatura, aí tem escrito para o teatro, experimentaram a desinteressada vontade, e quasi abnegação própria com que procurei auxiliá-los.

Para os animar e proteger, propus, e consegui fazer passar, na Câmara dos Deputados, a lei da propriedade literária, que lhes segurava o razoado prémio de seus trabalhos : e se passar na outra câmara, estou crente que basta ela para nos dar um teatro nacional. Infelizmente a lei tem-se demorado quatro anos. Quis suprir a sua falta formando uma espécie de associação de *seguro-mútuo* entre os autores para se protegerem contra as duras e *proverbiais* tiranias dos empresários. E comunicando o plano aos meus amigos, os sr.s. A. Herculano e A. F. de Cast'elho, que por tantos motivos eu desejava se pusessem à frente da associação, chegou ela a estar, se pode dizer, formada ; e por duas vezes, em 1838 e 1839, tive quasi arranjadas com a empresa do teatro as estipulações necessárias.

Não só falharam as minhas diligências e esforços ; mas delas quis tirar pretexto a má fé acintosa e baixa para me argüir do espantoso crime de querer tirar grossos proveitos de minhas composições teatrais. E se eu tivesse essa pretensão, forte pecado ! — Mas não tive. Estão vivos e são os distintos literatos que sabiam, aprovavam e cooperavam nos meus projectos, que sabem e testemunham o desinterêsse (quasi ridículo nestas éras utilitárias em que vivemos) com que os empreendi e promovi. — Levei o meu louco escrúpulo — certamente louco — ao ponto de entregar na caixa do Conservatório Real, para se aplicar às despesas das escolas, o produto dos honorários que recebera do teatro o meu drama *O Auto de Gil-Vicente*. (1)

Digo escrúpulo louco, porque é falsa e viciosa vergonha em um homeni de letras, o não querer tirar proveito delas. É assim, é mau exemplo, dá ares de uma espécie de fidalguice tóla ; mas eu tinha tomado a minha posição de mais alto, e entendi que descia, se fizesse de outro modo. E o que eu chamo posição aqui e chamei inda agora *missão*, não cuide

(1) Do que tenho em meu poder recibo em fórma, do tesoureiro.

alguém que era o tal cargo de Inspector gera dos teatros, de que me fizeram tanto favor em me aliviar ; era uma coisa que eu sinto melhor do que sei explicar, e que desde que me entendo me fez sempre olhar para a restauração, ou antes fundação, do nosso teatro como para um objecto santo e sublime, uma questão de independência nacional, um ponto de honra para este país em que nasci.

Pode haver pois fanatismo, não há affectação no meu desinteresse. Algum proveito tenho tirado da publicação pela imprensa de meus trabalhos literários ; e não me peja nem pêsá disso.

Amigos, que eu sei que o são, exigem há muito tempo que eu dêsse ao público estas explicações. Repugna-me occupar as colunas dos jornais com coisas minhas tam pessoais e particulares : mas aqui não são tam mal cabidas. Cedo pois e faço-lhes a vontade, por lhes fazer a vontade : não que eu creia em que a mais clara verdade empeça de mentir quem faz gosto ou tem interesse em mentir ou em crer mentiras.

A calúnia é como as trevas, quanto mais grossas são, menos se vê.

Nota C

Um facto notável, cujas circunstâncias exteriores minuciosamente nos deixou escritas uma testemunha respeitável. pag. 168

É um dos opúsculos de Garcia de Rezende, por título *Hida da infanta Dona Beatriz pera Saboya*, que anda com as suas obras. Al se verá que o sarau do paço, o auto, o galão Santa Catarina e tudo o mais de que me servi, são perfeitamente históricos.

Nota D

A tragicomédia que naquela ocasião compôs e foi representada na côrte. pag. 163

Veja a nota antecedente : Garcia de Rezende, log. cit., fol. 99 ; ed. de 1752 ; Gil-Vicente, tom. 2.º, pag. 295 e seg., ed. de 1834.

Nota E

E talvez ainda se envergonhem pag. 170

No momento que se escreveu isto, ainda me eu affligia com destemperos : ç agora para quê ? Ou rir-se a gente, ou olhar com indiferença para tudo o que por aí vai por essa terra, é o que se pode e deve fazer sòmente.

Nota F

É boa, mas talvez imperfeita esta figura. pag. 176

A razão por que se não desenvolveu mais amplamente carácter de Gil-Vicente já se deu no prólogo.

Nota G

A desfeita de o colocar (André de Rezende) entre as pessoas mudas... O historiador (Garcia de Rezende) apenas fala, o antiquário e moralista nem abre a bôca, etc. pag. 176

Se o autor fôsse a fazer a vontade ao elegante e urbano censor, era preciso fazer uma comédia maior que as de Jorge Ferreira. É evidente porque se não fez.

Nota H

O autor deve ao seu estabelecido crédito de purista da lingua o fazê-las (certas frases) justificar. pag. 177

Não diz o censor quais fôsem : alguém quis adivinhar que a principal destas frases suspeitas era — ç que o fará

à maravilha, porque este à *maravilha* se parece com o à *merveille* francês. E assim é que se parece, mas é legítimo português contudo.

Agora acrescentarei, por esta ocasião, que não creio em puritanismos exaltados de nenhuma espécie. Em linguagem, em tudo, a sinceridade é indulgente e franca e inimiga de affectados rigorismos.

Nota I

Niña la casó su padre 189

Estes versos, os das pag. 186, 224, 233, 234, 241, 242 e 243 são textualmente do drama *Côrtes de Júpiter* de Gil-Vicente, que nesta ocasião se representou, como aqui se diz.

Nota J

Este livro! . . . São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém. pag. 261

No rigor histórico é certamente anacronismo supor já na mão da infante o livro das *Saüdades* de Bernardim-Ribeiro, cujas primeiras linhas logo indicam ter sido composto depois de sua partida. — «Menina e môça a longes terras me levaram», diz o enamorado trovador. Mas não se fazia aqui uma história, senão um drama. Nem é absolutamente impossível que, desde que se tratou definitivamente da partida de D. Beatriz, o apaixonado romancista a dêsse por ida e perdida para êle, em suas lastimadas queixas.

Em vez das poucas linhas que do mesmo livro lê a infante nesta scena, pudera-se ter posto alguma coisa que imitasse os perdidos *Ecos* de Bernardim-Ribeiro, um dos quais começava — «Eco, pois pelo meu mal.», Assim o aconselharam ao autor, mas êle imaginou, porventura com razão, que

valia mais a prosa original de Bernardim-Ribeiro, do que os versos imitados seus, — que só imitados podiam ser.

Nota K

Arremessa-se pela varanda do galeão, ao mar
(rubrica). pag. 277

Em a nota E ao canto nono do poema *Camões*, se promete ilustrar o ponto destes amores de Bernardim-Ribeiro e de sua romanesca vida. Mas não me atrevo por ora a cumprir tal promessa. Aqui atirei com êle ao mar porque me era preciso : e o público disse que era bem atirado. É o que me importa. Se êle foi ou não a Sabóia depois, como eu já cuidei averiguado, se andou doido pela serra de Sintra, também me não atrevo a certificar. — O que parece mais certo é que *não morreu de paixão* porque depois foi feito comendador da ordem de Cristo, e governador de S. Jorge da Mina, onde talvez morresse de alguma carneirada : materialissimo e mui prosaico fim de tam romântica, saúdosa e poética vida.

Aprendeí aqui, ó Beatrizes dêste mundo !



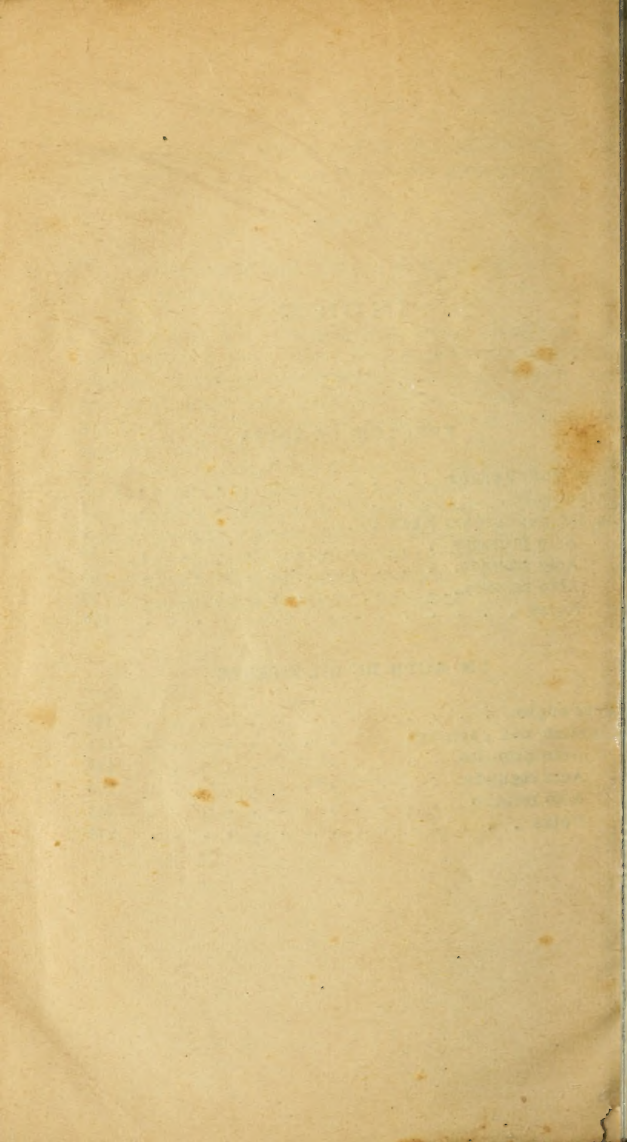
ÍNDICE

FREI LUÍS DE SOUSA

DOIS MONUMENTOS	v
INTRODUÇÃO	1
AO CONSERVATÓRIO REAL	5
Acto primeiro	19
Acto segundo.	55
Acto terceiro	93
Notas	124

UM AUTO DE GIL-VICENTE

INTRODUÇÃO.	157
PREFÁCIO DOS EDITORES	171
Acto primeiro	189
Acto segundo.	220
Acto terceiro	254
Notas	278



COLECÇÃO LUSITÂNIA

A mais encantadora e selecta das coleções portuguezas. Volumes luxuosamente encadernados em percalina com capa de resguardo a côres

VOLUMES PUBLICADOS :

- 31 — **Mulheres da Beira**, por Abel Botelho.
- 32 — **Alfageme de Santarém e D. Filipa de Vilhena** por A. Garrett.
- 33 — **Flor d'Alisa**, por Lamartine.
- 34 — **Maria da Fonte**, por C. C. Branco.
- 35 — **O illustre Dr. Mateus**, por Ereckmann Chatrian.
- 36 — **Claudio**, por Lamartine.
- 37 — **Dama das Camélias**, por A. Dumas.
- 38 — **No Bom Jesus do Monte**, por C. C. Branco.
- 39 — **Manon Lescaut**, pelo abade de Prévost.
- 40 — **Contos escolhidos**, por Júlio Brandão.
- 41 — **Os sacrificados (contos da guerra)**, por João Grave.
- 42 — **O Senhor Deputado**, por Júlio Lourenço Pinto.
- 43 — **Eugénia Grandet**, por Balzac.
- 44 — **Os que amam e os que sotrem**, por João Grave.
- 45 — **Infâmia de Frei Quintino**, por Urbano Loureiro.
- 46 — **Regina e Graziela**, por Lamartine.
- 47 — **D. Branca**, por A. Garrett.
- 48 — **Fábulas**, por Lafontaine.
- 49 — **Os amores de Filipe**, por Octávio Feuillet.
- 50 — **Almas inquietas**, por João Grave.
- 51 — **Pertis Biográficos**, por Camilo C. Branco.
- 52, 53, 54, 55 e 56 — **Os Miseráveis**, por Vitor Hugo.
- 57 — **Poetas do Amor**.
- 58 — **Teatro de Gil Vicente**.
- 59, 60 e 61 — **O homem que ri**, por Victor Hugo.
- 62 — **Poesias**, por Francisco de Sá de Miranda.
- 63 — **Teatro de Camões**.

NOVOS VOLUMES NO PRÉLO

Obras de ERNESTO RÉNAN



HISTÓRIA DAS ORIGENS DO CRISTIANISMO :

- 1.^o — **Vida de Jesus**, tradução do Dr. Campos Lima, 1 vol.
- 2.^o — **Os Apóstolos**, história da origem do cristianismo, segundo o livro, desde a morte de Jesus até as grandes missões de S. Paulo, 1 vol.
- 3.^o — **S. Paulo**, tradução do Dr. Campos Lima, 1 vol.
- 4.^o — **Anti-Cristo**, tradução do Dr. Campos Lima, 1 vol.
- Da História das Origens do Cristianismo, este é o livro IV, que vai desde a chegada de S. Paulo a Roma até a revolução judaica (61-73).
- 5.^o — **Os Evangelhos e a segunda geração cristã**, tradução do Dr. Eduardo Pimenta, 1 vol.
- 6.^o — **A Igreja Cristã**, tradução do Dr. Eduardo Pimenta, 1 vol.
- 7.^o — **Marco Aurélio e o fim do mundo antigo**, tradução de Eduardo Pimenta, 1 vol.

PEDIR CATÁLOGO